

Zhenhong Xu

**O USO DA ANÁFORA DIRETA
EM PORTUGUÊS EUROPEU E EM MANDARIM:
Contributos para o seu Estudo**

Dissertação de Mestrado em Português Como Língua Estrangeira/Língua Segunda (PLELS), orientada pela Doutora Maria Conceição Carapinha Rodrigues, apresentada ao Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

2017



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Letras

O USO DA ANÁFORA DIRETA EM PORTUGUÊS EUROPEU E EM MANDARIM: Contributos para o seu Estudo

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Dissertação de Mestrado
Título	O uso da anáfora direta em português europeu e em mandarim: contributos para o seu estudo
Autora	Zhenhong Xu
Orientadora	Doutora Maria Conceição Carapinha Rodrigues
Júri	Presidente: Doutora Cristina Santos Pereira Martins
	Vogais:
	1. Doutora Maria Conceição Carapinha Rodrigues
	2. Doutora Maria Joana de Almeida Vieira dos Santos
Identificação do Curso	2º Ciclo em Português Como Língua Estrangeira/Língua Segunda (PLELS)
Área científica	Linguística
Especialidade/Ramo	Linguística Aplicada
Data da Defesa	25-09-2017
Classificação	18 valores



Agradecimentos

Gostaria de agradecer, de forma muito especial, à minha orientadora, Professora Doutora Maria da Conceição Carapinha Rodrigues, da Universidade de Coimbra, pela sua orientação séria, pela dedicação, pela paciência, pela confiança que me permitiram concluir a minha tese. Estou grata e honrada por ser sua aluna!

Às professoras do curso de Português Língua Estrangeira e Língua Segunda (PLELS), Doutora Cristina Martins, Doutora Ana Cristina M. Lopes e Doutora Isabel Pereira, pela dedicação e pela partilha de conhecimentos durante o primeiro ano do curso.

Às professoras da UFRN, Doutora Carla Maria Cunha e Doutora Erica Reviglio Iliovitz, pela dedicação e pelo amor durante um ano de estudo no Brasil (2012 - 2013). Por causa delas, abri o meu coração para a língua portuguesa e a linguística.

Às professoras da GDUFS Wenxu Zhou e Yuanyuan He, pela partilha de conhecimentos durante a licenciatura.

Às Professoras Tânia Santos Ferreira e Sara Topete de Oliveira Pita, pela disponibilidade e pelo apoio para recolha dos dados.

Aos meus amigos, especialmente ao Zhou Yi, por ter ajudado a desenhar as imagens, e ao meu grande amigo Gustavo, por sempre me ajudado desde o início da aprendizagem de português.

Aos meus queridos amigos Jiali, Oscar, Jiang Run, Joana, Lilin, Shanna, Emília e Zhexiu, pela companhia, pelas palavras motivadoras e pelo apoio que tiveram comigo durante este ano.

À minha família, em especial aos meus amados pais e irmãos, por apoiarem sempre as minhas decisões; aos meus amados avós, por juntos termos vividos tempos inesquecíveis. Amo-vos, onde quer que estejam.

Resumo

O presente trabalho pretende estudar o uso da anáfora direta nos textos produzidos por aprendentes chineses de Português como Língua Estrangeira/Segunda (PLE/L2). Mais especificamente, a dissertação tem como objetivo principal analisar a forma como os aprendentes chineses de PLE/L2 de diferentes níveis de proficiência em língua (Nível B1 e Nível C1) utilizam expressões anafóricas de natureza correferencial (anáfora pronominal, anáfora zero e anáfora nominal) para estabelecerem cadeias referenciais ao longo do desenvolvimento do texto e a forma como as distribuem no texto. Os dados que sustentam a nossa análise são provenientes de um *corpus* de 45 textos escritos produzidos por dois grupos de aprendentes chineses (B1 e C1) e por um grupo de alunos portugueses que constitui o grupo de controlo.

A análise mostrou-nos que, no processo de introdução de entidades novas, os aprendentes chineses preferem um sintagma nominal definido e têm problemas em lidar com os artigos indefinidos/definidos; já no que toca à retoma anafórica, a anáfora nominal (por repetição) é a predominante no âmbito da anáfora direta. Os aprendentes de B1 andam distanciados dos nativos no que toca aos três tipos da anáfora direta. Estes aprendentes tendem a fazer uma utilização redundante da anáfora nominal por repetição, para estabelecem relações anafóricas pronominais; recorrem apenas aos pronomes pessoais (sujeito e oblíquo) e limitam-se a utilizar a anáfora zero em certas estruturas sintáticas bem como em orações coordenadas copulativas. Por seu turno, o uso da anáfora nominal e da anáfora pronominal pelos aprendentes de C1 aproxima-se do apresentado pelos falantes nativos em termos quantitativos, mas o uso que os aprendentes chineses fazem da anáfora pronominal é problemático. Por sua vez, o uso da anáfora zero surge quantitativamente distanciado do uso relevado pelos falantes nativos e revela-se, também ele, problemático.

Estes resultados permitem-nos concluir que, no nível B1, as estruturas em causa ainda não estão dominadas e que a anáfora direta constitui um recurso de difícil utilização; no nível C1, o uso adequado da anáfora pronominal e da anáfora zero ainda não está consolidado.

Palavras-chave: Coesão, Referência, Anáfora Direta, Aprendentes Chineses, PLE

Abstract

The present work intends to study the use of the direct anaphora in written texts produced by Chinese learners of Portuguese as a foreign/second language (PFL/L2). More specifically, this dissertation has as its main objective to analyze the way the Chinese learners of PFL/L2 at different proficiency levels (level B1 and level C1) use anaphoric expressions of correferencial nature (pronominal anaphora, zero anaphora and nominal anaphora) to establish referential chains along with the development of the text and the way they distribute in the text. The data underpinning our analysis comes from a corpus of 45 written texts produced by two groups of Chinese learners (B1 e C1) and by a group of Portuguese students, which is the control group.

The analysis showed us that, in the process of the introduction of new entities, Chinese learners prefer a defined noun phrase and have problems with the indefinite and definite articles; with regards to the anaphoric recovery, the nominal anaphora (repetition) is the predominant in the frame of the anaphora. The B1 Chinese learners are distanced from the native speakers in relation to the three types of anaphora. These learners tend to use redundantly nominal anaphora (repetition) to establish pronominal anaphoric relations; they resort only to the personal pronouns (subject and oblique) and limit themselves to using zero anaphora in certain syntactic structures as well as in copulative coordinate clauses. The use of the nominal anaphora and the pronominal anaphora by C1 Chinese learners is approaching to what's presented by native speakers in quantitative terms, but the use of the pronominal anaphora by these Chinese learners is still problematic. On the other hand, the use of the zero anaphora is distanced from what's revealed between the native speakers with respect to the quantity and it is also problematic.

These results allow us to conclude that, at level B1, the Chinese learners do not yet dominate the structures concerned and the direct anaphora constitutes a difficult resource to use; at level C1, the proper use of the pronominal anaphora and the zero anaphora is not yet consolidated.

Keywords: Cohesion, Reference, Direct Anaphora, Chinese Learners, PFL

ÍNDICE

Agradecimento	I
Resumo	II
Abstract	III
Índice	IV
Índice de tabelas e gráficos	VI
Lista de abreviaturas	VIII
Introdução	1
Capítulo I. Enquadramento teórico	5
1.1. Estudos sobre o texto	5
1.1.1. Definição de 'texto'	5
1.1.2. Coesão e coerência	8
1.1.3. Mecanismos de coesão	11
1.1.4. Coesão referencial	12
1.2. Propostas de classificação de expressões anafóricas	14
1.2.1. Anáfora direta ou correferencial	15
1.2.1.1. Anáfora nominal	16
1.2.1.2. Anáfora pronominal	18
1.2.1.3. Anáfora zero	20
1.3. Teorias sobre anáfora	21
1.3.1. Teorias sobre processamento e resolução de expressões anafóricas	21
1.4. Anáfora e ensino	26
1.4.1. O interesse da anáfora no ensino de LE/L2	26
1.5. Anáfora em PE e em Mandarim.....	31
Capítulo II. Metodologia	43
2.1. Interesses e objetivos do estudo	43
2.2. Construção do <i>corpus</i>	43
2.2.1. Descrição do estímulo	44
2.2.2. Descrição do <i>corpus</i>	45
2.3. Informantes	46

2.3.1. Escolha dos informantes	46
2.3.2. Caracterização sociolinguística dos informantes.....	47
Capítulo III. Análise do <i>corpus</i>	51
3.1. Introdução de entidades	54
3.1.1. Estratégias de introdução de entidades	55
3.1.2. Desvios na introdução de entidades	58
3.2. Retomada de entidades	61
3.2.1. Estratégias de retomada de entidades	63
3.2.1.1. Anáfora nominal	65
3.2.1.2. Anáfora pronominal	70
3.2.1.3. Anáfora zero	75
3.2.2. Desvios na retomada de entidades	80
3.2.2.1. Desvios no uso da anáfora nominal	82
3.2.2.2. Desvios no uso da anáfora pronominal	87
3.2.2.3. Desvios no uso da anáfora zero	92
Considerações finais	97
Bibliografia	101
Anexos	109
Anexo I.	110
Anexo II.	111
Anexo III.	113
Anexo IV.	114
Anexo V.	115
Anexo VI.	118
Anexo VII.	123

Índice de tabelas e gráficos

Tabela 1 - Pronomes pessoais em PE e em mandarim	38
Tabela 2 - Pronomes possessivos em PE e em mandarim	39
Tabela 3 - Pronomes demonstrativos em PE e em mandarim.....	39
Tabela 4 - Distribuição de textos por grupos de informantes em função do nível de proficiência em PLE	46
Tabela 5 - As cadeias referenciais, por entidades, num texto de B1	51
Tabela 6 - As cadeias referenciais, por entidades, num texto de C1	53
Tabela 7 - Número absoluto e percentual da anáfora direta em relação ao número total de palavras de textos	62
Tabela 8 - Percentagem das anáforas diretas em relação ao número total de palavras de textos	63
Tabela 9 - Percentagem dos diferentes tipos da anáfora nominal em relação ao número total de palavras de textos	65
Tabela 10 - Tipologia da anáfora pronominal	70
Tabela 11 - Número total e percentual da anáfora zero em relação ao número total de palavras de textos	76
Tabela 12 - Percentagem de desvios em relação ao número total de respectivas anáforas.....	81
Tabela 13 -Número total e percentual do uso inadequado da anáfora nominal	83
Tabela 14 - Número total e número percentual de desvios da anáfora pronominal	87
Tabela 15 - Número total e número percentual de desvios da anáfora zero	93
Gráfico 1 - A idade dos informantes	48
Gráfico 2 - Outras línguas estrangeiras dos informantes	49
Gráfico 3 - Formas de introdução de entidades novas	55
Gráfico 4 - Distribuição de desvios na introdução de entidades no universo textual	59
Gráfico 5 - Distribuição das anáforas diretas nos três grupos de informantes	63
Gráfico 6 - Número dos diferentes tipos da anáfora nominal	65
Gráfico 7 - Distribuição da anáfora pronominal por entidades	73
Gráfico 8 - Distribuição da anáfora zero em estruturas sintáticas	76

Gráfico 9 - Distribuição de número total de desvios na anáfora direta	81
Gráfico 10 - Tipologia de ocorrências desviantes da anáfora nominal	83
Gráfico 11 - Tipologia de ocorrências desviantes da anáfora pronominal	88
Gráfico 12 - Tipologia do uso inadequado da anáfora zero	94

Lista de abreviaturas

CN	Classificadores Numerais
CR	Cadeia Referencial
FLE/L2	Francês Língua Estrangeira/Segunda
ILE/L2	Inglês Língua Estrangeira/Segunda
LE/L2	Língua Estrangeira/Segunda
LM	Língua Materna
NP	Nome Próprio
PE	Português Europeu
PLE	Português Língua Estrangeira
PLE/L2	Português Língua Estrangeira/Segunda
QECR	Quadro Europeu Comum de Referência
SN	Sintagma Nominal

Introdução

O presente trabalho pretende analisar o uso da anáfora direta em textos escritos por aprendentes chineses de português como língua estrangeira/segunda (PLE/L2), com base num *corpus* de 45 textos escritos a partir de uma sequência de imagens.

A escolha da anáfora direta como o tema de análise decorre do facto de esta ser um aspeto muito relevante no âmbito da coesão textual e, mais especificamente, no âmbito da coesão referencial. É sabido que o texto não é apenas uma soma de palavras ou frases. Na verdade, a organização de um texto depende do estabelecimento de relações entre os vários elementos linguísticos “que compõem [essa] sequência significativa” (Fávero & Koch, 1998: 13), e depende, em particular, das relações referenciais.

A referência (ou capacidade referencial) é uma característica de algumas expressões (SN, alguns pronomes e alguns advérbios, por exemplo) que são capazes de designar entidades do universo extralinguístico. A essas entidades chamamos 'referentes'.

Para garantir a coerência de um texto, é necessário que haja continuidade informativa. Ora, a referência às mesmas entidades, ao longo do texto, garante essa continuidade, permitindo construir uma certa unidade semântica. A rede de relações referenciais que se estabelece dentro do texto, entre expressões linguísticas que designam a mesma entidade ou a mesma situação (o mesmo referente) (Mendes, 2013: 1702) contribui para criar esse campo temático integrado. Com efeito, estas cadeias de referência, ao permitirem designar a mesma entidade, funcionam como um mecanismo integrador (Tedesco, 2014: 31), pois permitem conectar informação relativa ao mesmo tópico.

Para assegurar a referência às mesmas entidades, ao longo do texto, isto é, para criar cadeias referenciais, a anáfora é um dos mecanismos mais recorrentes. A anáfora, nas palavras de Lopes e Carapinha (2013), é um processo em que uma expressão referencialmente dependente retoma, total ou parcialmente, o valor semântico-referencial de uma outra expressão presente no texto anterior. Nesta sequência, falamos de anáfora direta quando uma expressão retoma o valor semântico-referencial total de uma outra expressão anteriormente usada, isto é, quando uma expressão designa exatamente o mesmo referente que uma outra

anteriormente usada, gerando, assim, correferência.

É óbvio que estes mecanismos anafóricos desempenham um importante papel no processo de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras/segundas (LE/L2); de facto, trata-se de um recurso que contribui para a coesão textual e, indiretamente, para a coerência.

Sendo conhecido que o uso da anáfora apresenta particularidades em função das línguas, a observação de textos escritos por alunos estrangeiros permite-nos afirmar que existem problemas no que diz respeito à escolha adequada da expressão anafórica a usar e, portanto, à construção do sentido do texto.

Para o sucesso do ensino de LE/L2, é preciso adotar uma abordagem mais textual e não se ater só a palavras ou frases isoladas, pois muitos aprendentes de LE/L2 conhecem muitas palavras de LE/L2 e têm uma razoável competência lexical, mas a sua competência de produção textual pode ser dificultada por carência de conhecimentos no que toca à escolha da expressão anafórica adequada a certos contextos, isto é, no que diz respeito ao plano macro da construção textual e muitas vezes acontece-lhes que não conseguem construir um texto coeso. Muitos estudos mostram também que os aprendentes chineses de inglês língua estrangeira/segunda (ILE/L2) possuem capacidades limitadas de organização do texto. Por exemplo, Chen (2007: 51) observa um fenómeno muito típico entre os alunos chineses licenciados em inglês língua estrangeira/segunda (ILE/L2) que se traduz na tendência de utilizar excessivamente a repetição lexical para estabelecer relações referenciais, em vez de recorrer à sinonímia e à hiperonímia nos seus textos.

Acrescente-se ainda o facto de o mandarim e o português serem línguas que possuem propriedades distintas a respeito quer da morfologia quer da sintaxe frásica, uma vez que o mandarim é uma língua que praticamente não apresenta o fenómeno da flexão e é uma língua de tópico proeminente, ao passo que o português exhibe uma grande riqueza na sua morfologia verbal e é uma língua de tipo SVO (a ordenação sintática prototípica é: Sujeito – Verbo – Objeto(s)). Deste modo, é interessante explorar a aquisição da anáfora direta, em português, por falantes chineses de PLE/L2 e as dificuldades que eles encontram face à sua utilização.

O nosso estudo tem como objetivo principal analisar a forma como os aprendentes chineses de PLE/L2, de dois níveis de proficiência distintos, utilizam a anáfora direta para estabelecer cadeias referenciais ao longo do desenvolvimento do texto; descrever quais as expressões

anafóricas preferenciais dos diversos grupos de informantes (classes sintáticas usadas); e a forma como se distribuem no texto. Neste sentido, o nosso trabalho pretende responder às seguintes perguntas de investigação:

- i) Que relações anafóricas diretas se estabelecem nos textos de português escritos pelos aprendentes chineses? Qual é a distribuição da anáfora direta nos textos?
- ii) Quais as dificuldades evidenciadas pelos aprendentes chineses na aquisição da anáfora direta em função de nível de proficiência de língua?
- iii) A língua materna (LM) dos aprendentes chineses tem influência na escolha da expressão anafórica em português?

O presente trabalho está estruturado em três capítulos assim distribuídos: no primeiro capítulo, é apresentado o enquadramento teórico; o segundo capítulo aborda a metodologia; no terceiro capítulo são apresentados os dados e discutidos os resultados obtidos; a secção final apresenta as conclusões.

O primeiro capítulo, referente ao enquadramento teórico, é dividido em cinco secções. Na primeira secção, apresentamos o conceito de 'texto' abordado por autores como Koch (2012), Halliday e Hassan (1976), Duarte (2003), Lopes (2005), com destaque para o conjunto de características que tornam um conjunto de enunciados um texto – propriedade apelidada de *textura* por Halliday e Hassan (1976) e de *textualidade* por Beaugrande e Dressler (1981). A seguir, focamo-nos, em particular, na coesão e na coerência, duas propriedades textuais distintas (mas interligadas) do texto, abordadas por diferentes autores, entre eles, Beaugrande e Dressler (1981), Halliday e Hassan (1976), Duarte (2003), Schiffrin (1987), Enkvist (1990), Tanskanen (2006). Procede-se à definição da propriedade da coesão e à descrição detalhada de mecanismos de coesão, sob a perspectiva de Lopes e Carapinha (2013). Para concluir a primeira secção desse capítulo, descreve-se o mecanismo de coesão referencial através da noção de referência apresentada por Mendes (2013), Fávero e Koch (1998) e Gernsbacher (1996).

Na segunda secção, apresentamos uma definição de anáfora e a tipologia de expressões anafóricas utilizada. A partir desta tipologia, fazemos uma breve descrição de três tipos de anáfora direta (correferencial): a anáfora nominal, a anáfora pronominal e a anáfora zero.

Já na terceira secção, e através de algumas perspectivas teóricas distintas que dizem respeito

ao processamento e à resolução das anáforas, identificamos os fatores que podem influenciar a escolha da expressão anafórica.

Depois, na quarta secção, abordamos o desafio que o ensino da anáfora direta constitui no ensino de PLE.

Na quinta e última secção do primeiro capítulo, em conformidade com as propriedades apresentadas pela anáfora nominal, pela anáfora pronominal e pela anáfora zero do português europeu e do chinês, esclarecemos a diferença entre essas duas línguas quanto ao uso da anáfora direta.

O segundo capítulo apresenta a metodologia de análise do estudo e compreende os seguintes tópicos: i) interesses e objetivos do estudo; ii) o método de construção do *corpus* que constitui a base da análise: a criação das imagens que serviram de estímulo para a produção de textos escritos; e a descrição do *corpus*; iii) a seleção e descrição dos informantes e a respetiva caracterização sociolinguística.

O terceiro capítulo apresenta a análise dos dados. De acordo com os objetivos definidos para o presente estudo, apresentamos os dados, calculamos e categorizamos as expressões anafóricas diretas produzidas nos textos dos dois grupos experimentais de aprendentes chineses e nos textos de um grupo de controlo constituído por alunos portugueses e apresentamos a interpretação das ocorrências da anáfora nominal, da anáfora pronominal e da anáfora zero, bem como identificamos e categorizamos os desvios no uso destas anáforas. A partir desta análise, quantitativa e qualitativa, realizamos um confronto entre os dados dos grupos experimentais e do grupo de controlo.

Na secção final do presente estudo, apresentam-se as conclusões que decorrem da análise efetuada.

Capítulo I. Enquadramento teórico

1.1. Estudos sobre o texto

Os estudos sobre o texto são um ramo relevante da Linguística. Desde a década de 60 até à atualidade, tem surgido uma variedade de abordagens centradas no texto, as quais, segundo Conte (1977) *apud* Fávero e Koch (1998: 13), englobam a análise transfrástica (Harweg, 1968; Weinrich, 1973), a gramática textual (Van Dijk, 1972) e a teoria de texto (Beaugrande & Dressler, 1981)¹. O principal objetivo destas abordagens é “estudar os tipos de relação que se podem estabelecer entre os diversos enunciados que compõem uma sequência significativa” (Fávero & Koch, 1998: 13), mas também compreender de que modo um texto se constrói como texto, isto é que fatores se conjugam para gerar a sua textualidade.

O interesse dos estudos linguísticos está, pois, agora, muito centrado na análise do texto, isto é, muitos investigadores fazem, hoje, uma abordagem mais textual ou discursiva que se interessa já não pela frase criada pelo investigador, mas pelo texto autêntico inserido no seu contexto de ocorrência. Cabe salientar que, neste trabalho, consideramos os dois termos “texto” e “discurso” como sinónimos, à semelhança de Coseriu (1977: 125, *apud* Guimarães, 2005: 15) e de Fonseca (1992), e essa entidade – o texto/discurso –vai passar a ser a unidade em análise.

1.1.1. Definição de ‘texto’

Quando algumas palavras ou frases isoladas e sem qualquer congruência semântica se conjugam, certamente não consideramos esse conjunto como um texto, pois esse aglomerado de palavras ou frases não faz sentido, uma vez que não conseguimos estabelecer uma relação lógica entre elas. Isto significa que o texto é não apenas uma simples soma das palavras/frases; segundo Koch (2012: 11), “a diferença entre frase e texto não é meramente de ordem quantitativa; é, sim, de ordem qualitativa.”

No livro de Halliday e Hasan intitulado *Cohesion in English* e publicado em 1976, os autores (1976: 1-2) definem o termo *texto* da seguinte forma: “The word TEXT is used in linguistics to refer to any passage, spoken or written, of whatever length, that does form a

¹ Conte (1977) assinala que se trata de uma sucessão de desenvolvimentos teóricos, mas que entre eles as diferenças são mais de conteúdo do que mera ordenação temporal.

unified whole.” E mais abaixo, os mesmos autores acrescentam ainda: “A text is a unit of language in use. It is not a grammatical unit, like a clause or a sentence; and it is not defined by its size.”

Com base nestas citações, o texto é entendido como um fragmento linguístico unificado, de extensão variável, escrito ou oral. Pode ser também definido como uma unidade em uso e não como uma unidade de natureza gramatical, como uma frase de maior ou menor dimensão. Mais adiante, os autores destacam que o texto é uma entidade semântica, ou seja, uma entidade de sentido e não de forma. Este aspeto é importante, pois não é a forma que o caracteriza, mas sim as funções comunicativas que desempenha em determinadas situações. É necessário que tenha sentido e que seja relevante pragmaticamente, isto é, que mantenha uma relação compreensível com o contexto em que surge.

É neste sentido que devemos também interpretar a seguinte definição de texto, apresentada por Duarte (2003: 87):

(...) tanto os produtos resultantes do uso primário da língua na situação básica da conversa como os que resultam da língua escrita em situações não pessoais, tanto os produtos de um só locutor como os que resultam de uma actividade colaborativa de vários falantes são objectos dotados de sentido e de unidade – ou seja, são produtos coesos internamente e coerentes com o mundo, relativamente ao qual devem ser interpretados. A tais produtos chama-se **textos**.

É de novo a ideia de unidade de sentido que se torna central na definição de texto: ele é uma unidade comunicativa que só funciona em contexto, sendo verdade que esse contexto também o determina. Por outro lado, na citação anterior, também se enfatiza que os produtos textuais possuem uma configuração estrutural interna e uma significação global que os liga ao universo extraverbal (Guimarães, 2005).

Também Lopes (2005: 14-15) apresenta uma definição do texto que converge com as anteriores:

Entendido como fragmento verbal intencionalmente produzido por um sujeito ancorado num tempo e num espaço específicos, e dirigido a uma insistência de alteridade que de raiz desempenha um papel

decisivamente intervir na sua gênese e configuração, um texto/discursivo não se define pela sua extensão, mas antes pela sua unidade semântica e relevância pragmática.

É o texto a entidade que vai ser tomada como objeto de investigação preferencial, pois ele é a unidade básica através da qual os homens comunicam.

Na esteira de Halliday e Hasan (1976: 1), existe uma característica que permite a um fragmento linguístico ser reconhecido como um texto, isto é, a característica a que os autores chamam 'textura'. Este traço permite distinguir o texto do não texto, ou seja, do conjunto de frases aleatoriamente associadas sem qualquer tipo de entrosamento semântico. Para os autores, há três componentes relevantes que criam textura: "os sistemas temático, informacional e as relações de coesão". (*ibidem*, p.324-326).

O sistema temático é um sistema "speaker-oriented" (Halliday, 1994: 299) que permite ao locutor escolher o elemento que quer usar em posição temática e, portanto, apresentá-lo ao interlocutor como algo conhecido, ao mesmo tempo que escolhe o elemento que é apresentado como algo novo. O sistema informacional é "hearer-oriented" (*ibidem*, p.299) na medida em que organiza a informação em unidades relacionando-a de alguma forma com o contexto. As relações coesivas dizem respeito às relações semânticas estabelecidas entre elementos no texto e constituem o nosso objeto de investigação.

Beaugrande e Dressler (1981: 3), utilizam o termo *textuality* (textualidade) para designar as propriedades que permitem a qualquer fragmento linguístico ser reconhecido como um texto. Neste âmbito, os autores apresentam sete critérios de textualidade que configuram a entidade texto: intencionalidade, aceitabilidade, informatividade, situacionalidade, intertextualidade, coesão e coerência.

Apresentam-se assim dois termos em concorrência: o termo *textura*, com origem em Halliday e Hasan, relativo à organização da informação e às relações de interdependência semântica entre partes do texto; e o termo *textualidade*, proveniente da obra de Beaugrande e Dressler, que abarca mais propriedades para além das previstas por Halliday e Hasan. No entanto, para muitos autores, os dois termos convergem e são usados para referir as propriedades do texto, como se pode ver através da seguinte citação (Gorlée, 2004: 34): "A text functioning as a single significant unit must have an internal unity, its texture or textuality (...)."

Analisemos, então, as sete propriedades configuradas da textualidade.

A intencionalidade dá conta da intenção comunicativa do locutor ao produzir um fragmento linguístico bem ordenado e dirigido ao interlocutor. Relativamente à aceitabilidade, este parâmetro designa a atitude do interlocutor, “a qual se manifesta pela disponibilidade de aceitar a configuração do texto/discurso” (Mateus *et al.*, 2003: 87). Com respeito à informatividade, esta propriedade relaciona-se com a equilibrada articulação entre informação imprevisível e informação conhecida. A situacionalidade refere o nível de adequação de um texto a uma determinada situação comunicativa. A intertextualidade engloba o conjunto das relações que um texto mantém com outros textos, ou seja, diz respeito à “relação entre um determinado texto e outros textos relevantes, que fazem parte da experiência anterior do locutor/escritor e do alocutário/ouvinte” (*ibidem*, p.88). Enquanto a intencionalidade e a aceitabilidade estão centradas na relação do texto com os interlocutores, a situacionalidade, a informatividade e a intertextualidade centram-se na relação do texto com os diferentes tipos de contexto. As últimas propriedades do texto – a coesão e a coerência serão abordadas na secção seguinte.²

1.1.2. Coesão e coerência

Entre os sete critérios de textualidade referidos por Beaugrande e Dressler (1981), a coesão e a coerência são propriedades relevantes que se centram na organização interna do texto, e dizem respeito à sua continuidade de sentido. No que respeita à *coesão*, os autores (*ibidem*, p.3) afirmam que este conceito diz respeito à maneira através da qual os componentes da superfície textual estão mutuamente conectados, garantindo o estabelecimento de uma ligação semântica entre si.

Já Halliday e Hasan (1976: 4), e no que concerne ao conceito de coesão, declaram que:

The concept of cohesion is a semantic one; it refers to relations of meaning that exist within the text, and

² Leia-se o texto original: “A TEXT will be defined as a COMMUNICATIVE OCCURRENCE which meets seven standards of TEXTUALITY. If any of these standards is not considered to have been satisfied, the text will not be communicative.” (Beaugrande & Dressler, 1981: 3) Já Halliday e Hasan encaram a textura como uma propriedade associada à metafunção textual, uma componente da linguagem que permite criar sentido e textos coerentes.

that define it as a text. Cohesion occurs where the interpretation of some element in the discourse is dependent on that of another. The one PRESUPPOSES the other, in the sense that it cannot be effectively decoded except by recourse to it.

Na visão de Halliday e Hasan (1976), tal como na de Beaugrande e Dressler, o conceito da coesão é, portanto, baseado nas relações de dependência semântica entre elementos presentes no texto. Neste sentido, caso um elemento só possa ser interpretado através de outro elemento presente no texto, dizemos que existe uma relação coesiva. Por esta via, percebemos que a coesão diz respeito à maneira como os elementos no texto se encontram semanticamente interligados e à forma como se constrói o edifício semântico que é o texto (Halliday & Hasan, 1976: 26).

De acordo com Halliday e Hasan, as relações coesivas podem ser expressas através do sistema léxico-gramatical, o que implica que o estabelecimento de interdependências semânticas entre diferentes partes de um texto pode ser realizado através do recurso ao léxico ou a procedimentos de natureza gramatical.

Beaugrande e Dressler (1981) distinguem a coerência da coesão. Os autores (*ibidem*, p.6) observam que o conceito de coerência é um conceito relacionado com o modo como os componentes do ‘mundo textual’ são acessíveis aos e relevantes para os interpretantes. Este conceito é definível como uma configuração de conhecimentos (conteúdo cognitivo), construída no discurso do locutor, que pode ser recuperada ou ativada com mais ou menos unidade e consistência na mente do interlocutor. Na visão dos autores, a coerência não é, obviamente, uma mera característica do texto, mas é o resultado de processos cognitivos entre os usuários da língua. Por isso, Schiffrin (1987: 39) afirma que a coerência depende de “a speaker’s successful integration of different verbal and nonverbal devices to situate a message in an interpretive frame and a hearer’s corresponding synthetic ability to interpret such cues as a totality in order to interpret that message.”

Para ser coerente, um texto tem, portanto, de fazer sentido. Sob esta ótica, entende-se que um texto faz sentido quando existe congruência entre conhecimentos expressados por componentes presentes no ‘universo textual’ e conhecimento relativo ao ‘mundo real’. Neste sentido, Duarte (2003: 89) define a 'coesão' como um tipo de interdependência semântica das

ocorrências textuais que resulta de processos linguísticos de sequencialização, ao passo que a 'coerência' é entendida como um tipo de conectividade de natureza mais conceitual. Para a autora, a coerência pode definir-se como: “A interdependência semântica das ocorrências textuais [que] resulta de processos mentais de apropriação do real, e da configuração e conteúdo dos esquemas cognitivos que definem o nosso saber sobre o mundo (...).”

Desta forma, compreende-se que a coerência diz respeito ao mundo recriado no texto, que deve fazer sentido para quem o interpreta. A coerência é, pois, “o produto dos processos cognitivos postos em funcionamento” (Guimarães, 2009: 17) pelos ouvintes/leitores de um texto, que se guiam pela sua racionalidade, pela sua experiência e pela sua apreensão cognitiva do mundo para os interpretar.

Consideradas duas propriedades distintas, a coesão e a coerência apresentam óbvias articulações: a coesão diz respeito aos elementos da superfície textual que permitem construir o sentido do texto e que, de uma certa forma, contribuem para a construção da coerência. Por sua vez, a coerência é mais do que uma propriedade do texto, é o resultado da interação entre as informações constantes do texto e o conhecimento do mundo do ouvinte/leitor. Sem a coerência, um conjunto de expressões isoladas não consegue construir um texto, mesmo que haja vários nexos coesivos entre elas.

Entretanto, estes conceitos têm sido sujeitos a muita discussão nos círculos acadêmicos, relativamente à sua definição, à sua delimitação e relativamente à sua pertinência para a abordagem textual. Beaugrande e Dressler (1981) tratam a coesão e a coerência como dois critérios da textualidade claramente distintos, sem influência um no outro. No entanto, Enkvist (1990) *apud* Tanskanen (2006: 19) considera que não faz sentido identificar diferenças entre os dois, pois é difícil distinguir um do outro. Apesar disto, Tanskanen (2006: 21) chega a uma conclusão mais consensual:

Although cohesion and coherence will thus be kept separate, it is important to realise that the two phenomena are nonetheless related. There is an interplay between them in that the presence of cohesive devices in a text facilitates the task of recognising its coherence. In conclusion, it is firmly believed in the present study that successful communication depends on both cohesion and coherence, which are simultaneously independent and intertwined.

1.1.3. Mecanismos de coesão

No processo de construção de um texto coeso, estão sempre envolvidos vários mecanismos para que os elementos do texto estejam conectados. De acordo com Halliday e Hasan (1976: 4), é possível identificar os tipos da coesão de acordo com a sua forma linguística: referência, substituição, elipse, conjunção e coesão lexical³. Estes cinco mecanismos da coesão funcionam como “a 'cola' que liga as diferentes peças desta construção que é o texto” (Lopes & Carapinha, 2013: 31), permitindo construir relações semânticas entre elas. Neste sentido, e sem a coesão, o 'texto' torna-se um fragmento composto de elementos desconectados que não se relacionam uns com os outros.

Como foi já assinalado em 1.1.2., todos os processos léxico-gramaticais que assinalam uma relação semântica entre os vários elementos da superfície textual constituem mecanismos de coesão. Para o presente estudo, adaptamos o quadro de mecanismos coesivos referido por Lopes e Carapinha (2013: 35):

Processos léxicos-gramaticais:	[Coesão lexical (reiteração e substituição lexicais)
		Coesão referencial (diferentes tipos de anáfora)⁴
		Coesão interoracional e interfrásica (conectores)
		Coesão temporal (ordenação correlativa dos tempos)
		verbais e dos adjuntos adverbiais temporais)

A coesão lexical é um dos mecanismos da coesão textual, a qual é obtida através de recursos de natureza lexical: como a reiteração e a substituição lexicais. A reiteração lexical dá-se através da repetição de um item lexical e a substituição lexical consiste na substituição de um item lexical por outros que com ele mantêm relações semânticas de algum tipo, tais como relações de sinonímia, antonímia, hiperonímia e hiponímia. Vários autores consideram, aliás, que a coesão lexical desempenha um papel muito relevante na coesão textual, pois não

³ Leia-se o texto original: “The different kinds of cohesive tie provide the main chapter division of the book. They are: reference, substitution, ellipsis, conjunction, and lexical cohesion.”

⁴ Assinalámos a negrito o objeto de estudo desta dissertação.

só é o mecanismo coesivo mais frequente (Hasan, 1984; Hoey, 1991)⁵, como também constitui a forma mais elementar de interligar as diferentes partes do texto.

Por sua vez, os mecanismos da coesão gramatical subdividem-se nos mecanismos da coesão referencial, da coesão interoracional e interfrásica e da coesão temporal. Neste trabalho, concentramo-nos em explorar a coesão referencial.

A divisão acabada de traçar entre mecanismos de natureza lexical e de natureza gramatical é um pouco artificial e apenas ganha pertinência em termos de metodologia analítica. Na realidade, estes procedimentos encontram-se muitas vezes interligados e são interdependentes. Nota-se que alguns mecanismos de coesão lexical podem constituir o suporte de relações anafóricas, ou seja, de mecanismos de coesão referencial. A este propósito, Fávero e Koch (1998: 42) esclarecem que, gramaticalmente, os sintagmas como 'a gente', 'a pessoa', 'a coisa', 'o negócio' funcionam como itens de referência anafórica e, lexicalmente, são membros superordenados (hiperónimos), agindo como sinónimos dos itens a eles subordinadas (hipónimos).

1.1.4. Coesão referencial

Baseando-nos na proposta de Mendes (2013: 1702), entendemos o conceito de referência “como a propriedade que têm algumas expressões linguísticas, chamadas expressões referenciais, de designarem uma entidade particular do universo do discurso.” Esta capacidade é importante, pois quando falamos, usamos expressões linguísticas para designar entidades e objetos do mundo extralinguístico e a essa operação de os designar chamamos referir, ou seja, ao fazê-lo, estamos a construir referência.

É certo que, ao referir, podemos designar entidades do contexto situacional, ou do “espaço cognitivo determinado pelo discurso anterior e pela situação” (Duarte, 2003: 112) e a esse tipo de referenciação chamamos exofórica; o nosso objeto de estudo, todavia, recai noutra tipo de referência, a referência endofórica ou correferência, isto é, a propriedade partilhada por duas ou mais expressões que, no mesmo discurso, designam a mesma entidade, aquilo a que se

⁵ Embora não integre o nosso objeto de estudo, assinalamos que os estudos mais recentes sobre a coesão lexical, sobretudo no que respeita ao ensino de línguas estrangeiras, se apoiam no modelo de Hoey (1991) que constitui um desenvolvimento do modelo inicial de Halliday e Hasan.

chama 'referente'.

Ao permitirem designar (referir) a mesma entidade ao longo de um texto, estas expressões garantem uma certa continuidade temática, potenciando a unidade semântica do texto. A construção de cadeias de referência, ou seja, a existência de um conjunto mais ou menos alargado de expressões que referem a mesma entidade (e pode haver várias cadeias de referência num texto), “permitem, portanto, a construção de tópicos discursivos: uma entidade (ou um assunto) só se configura como tópico discursivo a partir do momento em que é retomada em unidades textuais superiores à frase” (Lopes & Carapinha, 2013: 112).

Como se define o conceito da coesão referencial? Para Koch (2012: 31), a coesão referencial é “aquela em que um componente da superfície do texto faz remissão a outro(s) elemento(s) nela presentes ou inferíveis a partir do universo textual”.

Para que se estabeleça a referência, diferentes expressões referenciais podem estar presentes no texto. Gernsbacher (1996) assegura que a coesão referencial pode ser obtida pela repetição de palavras ou enunciados que designam o mesmo referente, pelo uso do artigo definido e pelo uso da anáfora pronominal. Mendes (2013: 1702) apresenta, como casos de expressões referenciais, “pronomes pessoais e demonstrativos e as descrições definidas – sintagmas nominais cujo núcleo é um substantivo e que têm como especificador um determinante definido.” Neste sentido, por entre as expressões referenciais, contam-se diferentes classes sintáticas (Pronomes; Advérbios) e uma classe sintagmática (SN).⁶ De acordo com Gernsbacher (1996), os leitores interpretam as ‘indicações de coesão’ (*coherence cues*) como sinais para organizar a informação dada na estrutura ou subestrutura do texto que vem sendo desenvolvido. Os resultados dos testes efetuados e a que se reporta o estudo de Gernsbacher mostram que, enquanto os leitores constroem a sua estrutura mental, interpretam a informação repetida, o artigo definido ou a anáfora pronominal como indicadores de coesão referencial.

Para construir um texto coeso, é necessária a retoma de certos referentes para mantê-los ativados ao longo do texto. Essa retoma pode dar-se, como vimos, através de diferentes tipos de expressões. Falamos de anáfora quando uma destas expressões é usada num texto para

⁶ Ver, adiante, a secção 3.1.1, sobre outras possibilidades de gerar cadeias de referência (o caso de andar de bicicleta).

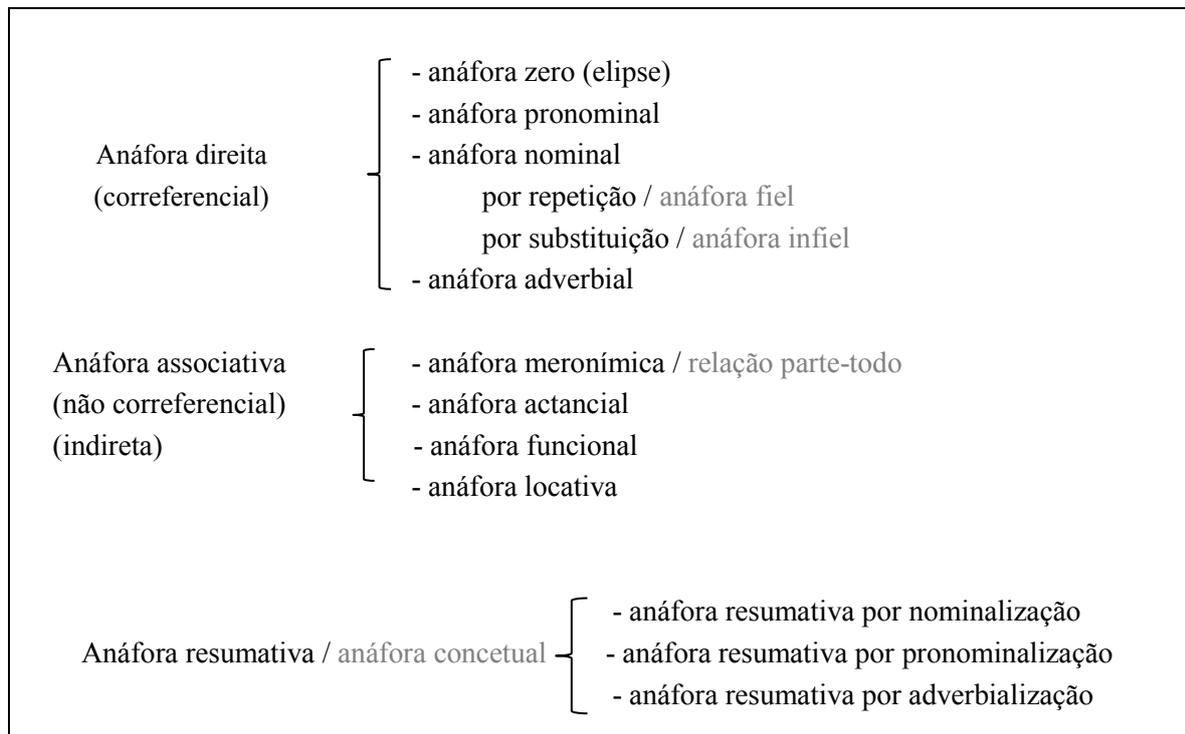
retomar “total ou parcialmente, o valor semântico-referencial de uma outra expressão, o antecedente, presente no contexto verbal ou contexto” (Lopes & Carapinha, 2013: 35). Milner (2003: 94) define a relação anafórica da seguinte forma: “Há relação de anáfora entre duas unidades A e B quando a interpretação de B depende crucialmente da existência de A, a ponto de se poder dizer que a unidade B só é interpretável na medida em que ela retoma – total ou parcialmente – A.” Como se vê, a expressão anafórica pode referir exatamente a mesma entidade que o seu antecedente, gerando-se aqui uma relação de correferência, mas pode também retomar apenas parcialmente a entidade A (anterior), como acontece, por exemplo, na anáfora associativa, em que já não há correferência e sendo esta anáfora responsável pela introdução de informação nova no universo textual.

1.2. Propostas de classificação de expressões anafóricas

Diferentes tipologias de expressões anafóricas têm sido apresentadas por diferentes autores. Na realidade, e de acordo com De Weck (1991), “le terme «anaphore» recouvre une réalité différente selon le point de vue théorique adopté.” Riegel, Pellat e Rioul (1994), Apothéloz (2003), Decool-Mercier e Akinci (2010) são alguns dos autores que apresentaram uma tipologia. Por outro lado, e segundo Lima (2003), há conceções mais restritas da anáfora, como as de Kleiber (2001), que seguiremos aqui, e outras mais amplas, como as de Koch e Marcuschi (2002). As primeiras veem a anáfora como correferencial e o antecedente como explícito no texto e a cadeia referencial estabelecida entre eles como designando um referente imutável. As segundas focam-se na dinâmica textual e na “referenciação concebida como uma construção colaborativa de objetos de discurso” (Mondada & Dubois, 2003: 35).

Se considerarmos o nosso objeto de estudo, justifica-se a opção de escolher uma tipologia mais rígida, uma vez que estamos a trabalhar com textos de natureza narrativa produzidos por aprendentes de português LE/L2; não havendo diálogos nem interação, mas apenas a narração de uma pequena história, julgamos que é mais proveitoso tentar analisar os nossos textos a partir de um quadro mais clássico, como o proposto por Riegel, Pellat e Rioul (1994), adaptado por Lopes e Carapinha (2013) com os contributos da proposta de Kleiber (2001), acerca da

anáfora associativa e que passamos a apresentar esquematicamente⁷:



1.2.1. Anáfora direta ou correferencial

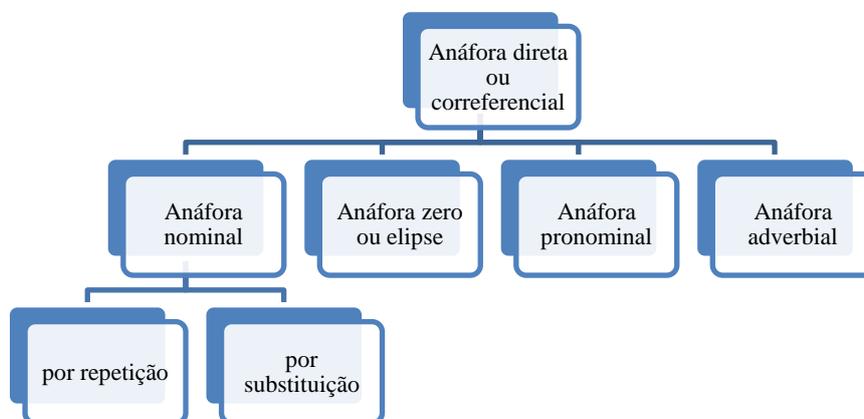
Começamos por analisar a anáfora direta ou correferencial e por esclarecer alguns conceitos relevantes relativamente a este tema. “Quando um ou mais fragmentos textuais são interpretados como idênticos, do ponto de vista referencial, a outro fragmento textual presente no texto diz-se que são co-referentes” (Duarte, 2003: 112). Assim, quando um ou mais expressões (habitualmente designadas por termo anafórico) retomam o valor semântico-referencial total de outra expressão usada no texto anterior, dizemos que se estabelece uma anáfora correferencial e se constitui uma cadeia referencial. Veja-se um exemplo:

- (1) **Um homem** de 68 anos foi ferido com gravidade em consequência de um atropelamento na ponte de Anta em Espinho. De acordo com testemunhos, **o homem** terá sido atropelado na passadeira e **Ø** foi projetado vários metros (...) **A vítima** foi transportada em estado grave para o Hospital Santos Silva em Gaia.

⁷ As designações assinaladas com uma cor diferente referem-se à terminologia usada por Riegel, Pellat e Rioul.

Neste exemplo, as expressões a negrito são interpretadas como idênticas, do ponto de vista referencial. Baseando-nos nos conceitos referidos anteriormente, dizemos que as expressões nominais 'o homem', 'a vítima' e a anáfora zero [Ø] retomam por inteiro o valor referencial de uma outra expressão usada no contexto anterior: 'um homem de 68 anos'. Assim, 'um homem de 68 anos' funciona como antecedente, e 'o homem', 'a vítima' e a anáfora zero funcionam como termos anafóricos. No seu conjunto, constroem uma cadeia referencial: [um homem de 68 anos] – [o homem] – [Ø] – [a vítima].

Retomando o exemplo (1), é pertinente destacar que se inicia a cadeia referencial com a introdução de uma entidade nova no universo textual, normalmente através de um sintagma nominal com determinante indefinido⁹. Depois, a retoma dessa entidade pode ser conseguida através de vários tipos da anáfora correferencial, como vimos. Para o aprofundamento desta questão, tema do nosso trabalho, adotamos a tipologia de anáfora correferencial¹⁰ anteriormente apresentada.



1.2.1.1. Anáfora nominal

Uma anáfora nominal é uma expressão anafórica que se realiza através da categoria

⁸ *Homem atropelado na passadeira fica ferido com gravidade*. Disponível em <http://www.jn.pt/local/noticias/aveiro/espino/interior/homem,-atropelado-fica-ferido-com-gravidade-7201857.html>. Acedido em 4 de maio de 2017.

⁹ Sintagma nominal, de acordo com Raposo e Miguel (2013: 703), é um constituinte que tem como núcleo um nome comum, um nome próprio ou um pronome pessoal. Em geral, uma cadeia referencial começa por um sintagma nominal, mas nem sempre é assim; veja-se Lobo (2013: 2177).

¹⁰ No nosso trabalho, não analisamos a anáfora adverbial.

nominal. Na perspectiva de Lobo (2013: 2183), trata-se de um processo anafórico em que a anáfora é um sintagma nominal pleno e não um pronome.

A anáfora nominal subdivide-se em dois tipos. Quando o termo anafórico repete, no seu núcleo, o mesmo nome do antecedente, apenas o determinante de uma expressão é diferente da expressão anterior, trata-se de uma anáfora nominal por repetição. Esse determinante da expressão anafórica pode ser um determinante artigo definido ou um determinante demonstrativo. Vejam-se os exemplos:

- (2) **Uma criança** de seis anos está desaparecida no rio Cávado, em Barcelos. Segundo apurou o JN, **a criança** estava com a mãe que saltou para as águas da ponte Santa Eugénia com o rapaz, esta sexta-feira, de uma altura de cerca de 20 metros.

*(Jornal de Notícias)*¹¹

- (3) Na serra de Sintra existe uma rocha com **um corte**, perto do Castelo dos Mouros. Segundo a tradição que **esse corte** marca a entrada para uma cova que tem comunicação com o castelo.

*(Lenda da Cova Encantada ou da casa da Moura Zaida)*¹²

A introdução de novas entidades na rede informacional do texto - “uma criança” no exemplo (2) e “um corte” no exemplo (3) é feita pelos SNs com determinante indefinido; logo depois, essas entidades são retomadas pelo mesmo nome com artigo definido - “a criança” e com determinante demonstrativo - “esse corte”, o que dá a indicação ao leitor/ao ouvinte de que é informação conhecida ou acessível.

Embora neste tipo de anáfora, o determinante artigo definido e o determinante demonstrativo possam comutar de forma bastante livre, Figueiredo (2001: 339) assinala diferentes funções para os dois determinantes. Enquanto uma expressão anafórica constituída por um SN definido indica continuidade tópica, um determinante demonstrativo

¹¹ *Mulher atirou-se de ponte com filho ao colo*. Disponível em <http://www.jn.pt/local/noticias/braga/barcelos/interior/mulher-atirou-se-da-ponte-com-filho-ao-colo-5233550.html>. Acedido a 4 de Maio de 2017.

¹² Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$lenda-da-cova-encantada-ou-da-casa-da-moura.3?uri=tugues-ingles/bilha](https://www.infopedia.pt/$lenda-da-cova-encantada-ou-da-casa-da-moura.3?uri=tugues-ingles/bilha). Acedido a 13 de novembro de 2016.

pode ter uma função distinta desta, servindo para introduzir uma nova entidade ao leitor/ouvinte, pondo-a em foco.¹³

Assim, a anáfora por repetição através do emprego de determinantes/artigos permite garantir “o bom desenvolvimento da identificação referencial e prever erros de interpretação quando vários objectos do discurso estão em concorrência na memória operativa” (Figueiredo, 2001: 399).

Considera-se que a anáfora realizada através de um sintagma nominal pleno “resulta de um prolongamento natural do antecedente por meio de repetição ou de substituição, o que se traduz em uma anáfora correferencial.” (Figueiredo, 2001: 398)

A anáfora por substituição consiste num recurso lexical que permite evitar a repetição lexical. Veja-se o exemplo (4):

- (4) Depois, na sala, sentada na sua larga cadeira, **a avó** vê o afilhado fumar pela primeira vez. O rosto **da velha** escurece de mágoa, as palavras saem-lhe ainda que de costume (...)

(Manuel da Fonseca, *Aldeia Nova*, 1984: 174)

No exemplo (4), há uma relação de correferência entre o antecedente “a avó” e o termo anafórico “a velha” que retoma o antecedente por substituição lexical, embora para interpretar estas expressões como correferentes seja necessário ativar a nossa enciclopédia (na nossa comunidade sociocultural, a figura da avó corresponde prototipicamente a uma figura idosa).

1.2.1.2. Anáfora pronominal

Falamos de anáfora pronominal quando se usam pronomes (pessoais, possessivos, reflexos, recíprocos, relativo)¹⁴ para retomar o valor semântico-referencial do antecedente. Veja-se o exemplo ilustrativo:

¹³ Sobre esta dupla função dos demonstrativos ver Conte (2003/1996: 183). *Encapsulamento anafórico*. In: Mônica Magalhães Cavalcante *et al.* (Orgs.), *Referenciação*. São Paulo: Contexto, p.177-190 (orig. de 1996).

¹⁴ Os pronomes reflexos, recíprocos e o relativo 'que' constituem casos de anáfora motivada por questões sintáticas. Dado que o nosso objeto de estudo é a anáfora discursiva, estes pronomes não serão analisados.

(5) **Rui** conta a **sua** entrada na vila, recordando a infância, os encontros pelas ruas até a casa sem que ninguém **o** conhecesse. Tudo aquilo fora assim a modos uma brincadeira. A avó mira-**o** dos pés à cabeça com um olhar carinhoso.

(Manuel da Fonseca, *Aldeia Nova*, 1984: 173)

No exemplo (5), o nome próprio “Rui” funciona como antecedente e gerador de uma cadeia referencial em que determinante possessivo “sua” e o pronome pessoal oblíquo “o” são termos anafóricos que retomam o valor semântico-referencial do antecedente. Segundo Lobo (2013: 2193-2195), diversamente dos sintagmas nominais plenos, os pronomes não têm autonomia referencial, portanto a sua referência é sempre dependente da situação ou do contexto linguístico ou discursivo.

Observemos agora o exemplo (6):

(6) HAVIA **UM REI** que era solteiro, e os conselheiros instava[m] com **ele** que se casasse, para deixar sucessores ao trono.

(Lenda *A Princesa Carlota*)¹⁵

Como já referimos a propósito do exemplo (5), quando um pronome é anafórico, tal como acontece com o pronome pessoal reto “ele” em (6), a sua interpretação é referencialmente dependente. Neste caso, o pronome pessoal “ele” refere a entidade introduzida anteriormente, “um rei”.

Os exemplos (5) e (6) mostram-nos o uso dos pronomes pessoais reto e oblíquo de 3ª pessoa, tais como “ele” e “o”. Relativamente a estes pronomes, diz Lobo (2013: 2334) que eles são preferencialmente usados quando “distintos do sujeito de uma oração anterior, ao passo que pronomes nulos¹⁶ serão usados preferencialmente nos textos em que os referentes são correferenciais.” Vejam-se os exemplos apresentadas pela autora (Lobo, 2013: 2334):

¹⁵ Disponível em <http://lendasecalendas.omeuforum.net/t352-a-princesa-carlota-conto-tradicional>. Acedido a 4 de maio de 2017.

¹⁶ Os pronomes nulos correspondem à anáfora zero.

- (7) a. Quando o João chegou a casa, ele pulou de alegria.
b. Quando o João chegou a casa, [-]¹⁷pulou de alegria.

Neste exemplo, a interpretação preferencial é a de que o SN “o João”, na frase (7a), tem um referente distinto do do pronome “ele”, enquanto na frase (7b), “o João” e o pronome nulo são correferenciais.¹⁸

1.2.1.3. Anáfora zero

Em português, os pronomes que exercem função de sujeito de oração podem ser formas nulas, foneticamente não realizadas, e esse fenómeno é conhecido por “sujeito nulo” ou “pronome nulo”. Quando os pronomes nulos retomam o valor semântico-referencial do antecedente, este tipo de anáfora é entendido como “anáfora zero”.

Lobo (2013: 2311) refere que “a possibilidade de línguas como o português admit[ir]em sujeitos nulos foi relacionada com o facto de essas línguas possuírem morfologia verbal rica”. Deste modo, “a flexão verbal de línguas como o português permite recuperar o conteúdo pronominal em pessoa e número do sujeito, sendo a expressão de um sujeito pronominal foneticamente realizado, nessa perspetiva, de certa forma redundante (Lobo, 2013: 2311).

Veja-se o exemplo seguinte:

- (8) **George** fecha os olhos com força e \emptyset deixa-se embalar por pensamentos mais agradáveis, bem-vindos: a exposição que \emptyset vai fazer, aquele quadro que \emptyset vendeu muito bem o mês passado, a próxima viagem aos Estados Unidos, o dinheiro que \emptyset pôs no banco.

(Maria Judite de Carvalho, *George e seta despedida*, 2015: 22)

Neste exemplo, podemos ver dois casos diferentes de anáfora zero em estruturas sintáticas diversas. O sujeito nulo do segundo membro coordenado da frase é interpretado como

¹⁷ O símbolo [-] representa anáfora zero.

¹⁸ Ver, adiante, secção 1.5.

correferencial em relação ao sujeito do primeiro membro coordenado “George”. No caso das outras três ocorrências, trata-se de sujeitos de orações relativas (portanto, subordinadas) que continuam a ser interpretados como correferenciais relativamente ao sujeito da oração principal.

1.3. Teorias sobre anáfora

Abordamos, neste subcapítulo, algumas das teorias que pretendem explicar quais são os fatores que podem influenciar a escolha e o funcionamento das expressões anafóricas na construção do texto.

1.3.1. Teorias sobre processamento e resolução de expressões anafóricas

A análise da escolha, da distribuição e do funcionamento das expressões anafóricas, central nos estudos sobre anáfora, tem conduzido a estudos e teorias muito diversos. O objetivo desses estudos é, no fundo, descobrir quais são os fatores que governam a escolha e a utilização das expressões anafóricas. Serão fatores cognitivos? Discursivos e pragmáticos? Sintáticos? Já sabemos que a escolha das anáforas a usar é bastante complexa para um aprendiz de LE/L2 por ser determinada por fatores muito variados que interagem entre si e que são de ordem cognitiva, de ordem discursiva e de natureza pragmática. Como afirma Serratrice (2007: 226), as dificuldades demonstradas nesta área da organização discursiva pelos aprendentes de uma LE/L2 estão relacionadas com “their inability to integrate multiple sources of information in a consistent fashion.”

Há algumas teorias que podem explicar a escolha e a distribuição das expressões anafóricas ao nível da produção do discurso, bem como explicar a forma como o ouvinte/leitor identifica o referente de uma determinada expressão anafórica. Entre outras possibilidades¹⁹, vamos apresentar: a teoria da continuidade tópica (Topic Continuity Model); a teoria cognitiva (Cognitive Model); a teoria da centralidade (Centering Theory); e a teoria hierárquica (Hierarchy Model).²⁰

De acordo com a teoria da continuidade tópica, a codificação anafórica, ou seja, a escolha

¹⁹ Sobre diferentes modelos teóricos, ver, por exemplo, Huang, 2000.

²⁰ É importante dizer que, embora estes modelos sejam distintos do ponto de vista epistemológico, todos eles apresentam explicações e fatores que podem interagir e complementar-se no processo de escolha de expressão anafórica.

da expressão anafórica é essencialmente determinada pela continuidade do tópico, a qual depende da distância linear entre duas menções ao mesmo referente, do número de referentes que, entretanto, surgem no discurso, interferindo no processamento da informação, e da manutenção de tópico. Vamos tentar explicar melhor esta ideia. Qualquer texto fala sobre um tema (ou tópico). Este, de acordo com Duarte (2003:118), tem como função cognitiva “selecionar e ativar um elemento existente na memória passiva do alocutário/leitor/ouvinte, transferindo-o para uma memória ativa em que possa ser combinado com novos elementos cognitivos introduzidos pelo comentário.” O tema configura assim a entidade (personagem, protagonista, objeto, conceito, etc.) central em torno da qual se constrói um texto. Então, quanto menor for a distância (o número de enunciados) entre duas menções à mesma entidade-tópico (ao mesmo referente), quanto menor for o número de referentes em competição e quanto mais estável for o estatuto de tópico da entidade de que se fala, mais contínuo é um tópico. Isso significa que o texto está muito centrado em torno de um só tópico, que não há muitos elementos distratores e que esse tópico está sempre sob o foco da atenção.

Este modelo, apresentado sobretudo nos trabalhos de Givón (1983; 1985; 1990), está muito associado a um outro, de caráter mais cognitivo (teoria cognitiva): a Teoria da Acessibilidade (Ariel, 1990; 2001; para o português, ver Pereira, 2004), que defende que a escolha do termo anafórico está dependente da acessibilidade cognitiva do antecedente que a anáfora retoma. O grau de acessibilidade de um referente está relacionado com o facto de estar presente ou ativo na memória de curto prazo precisamente porque foi mencionado há pouco tempo. Quanto mais acessível e ativo estiver na memória de curto prazo, mais facilmente poderá ser codificado através de uma expressão anafórica reduzida (anáfora zero ou pronominal), ao passo que um referente já não disponível nem ativo em memória será preferencialmente codificado através de um SN.

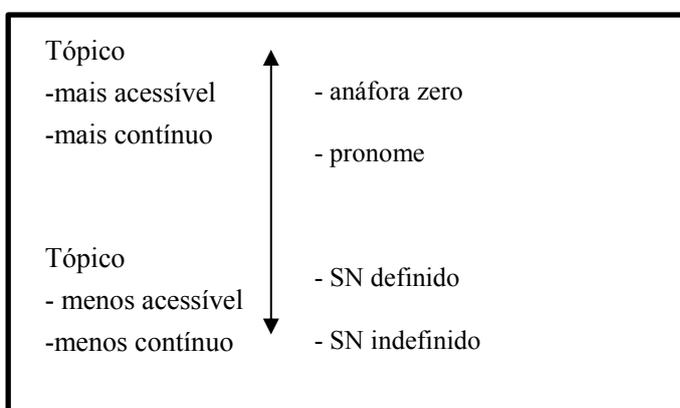
Como se vê, a atenção e a memória são dois fatores fundamentais para explicar a questão da escolha (no caso do locutor) e da resolução (no caso do interlocutor) das expressões anafóricas.

Também a chamada teoria da centralidade (Centering Theory) (Grosz *et al.*, 1995) dá relevância ao foco de atenção discursiva de um determinado fragmento textual. Segundo esta teoria, a escolha de determinadas expressões anafóricas está relacionada com a centralidade ou

saliência do antecedente e isto significa que a entidade discursiva que recebe maior atenção é a mais acessível ou proeminente discursivamente. De acordo com a teoria de Grosz *et al.* (*ibidem*), num discurso, em cada enunciado, há sempre uma entidade que é o centro da atenção, centro esse determinado pela função gramatical. Normalmente, essa entidade mais proeminente é o sujeito. Um referente com a função sintática de sujeito é mais central do que outro com outra função sintática. Segundo Pereira (2004: 269), “a entidade mental que ocupa a posição mais alta na hierarquia das entidades evocadas numa sequência discursiva – o tópico, muito frequentemente o sujeito tópico - é, por omissão, projectada como centro de atenção preferido (...).” Como se verifica, o sujeito (frequentemente assumindo o papel de tópico) será, por defeito, o foco e atenção discursiva e, portanto, será preferencialmente identificado como antecedente de uma expressão anafórica subsequente. Eis-nos, portanto, perante um modelo que tenta explicar a escolha e distribuição das expressões anafóricas através de critérios sintáticos de saliência de constituintes.

É fácil constatar a complementaridade de todas estas propostas. Se um determinado tópico é estável e se ele se configura como um tópico presente e constante ao longo do discurso, então tem de estar disponível e acessível na memória do locutor e do interlocutor e estar sempre em foco; por outro lado, um tópico com estas características é, com certeza, o protagonista desse discurso, sendo referido várias vezes, e detendo, certamente, o estatuto de sujeito.

É ao ter em conta muitos destes fatores que Givón (1983: 18) propõe uma hierarquia para classificar as expressões anafóricas de acordo com a maior acessibilidade do antecedente (teoria da acessibilidade), ou seja, de acordo com a continuidade tópica (teoria da continuidade tópica). Apresenta-se aqui uma versão simplificada do seu esquema:



Basicamente, a ideia que está por detrás desta classificação é a seguinte: quando um só referente está sob o foco de atenção de ambos os interlocutores, é central e, portanto, mentalmente muito acessível, preferencialmente escolhe-se uma expressão anafórica reduzida, contendo pouco conteúdo semântico. Como afirma Huang (2000: 153):

The shorter the linear distance, the fewer the competing referents, and the more stable the thematic status of the protagonist, the more continuous a topic; the more continuous a topic, the more likely that it will be encoded in terms of a reduced anaphoric expression.

Pelo contrário, normalmente, uma expressão mais extensa, que contém mais informação sobre o antecedente, é a escolhida quando a acessibilidade ao referente é baixa e quando há descontinuidades tópicas. De facto, quando um SN indefinido aparece num discurso, serve para identificar um tópico novo e inacessível. “The more disruptive, surprising, discontinuous or hard to process a topic is, the more coding material must be assigned to it” (Givón, 1983: 18).

Segundo a teoria hierárquica, o fator que mais influi na escolha da expressão anafórica é a estrutura hierárquica do discurso. Qualquer discurso é composto por unidades menores: turnos de fala; parágrafos; episódios; temas... (Huang, 2000: 157).²¹ Para os defensores deste modelo (Longacre, 1979; Givón, 1983; Fox, 1987), no início de cada unidade, as menções a uma determinada entidade são realizadas através de um SN completo, enquanto as menções subsequentes à mesma entidade, no âmbito de cada uma dessas unidades, são realizadas através de expressões anafóricas reduzidas (pronomes ou anáfora zero) (Huang, 2000: 157). Deste modo, é provável que, sempre que se introduz uma nova unidade ou sequência, se introduzam novos referentes; por conseguinte, é necessário reorganizar as expressões anafóricas até ao fecho dessa unidade. Em suma, a escolha das expressões anafóricas é determinada pela organização do discurso; mas também é possível ver que a escolha de uma expressão anafórica determina a progressão do discurso: a escolha de uma expressão anafórica reduzida estabelece a continuidade desse tópico e adia o fecho dessa unidade/sequência.

Uma vez mais, é evidente que estas teorias se complementam e se podem facilmente

²¹ Estas possibilidades não pretendem cobrir todos os tipos de texto e são apenas exemplificativas.

conjugar. No início de uma nova sequência, que permite introduzir novas entidades no universo textual e na representação mental que a partir dele construímos, é normal que usemos expressões referenciais mais longas e informativas, pois esses referentes são novos, ainda não estão acessíveis e ainda não se apresentaram como tópicos discursivos. À medida que a unidade/sequência se desenvolve, o tópico já está estabelecido, a nossa atenção já está focada e o referente tornou-se já acessível, isto é, já está ativo na memória de curto prazo. Podemos, portanto, recorrer a expressões anafóricas mais curtas, mais simples e menos informativas, como a anáfora zero ou um pronome pessoal. A este respeito, Huang (2000: 162) afirma o seguinte:

Pronominals are used inside an episode or a subunit of an episode, because within such a unit, attention is sustained, the macroproposition is maintained, and the referent remains to be focally activated; thus, an attenuated anaphoric expression is sufficient to encode it. On the other hand, NPs are used at episode boundaries, especially at the beginning of an episode or a subunit of an episode, because at such a place, attention is switched, the macroproposition is changed (e.g. with the introduction of new protagonists, times, places, objects etc. and with a shift between, say, background and foreground information, etc.), and the memory status of the referent as activated or not are affected, hence a more explicit anaphoric expression is needed to designate it.

Como vimos, as diversas teorias apresentam explicações de natureza variada para dar conta das questões em causa. Todavia, parece-nos muito pertinente salientar a importância dos aspetos cognitivos envolvidos no processamento e na resolução da anáfora. De facto, o processo de escolha e de resolução de expressões anafóricas envolve o acesso a representações mentais, em que as capacidades memorial e atencional intervêm ativamente. Como diz Pereira (2004), à medida que o discurso vai fluindo, vamos construindo uma representação mental desse discurso, um modelo do discurso, e esse modelo inclui as “representações das entidades que vão sendo evocadas ao longo do discurso” (Pereira, 2004: 268). São precisamente as expressões anafóricas que nos permitem aceder a essas representações, ou melhor, a essas entidades mentais que se encontram ativadas na nossa memória e que estão sob o nosso foco de atenção. Podemos, então, definir a “anáfora discursiva como um procedimento de acesso a

uma representação mental” (*ibidem*).

1.4. Anáfora e ensino

De seguida, exploraremos o tópico relativo à anáfora direta no ensino de PLE e o interesse de que este tema se reveste.

1.4.1. O interesse da anáfora no ensino de LE/L2

De acordo com o Quadro Europeu Comum de Referência (2001: 29), o uso da língua “inclui as acções realizadas pelas pessoas que, como indivíduos e como actores sociais, desenvolvem um conjunto de competências gerais e, particularmente, competências comunicativas em língua.” Entre as competências comunicativas em língua, o QECR destaca as competências linguísticas, as competências sociolinguísticas e as competências pragmáticas. É no âmbito destas últimas, e mais precisamente, no âmbito de uma das suas subdivisões – a competência discursiva – que surge a menção aos mecanismos coesivos. A competência discursiva diz respeito à capacidade de organizar a frase e o texto tendo em conta a articulação entre tópico e foco, entre informação dada e informação nova, as exigências de coesão e coerência, etc.

Relativamente à coesão, o QECR (2001: 178) apresenta descritores detalhados para vários níveis de proficiência em língua. Por exemplo, aprendentes do nível C2 devem ser capazes de “criar um texto coeso **utilizando (...) um amplo leque de mecanismos de coesão**”. Para aprendentes do nível C1, o QECR prevê que sejam capazes de “produzir um discurso claro, fluido e bem estruturado, que **revela um domínio de (...) mecanismos de coesão**.” Por sua vez, os aprendentes do nível B2 devem ser capazes de “**utilizar um número limitado de mecanismos de coesão** para ligar os enunciados num discurso claro e coerente, embora numa intervenção longa possa haver alguns ‘saltos’”, enquanto os aprendentes do nível B1 são capazes de “ligar uma série de elementos curtos, distintos e simples e construir uma sequência linear de informações.”²² Portanto, de acordo com o que está previsto no QECR, o domínio da coesão textual é uma competência relevante durante a aprendizagem de línguas

²² Negrito nosso.

estrangeiras/segundas.

No entanto, na aprendizagem de LE/L2, o que habitualmente acontece é que um aprendente conhece muitas palavras de LE/L2, isto é, até pode ter um bom domínio da competência lexical, dominando expressões fixas e palavras isoladas (QEQR, p. 159-161), mas não consegue utilizá-las de forma sequencialmente organizada, de modo a construir um texto bem estruturado. De facto, para construir um texto coeso, adquirir vocabulário não é suficiente; é também necessário aprender e saber utilizar os mecanismos de coesão referencial para o desenvolvimento textual. E porquê esta necessidade? Porque é preciso saber introduzir entidades novas num texto; porque é preciso saber retomar entidades, ao longo do texto, fazendo com que não haja saltos e não se criem ambiguidades. Se um texto tem como tópico uma determinada entidade (um ser humano, um ser inanimado, um intervalo temporal ou um espaço) e é dele que 'fala' o tempo todo, pois a existência de um “campo temático integrado” (Fonseca, 1981) é uma exigência textual, então é necessário saber retomar esse tópico de forma a evitar repetições lexicais excessivas, assim como é necessário saber distinguir este tópico de outros que vão sendo introduzidos no universo textual e que é necessário saber retomar também, sem criar ambiguidades ou até quebras de coerência (Levine *et al.*, 2000: 598), isto é, rupturas referenciais que impeçam uma correta interpretação. Com efeito, a existência de expressões referenciais que designem as mesmas entidades (ao longo do texto), isto é, a existência de cadeias de referência, constitui uma linha de continuidade temática muito importante; elas asseguram a manutenção dos temas ao longo do texto. Em suma, uma boa gestão das cadeias de referência gera uma certa continuidade temática, permitindo a construção de tópicos discursivos e contribuindo para a unidade semântica do texto. (Lopes & Carapinha, 2013: 55-56). Por isso é necessário treinar os mecanismos de construção textual.

Sabemos que a anáfora ajuda, por um lado, a manter uma certa continuidade temática, ao permitir referir as mesmas entidades e ajuda, por outro, a fazer progredir o texto, ao permitir introduzir novas entidades, no caso da anáfora associativa; por isso a anáfora é importante na construção do texto “uma vez que diz respeito à introdução, identificação, preservação, continuidade e retomada de referentes textuais, (re)organizando – a todo momento – a cadeia referencial que se constrói no texto, quando este também se constrói.” (Toldo & Rocha, 2009: 161)

O domínio das construções anafóricas é um processo muito complexo que envolve, como vimos na secção anterior, uma grande quantidade de aspetos distintos – cognitivos, sintáticos e textuais – difíceis de sistematizar. As exigências cognitivas inerentes à produção de relações referenciais e ao conseqüente uso de estruturas anafóricas são muitas: é preciso trabalhar com a memória – do locutor e do interlocutor (quais as entidades já referidas no texto/discurso?; a que distância se encontram?; o que é que o interlocutor já sabe?; de que é que ele ainda se lembra?) e com as opções linguísticas disponíveis (que forma usar para codificar uma expressão anafórica: – uma elipse? um pronome? um Nome?). Como afirmam Costa e Matos (2012: 198), “[c]ognitiva e linguisticamente, coloca-se a questão de saber quais as expressões mais adequadas para inequivocamente designar um dado antecedente.”

Estas condicionantes dificultam, em primeira instância, o uso de mecanismos anafóricos das crianças que aprendem a sua própria língua materna. De facto, no caso das crianças nativas, temos dois tipos de problemas: por um lado, elas têm de aprender e saber usar as estruturas morfossintáticas adequadas para construir referência na sua língua materna, ao mesmo tempo que precisam de aprender as condições sintáticas e pragmáticas em que devem usar essas estruturas (Rozendaal & Baker, 2010); por outro lado, e segundo alguns estudos, só por volta dos 10 anos, ou até mais tarde, se consegue manusear todas estas componentes, atingindo um bom domínio do funcionamento anafórico²³, uma vez que, em idades precoces, as crianças têm dificuldades em adotar a perspetiva do outro (e antecipar o que ele sabe), isto é, apresentam uma Teoria da Mente²⁴ ainda pouco desenvolvida.

Pensemos agora no jogo de todos estes fatores e nas dificuldades que causam aos aprendentes de línguas estrangeiras, acrescidos ainda das possíveis interferências da sua língua materna. As palavras de Veenstra (2010: 5) enfatizam este problema:

Nevertheless, there is yet another group of language users who can be expected to experience difficulties in their performance: second language speakers. In contrast to children and elderly, adult second language speakers are in the possession of both a developed Theory of Mind and a sufficiently large working memory capacity. The factor that might pose a problem is that they are not speaking their first

²³ Ver De Weck, (1991; 2005). Ver também Wubs, Hendriks, Hoeks & Koster (2009).

²⁴ Em inglês, *Theory of Mind*.

language; this could pose such a high demand to their cognitive resources, that the use of discourse anaphora might be compromised.

É importante salientar que aquilo está envolvido aqui é o facto de, durante os processos de compreensão e produção de expressões referenciais, um aluno de LE/L2, ter de manusear ao mesmo tempo *todos os componentes básicos de uma teoria da linguagem: a pragmática, a semântica, a sintaxe e a fonologia* (Wasow, 1986: 111 *apud* González, 1994: 68).

A seguir, convém ainda considerar as dificuldades que os aprendentes de LE/L2 sentem, no que respeita aos mecanismos anafóricos, em dois domínios distintos: leitura/interpretação de expressões anafóricas e escrita – produção e composição textual. No que diz respeito ao processo de leitura/interpretação, Levine *et al.* (2000: 594) afirmam:

Reading comprehension involves building a coherent mental representation of the information described by a text. A central aspect of this process involves making connections between currently read text and information from earlier in the passage. These connections are often signaled by anaphors, which are words or phrases that refer to some earlier-mentioned concept. The importance of anaphors in the comprehension of text is reflected by the extensive literature examining the process by which a reader makes a connection between an anaphor and its referent, or antecedent.

No que toca ao processo de leitura/interpretação, vários estudos demonstram que há uma estreita relação de interdependência entre as dificuldades demonstradas em (re)construir o sentido global de um texto (em apreender a sua coerência) e a capacidade de compreender e interpretar anáforas e relações anafóricas. Os aprendentes de uma LE/L2, ao tentarem interpretar um texto, vão fazendo uma interpretação muito local e perdem necessariamente a visão mais global que é necessária para o estabelecimento de elos entre os membros de uma cadeia anafórica; no fundo, são menos hábeis na interpretação de expressões anafóricas do que o leitor de LM. Segundo um estudo de Chuong (2003), dedicado à interpretação de textos em francês como língua estrangeira, só 30% alunos que participaram no estudo prestaram atenção às expressões anafóricas e cerca de 50% revelaram falhas na sua interpretação.

Os resultados apresentados por Nasufi (2008) são ainda mais expressivos. A investigação desta autora, centrada na análise da relação entre anáfora e leitura e na forma como as anáforas influenciam a construção do sentido do texto, demonstra que a leitura de um texto, dotado de cadeias referenciais, por alunos de Francês como Língua Estrangeira constitui um fracasso comunicativo, uma vez que 86% dos alunos não conseguiu identificar as ideias principais do texto.

Deste modo, o domínio da construção da referência e das relações anafóricas é essencial para a construção do sentido global de um texto, tanto para leitura como para a escrita. Portanto, para os professores de LE/L2, é necessário integrar a análise das relações anafóricas nas suas práticas didáticas, com vista a desenvolver um ensino de LE de natureza textual.

No processo de produção e composição textual, os aprendentes de diferentes níveis de proficiência apresentam dificuldades variadas. Para aprendentes de nível elementar, o uso da anáfora é bastante limitado, tal como o autor (Siepmann, 2005: 179) assinala:

Selon la seule étude jusqu'ici qui envisage explicitement la fonction anaphorique (et déictique) des pronoms (...), la fonction anaphorique joue apparemment un rôle très restreint dans les systèmes élémentaires d'apprenants : l'apprenant renonce dans un premier temps à reprendre explicitement des informations préalables.

Todavia, mesmo para aprendentes de níveis mais avançados, muitos estudos de aquisição de LE/L2 mostram que “differently from native speakers, L2 learners may show residual indeterminacy in the L2 referential choice (...), even at the highest levels of proficiency” (Contemori & Dussias, 2015).

No que respeita especificamente à produção escrita dos alunos chineses, Du (2001: 43-44), por exemplo, no seu estudo baseado no *Chinese Learner English Corpus* (CLEC)²⁵, argumenta que:

²⁵ O CLEC faz parte do projeto *Corpus-based Analysis of Chinese Learner English* (CBACI-E) apoiado pela Fundação Nacional de Ciências Sociais da China. O corpus do CLEC abrange umas centenas de textos dos alunos do 3º ciclo do ensino básico ao ensino superior.

As competências de organização textual (dos alunos chineses de ILE/L2) são relativamente fracas (...). As estratégias de coesão do inglês são bastante ricas (...). Mas os alunos utilizam muito pouco essas estratégias na produção escrita, por falta de articulações e ligações entre tópicos do texto e falta de óbvias relações anafóricas, o que causa incoerência global do texto. (tradução nossa)²⁶

A produção do texto escrito exige que o seu autor saiba “mover-se dentro dele e movê-lo, fazendo-o reportar-se a si próprio” (Carneiro, 1999: 62), saiba planejar e autonomizar o escrito relativamente às coordenadas da sua conceção, saiba fazer uso das operações e processos que a sua concretização implica (Fonseca, 1994a), recorrendo, nomeadamente, à utilização de mecanismos de organização do transfrástico, como as cadeias referenciais o são.

Um ensino da escrita que se centre no domínio frásico é, portanto, insuficiente para ajudar os alunos a escrever textos em LE/L2.

1.5. Anáfora em PE e em Mandarin

Chen (1987) e Xu (2003) categorizam a anáfora em mandarim em três tipos: a anáfora pronominal, a anáfora zero e a anáfora nominal. Segue-se um exemplo de Xu (2003: 90) com estes três tipos de anáfora:

(9) Táng Míngdé²⁷ jīng-huāng de wǎng wài pǎo, zhuàng-dào le yī-gè dà-hàn
Tang Mingde em pánico para fora correu, bater-le²⁸ um-CN homem forte
de shēn shàng, tā kàn qīng le nà-rén de méi-yǎn,
de corpo, ele observar bem-le aquela pessoa de características,
rèn-chū le nà-rén shì shuí.
*Reconhecer-le aquela pessoa ser quem. (tradução literal)*²⁹

²⁶ Texto original: “语篇布局能力较弱 (.....) 英语中的语篇联结手段相当丰富 (.....) 学生在写作中较少使用这些手段, 使得文章的跳跃性很大, 文中的主题之间缺乏有机的联系, 没有明显的照应等, 意思很难连贯。”

²⁷ É a transcrição em pīnyīn, sistema fonético utilizado para representar caracteres do mandarim padrão.

²⁸ Neste discurso, 'le' é um símbolo do tempo passado.

²⁹ Trata-se de uma tradução literal, palavra por palavra, do mandarim para o português.

Tang Mingde correu para fora em pânico, Ø bateu no corpo de um homem forte, ele observou bem as características faciais daquela pessoa, Ø reconheceu quem era aquela pessoa³⁰.

Neste exemplo, uma entidade é introduzida no universo textual pelo sintagma nominal 'Táng Míngdé'. Depois, opta-se a anáfora zero e pelo pronome 'tā' (ele) para retomá-la. Deste modo, as expressões 'Táng Míngdé' e 'tā', bem como a anáfora zero estabelecem uma relação correferencial e criam uma cadeia de referência. Outra personagem é introduzida por uma expressão nominal indefinida 'yī-gè dà-hàn' (um homem forte) e retomada duas vezes por uma expressão nominal com determinante demonstrativo 'nà-rén' (aquela pessoa). Desta maneira, 'yī-gè dà-hàn' e 'nà-rén' (2x) são, também, correferenciais, gerendo outra cadeia. Sendo assim, Ø, 'tā' (ele) e 'nà-rén' (aquela pessoa) representam, respectivamente, a anáfora zero, a anáfora pronominal e a anáfora nominal.

Como se processa, em mandarim, a introdução de entidades no universo textual? O mandarim não tem artigos indefinidos para representar valores indefinidos.³¹ Deste modo, enquanto o português introduz uma entidade nova, no universo textual, através de um grupo nominal com artigo indefinido, o mandarim realiza esse processo através de duas estruturas típicas:

- a) número +classificador numeral³²+nome]³³ (Huang, Li & Li, 2009: 288) (sublinhado, em (10));
- b) Nome Nu³⁴ (sublinhado, em (11)). Vejam-se os exemplos abaixo:

³⁰ É uma tradução adaptada para o português.

³¹ Apesar de não ter artigos indefinidos, o mandarim tem forma de representar o valor indefinido, bem como 'yī xīē' (algun/algunha; alguns/algumas) 'suǒ yǒu' (todo/toda; todos/todas; tudo).

³² Em mandarim, um número é sempre seguido de um classificador. Classificadores Numerais (CN) funcionam como 'contadores de unidades', ou seja, têm função individualizadora e explicitam como o referente deve ser tomado (Allan, 1977 *apud* Zhang, 2008), podendo corresponder à classe que, na metalinguagem gramatical portuguesa, é conhecida como Quantificador. A expressão 'yī gè dà hàn' (um homem forte) do exemplo (9) corresponde a esta estrutura, por [yī (um) → número + gè → (classificador numeral) + dà hàn (homem forte) → sintagma nominal].

³³ [número + classificador numeral + nome] pode ser uma expressão definida caso envolva a noção de quantidade. Veja-se Huang (1984: 289).

³⁴ Trata-se de um tipo de sintagma nominal sem nenhum quantificador ou determinante. Em português, a esta estrutura chama-se sintagma nominal reduzido. Em mandarim, é bastante abundante a ocorrência do Nome Nu, designação comum a outras línguas (*bare nouns* em inglês, *noms nus* em francês); esta estrutura pode ter a interpretação de uma expressão indefinida, definida ou genérica, dependendo do contexto. No caso da introdução de entidades novas no universo discursivo, o nome reduzido tem valor indefinido.

(10) Fáng-jiān lǐ yǒu liǎng gè rén。

Quarto dentro haver duas-CN pessoas. (tradução literal)

Há duas pessoas no quarto.

(11) Yǒu rén jìn-lái le。

Há pessoa entrar-le. (tradução literal)

Uma(s) pessoa(s) entrou(entraram).

E como se processa, em mandarim, a retoma anafórica? Já vimos que pode ocorrer a anáfora zero, a anáfora pronominal e a anáfora nominal. No caso desta última, a expressão anafórica pode apresentar-se de duas formas:

a) [determinante demonstrativo + número + classificador numeral + nome]³⁵ (sublinhado, em (12)) (*ibidem*, p.296);

b) Nome Nu³⁶ (sublinhado, em (13)).

Dado que o mandarim não tem artigos definidos para representar valores definidos, utiliza determinantes demonstrativos 'zhè' (este/esta) e 'nà' (aquele/aquela)³⁷ para fazer a retoma anafórica. Veja-se o exemplo:

(12) Lǐ xiān-shēng de³⁸ chē zhuàng dào yī-gè rén, nà-gè rén shòu le shāng。

Sr. Li de carro bateu em uma-CN pessoa, aquela-CN pessoa magoar-se le.

(tradução literal)

O carro do Sr. Li bateu numa pessoa, aquela pessoa magoou-se.

³⁵ Em alguns casos em que o número é singular - 'um', este número ou este número junto com o CN podem ser omitidos. No exemplo (9), a expressão anafórica 'nà rén' (aquela pessoa) consiste em um nome precedido dum determinante demonstrativo, ambos o número 'um' e o CN 'gè' foram omitidos. No exemplo (12), a expressão anafórica 'nà gè rén' (aquela CN-pessoa), o número 'um' foi omitido.

³⁶ Na retoma anafórica, o nome reduzido tem valor definido.

³⁷ Além da função de determinantes demonstrativos, 'zhè' e 'nà' também desempenham a função de pronomes demonstrativos.

³⁸ Em mandarim, 'de' é frequente usado nas construções possessivas no interior de sintagma nominal para designar a relação de posse.

Em (12), uma vez introduzida uma entidade nova no universo textual através da expressão nominal indefinida 'yī-gè rén' (uma-CN pessoa), essa entidade foi retomada pela expressão definida 'nà-gè rén' (aquela-CN pessoa), com um determinante demonstrativo 'nà' (aquele).

Nesta análise, é interessante verificar o comportamento do Nome Nu; além de poder ser tratado como expressão indefinida (veja-se o exemplo (11)), pode também representar o valor definido, dependendo do contexto linguístico. Veja-se o exemplo (13):

(13) Rén yǐ-jīng zǒu le, bié zài shuō le。

Pessoa já sair, não mais falar. (tradução literal)

A(s) pessoa(s) já saiu (saíram), para de falar.

A este respeito, Huang *et al.*, (2009: 283) dizem que:

(...) the absence of definite and indefinite article does not prevent a bare noun from being interpreted as definite or indefinite. A generic interpretation is also possible. (...) Clearly, bare noun in Chinese can be the interpretive equivalents of the English [(definite/indefinite) article + (singular/plural) noun].

Portanto, o nome reduzido do mandarim pode também referir uma entidade mencionada previamente no texto.

Segundo Huang (1984: 531-535), e a respeito da anáfora zero, o mandarim é uma língua cujo sujeito é frequente e naturalmente omitido. No entanto, Huang (1994: 259) diz que a anáfora zero, em mandarim, é um fenômeno pragmático e não sintático e que muitas restrições nos alegados processos gramaticais se devem principalmente aos princípios de uso da língua, ao invés de se deverem a regras de estrutura gramatical.³⁹ Como não há concordância verbal em mandarim, “o contexto linguístico é a fonte relevante para recuperar o antecedente de uma anáfora zero”. (Xu, 2003: 96, tradução nossa). Xu (*ibidem*, p.105) chega à conclusão de que

³⁹ Texto original: “There seems to exist a class of language (such as Chinese, Japanese and Korean) where pragmatics appears to play a central role which in familiar European languages (such as English, French and German) is alleged to be played by grammar. In these 'pragmatic' languages, many of the constraints on the alleged grammatical processes such as intrasentential anaphora are, in fact, primarily due to principles of language use rather than rules of grammatical structure.”

“[i]dentificar o referente da anáfora zero é um processo muito complexo, o que será feito principalmente através dos conhecimentos semânticos e pragmáticos. Quanto mais informações contextuais, mais correta será a identificação do referente.”⁴⁰

Na verdade, a grande frequência da omissão de sujeito em mandarim é motivada por uma propriedade desta língua que é o facto de ser uma língua de proeminência de tópico. Li e Thompson (1976: 459-460) classificam o mandarim como uma língua de tópico proeminente, ou seja, como uma língua em que “o falante fornece primeiro um quadro de referência, a que se segue o comentário” (Castilho, 1995: 72), este último composto pela estrutura Sujeito-Predicado. Isto significa que a organização da frase em mandarim é diferente da do português: em mandarim, o que interessa é clarificar as relações entre o tópico – aquilo de que se fala, normalmente um elemento já nosso conhecido, i.e., já armazenado na nossa memória (o quadro de referência) – e o comentário – o conjunto de dados que sobre esse tópico acrescenta informação nova. Veja-se o exemplo, em que o tópico está sublinhado:

- (14) Nèi-xie shù-mu, shù-shēn dà。 (Li & Thompson, 1976: 462)
Aquelas árvores, tronco de árvore grande. (tradução literal)
Aquelas árvores, os troncos são grandes.⁴¹

Em mandarim, o tipo mais frequente de anáfora zero é, pois, aquele em que o tópico introduzido na primeira oração de uma determinada sequência vai funcionar como antecedente de todas as anáforas zero realizadas a seguir. Veja-se um exemplo:

- (15) Xiǎoli nián-qīng piào-liàng, gōn-zuò yě hǎo。 (Li, 2005)
Xiaoli jovem linda, Ø^l trabalho também bom.
Suīrán yǒu ge nánpéngyǒu, kěshì bù xiǎng jiéhūn。

⁴⁰ Tradução nossa de: “判断零形回指的所指是一个复杂的思维过程，以语用和语义作为主要判断手段。语境提供的信息越多，对零形回指的判断就越准确。”

⁴¹ Nas línguas de tópico proeminente, Li e Thompson (1976: 463) lembram que “The topic (...) is not determined by the verb. Discourse may play a role in the selection of the topic, but with the constraint of the discourse, the speaker still has the considerable freedom in choosing a topic noun phrase regardless of what the verb is.” No exemplo (14), 'Nèi-xie shùmu' (aquelas árvores) é o tópico da oração e 'shù-shēn dà' (os troncos são grandes) é o comentário. Obviamente, a seleção do tópico é motivada discursivamente, não sintaticamente.

Mesmo \emptyset^2 ter CN namorado, mas \emptyset^3 não quer casar. (tradução literal)

Xiaoli é jovem e linda, \emptyset^1 tem um bom trabalho também. Mesmo \emptyset^2 tenha um namorado, não \emptyset^3 quer casar.

No exemplo (15), a entidade 'Xiǎoli' (nome próprio) é introduzida no início da primeira oração e funciona como antecedente de 3 ocorrências da anáfora zero nas orações seguintes - [\emptyset^1], [\emptyset^2] e [\emptyset^3].

No entanto, em mandarim, e segundo Li e Thompson (1979), a anáfora zero pode ocorrer em qualquer ponto da frase e com um antecedente que pode estar bastante longe. De igual modo, e para complicar mais a resolução das expressões anafóricas, uma anáfora zero pode não ser correferencial (Zhao & Ng, 2007), isto é, não ter nenhum antecedente no discurso, mas estar dependente do acesso a dados contextuais. De facto, é habitual que os falantes chineses se apoiem mais em conhecimentos contextuais (pragmáticos) para interpretá-la do que em critérios sintáticos (e até semânticos).⁴² Se somarmos a estas características a possibilidade de apagar a 1ª pessoa do discurso (recorrendo a uma categoria vazia), devido a questões de polidez e de modéstia (*modesty-oriented first person zero anaphora* – Xiong, 1998), e ainda a existência de padrões flexionais muito empobrecidos ou praticamente nulos em mandarim, compreende-se como é difícil interpretar a anáfora zero nesta língua. Como afirmam Zhao e Ng “All these difficulties make the identification and resolution of anaphoric zero pronouns in Chinese a challenging task.” Vejamos um exemplo:

(16) Nà liàng chē bú zhī-dào chē zhǔ shì shuí。

Aquele CN-carro \emptyset^1 não saber proprietário ser quem.

yòu pò yòu jiù, fàng zài nà-lǐ hěn jiǔ le。

\emptyset^2 velho e danificado, \emptyset^3 Estar ali muito tempo. (tradução literal)

Aquele carro, \emptyset (eu) não sei de quem é. \emptyset^2 (o carro) Está velho e danificado, e \emptyset^3 (o carro) está ali há muito tempo.

⁴² Tao e Healy (2005) defendem, todavia, que a recuperação do antecedente de uma anáfora zero depende de informação contextual, mas também de inferências semânticas e ainda do conhecimento do mundo.

No exemplo (16), há 3 ocorrências da anáfora zero. A primeira ocorrência da anáfora zero [\emptyset^1] não tem antecedente expresso no discurso e este só pode ser identificado pelo contexto. O antecedente 'o carro' é introduzido no início da primeira oração, adquirindo o estatuto de tópico, e depois é retomado duas vezes pela anáfora zero [\emptyset^2] e [\emptyset^3] nas orações seguintes.

Esta breve análise permite-nos concluir que o uso da anáfora zero em mandarim é bem mais complexo e mais amplo do que em português.

Quando olhamos para o português, verificamos que ele também admite a omissão do sujeito, mas não privilegia a liberdade sintática como o mandarim. Segundo Lobo (2013: 2309-2311), o sujeito nulo, em português, está relacionada com o facto de que esta língua possui uma morfologia verbal rica. Neste sentido, a flexão verbal de línguas como o português permite recuperar o conteúdo pronominal em pessoa e número do sujeito.

De acordo com a tipologia de línguas de Li e Thompson (1976: 459), e diferentemente do mandarim, o português é uma língua de sujeito proeminente. Para línguas de sujeito proeminente, a estrutura Sujeito – Predicado é uma estrutura sintática básica (veja-se o exemplo: *Ela* (sujeito) *não fez o trabalho* (predicado)). Contudo, em português, também existem construções de tópico proeminente⁴³. Nesse caso, construções como “o trabalho, ela não o fez” são possíveis, embora com outros valores; enquanto esta estrutura é frequente em mandarim, em português, é usada para realçar o tópico e marcar a ênfase, por exemplo.

Por isso se afirma que, numa língua de tópico proeminente, a expectativa é de que “anáforas nulas e pronominais sejam (...) orientadas para o tópico do discurso e não para o sujeito” (Kenedy & Mota, 2012: 160).

No que concerne à anáfora pronominal, começamos por apresentar uma tabela dos pronomes pessoais em mandarim e a sua correspondência em português.

⁴³ “In Sp (subject-prominent) languages, the basic sentence is similar to 1 (Subject - Predicate), whereas in Tp languages, the basic sentence structure is similar to 2 (Topic - Comment). However, this is not to say that in Tp languages, one cannot identify subjects, or that Sp languages do not have topics. In fact, all the languages we have investigated have the topic-comment construction” (Li & Thompson, 1976: 459).

Mandarim	Português (função sintática)			
	sujeito	objeto direto	objeto indireto	objeto olíquo
wǒ	eu	me	me	mim, comigo
nǐ	tu	te	te	ti, contigo
tā	ele/ela	o/a	lhe	ele/ela
wǒmen ⁴⁴	nós	nos	nos	nós, connosco
nǐmen	vós	vos	vos	vós, convosco
tāmen	eles/elas	os/as	lhes	eles/elas

Tabela 1 – Pronomes pessoais em PE e em mandarim

Como é apresentado na tabela acima, os pronomes em mandarim são invariáveis, ou seja, mantêm sempre a mesma forma independentemente da função sintática que exercem em orações.

No caso do pronome de 3.^a pessoa, o pronome anafórico por excelência, Li e Thompson (1981: 132) dizem que “In narrative, for instance, the third person pronoun, tā⁴⁵ ‘she/he/it’ refers to an entity whose identify is already, established by a regular noun phrase that has occurred earlier.” Veja-se um exemplo dos autores:

- (17) Qù - nián lái - le yī- gè fǎ-guó-rén, tā huì xiě Zhōngguó zì。
passado ano chegar-le um-CN francês, ele saber escrever chineses caracteres.
(tradução literal)

No ano passado, um francês chegou e ele sabe escrever caracteres chineses.

Neste caso, o pronome pessoal da 3.^a pessoa do singular tā (ele) retoma o sintagma nominal 'yī- gè fǎguó rén' (um francês) da oração anterior.

Em mandarim, os pronomes possessivos não têm formas independentes como em português, pelo facto de serem expressados através de pronomes pessoais associados à preposição 'de'⁴⁶.

⁴⁴ Em mandarim, a pluralidade dos pronomes é marcada morfema pelo sufixo men (们).

⁴⁵ Em mandarim, tā representa três pronomes: 他, 她 e 它. O primeiro refere-se a uma pessoa do sexo masculino; o segundo refere-se a uma pessoa do sexo feminino e o terceiro refere-se a uma entidade animada. Os pronomes pessoais muito raramente referem um objeto.

⁴⁶ Em mandarim, os pronomes possessivos encontram-se geralmente na deixis, raramente na anáfora.

	singular			plural			
Mandarim	wǒ de	nǐ de	tā de	wǒmen de	nǐmen de	nínmen de	tāmen de
Português	meu	teu	seu/ sua	nossos/ nossas	teus/ tuas	vossos/ vossas	seus/ suas

Tabela 2 – Pronomes possessivos em PE e em mandarim

Veja-se um exemplo:

(18) «Lún Yǔ» shì shuí-de?

«Os Analectos» é quem-de?

Shì tā de。

ele-de/ela-de.

De quem é «Os Analectos»?

É dele/dela.

Em (18), 'tā de' (dele/dela) é um pronome possessivo que substitui a entidade «Lún Yǔ», assim estabelecendo uma relação anafórica correferencial.

A respeito dos pronomes demonstrativos⁴⁷, em mandarim só há duas formas invariáveis 'zhè' e 'nà'. tal como é apresentado na tabela abaixo:

Mandarim	Português		
	variável		invariável
zhè	este/esta	estas/estes	isto
nà	esse/essa, aquele/aquela	esses/essas, aqueles/aquelas	isso, aquilo

Tabela 3 – Pronomes demonstrativos em PE e em mandarim

Veja-se um exemplo:

⁴⁷ No uso anafórico, os pronomes demonstrativos relacionam-se geralmente com a anáfora concetual, e raramente com a anáfora direta.

(19) Wǒ yàn-è yī-gè jiào Lǐsì de nán-shēng,

Eu odiar um-CN chamar Lisi de rapaz,

zhè shì zì xiǎo yǐ lái wǒ yàn-è de dì-yī-gè rén。

este ser desde criança eu odiar de primeira-CN pessoa. (tradução literal)

Odeio um rapaz que se chama Lisi, este é a primeira pessoa que odeio desde criança.

No exemplo (19), 'zhè' (este) é um pronome demonstrativo que retoma o sintagma 'yī-gè jiào Lǐsì de nán-shēng' (um rapaz que se chama Lisi) que foi introduzido na oração anterior.

Em comparação com a anáfora zero, e de acordo com Huang (1994: 257-258), o uso de pronomes é mais restrito, tendo em conta que os pronomes não ocorrem de forma tão livre como em português e são usados menos frequentemente. Então, em que contextos são aceitáveis? E, mais ainda, em que contextos é possível a ocorrência de um pronome e de uma anáfora zero, mas, mesmo assim, um pronome é mais adequado? Para responder a isto, Li e Thompson (1989: 662) referem a função de 'salientar' (*highlight*) que a anáfora pronominal tem em mandarim:

That is, it is not enough just to say that whenever the referent can be understood or figured out, a zero pronoun can be used, because there are times when it would be quite obvious what the reference for a given pronoun would be if it were omitted, and yet it must be used.

Segundo os mesmos autores, uma anáfora zero é suficientemente informativa quando não há razão específica para chamar a atenção do referente; no entanto, recorre-se à anáfora pronominal para salientar, ainda que por diferentes motivos⁴⁸, uma determinada referência. Veja-se o exemplo:

(20) Wài biān jìn - lái le yī - gè rén —— liǎng - gè hóng yǎn jīng,

Fora entrar-le uma - CN pessoa dois - CN vermelhos olhos,

⁴⁸ Esses motivos podem ser o desejo de ressaltar uma determinada informação, mas também a expressão de significados mais atitudinais como o reforço e a emotividade. Ver Tien (2010: 444-445).

yi - fù dà yuán-liǎn, —— dài zhe yi - gè xiǎo mào-zǐ,
um - CN grande rosto redondo usa um - CN pequeno chapéu,
tā xìng Xià
ele/ela “apelida-se” Xia. (tradução literal)

Uma pessoa veio de fora. [Ø] Tem os olhos vermelhos e um rosto redondo. [Ø] Usa um chapéuzinho. [Ele]/[Ela] tem o apelido Xia.

Neste exemplo, o tópico mantém-se desde a primeira oração até à última. Depois da introdução da personagem “yi-gè rén” (uma pessoa), utilizam-se duas ocorrências da anáfora zero, na retomada da entidade, para falar da aparência e do vestido dela. No entanto, na última oração, a mesma entidade é retomada pela anáfora pronominal 'tā' (ele/ela), transmitindo informação inesperada (o sobrenome) relativamente às informações das orações anteriores. Portanto, é apropriado o uso do pronome em vez da anáfora zero, tendo em conta que o pronome 'tā' enfatiza uma mudança no tipo de informação transmitida.

Em português, e muito sumariamente, grande parte dos estudos sobre anáfora tenta compreender a utilização do pronome nulo (anáfora zero) em oposição ao pronome realizado (anáfora pronominal) e aponta para um princípio relativamente consensual: o princípio de evitamento do pronome. Segundo este princípio, “Evitar o pronome numa língua deve ser entendido como a estratégia sintáctica de usar pronomes nulos interpretados co-referencialmente, enquanto o uso de pronomes lexicalmente realizados conduz a uma interpretação de referência disjunta” (Brito, 1991: 116-117). Este princípio significa que, sempre que há continuidade tópica, a anáfora zero é a solução mais frequentemente usada. Pelo contrário, quando um sujeito de uma oração é um pronome lexicalmente realizado, tal significa que o autor do texto deixa uma instrução no sentido de sinalizar um outro foco de atenção que não o anterior, obrigando o interlocutor a procurar outro antecedente.

Em conclusão, ao analisar as diferentes formas de gerar cadeias referenciais, em mandarim, verificámos a existência de três grandes traços diferenciadores relativamente ao uso da anáfora em português. Por um lado, a ocorrência do Nome Nu, que pode ter uma dupla valência (introduzir entidades novas ou retomar entidades já previamente mencionadas); por outro lado, o recurso à anáfora zero, com uma maior amplitude de utilização e sem ser obrigatória a

existência de um antecedente no discurso prévio; por último, a retoma pronominal, de uso mais limitado do que em português e frequentemente usada como recurso estilístico.

Capítulo II. Metodologia

Na sequência do enquadramento teórico, descreve-se, neste capítulo, a metodologia utilizada no presente estudo. Na primeira parte, são apresentados interesses e objetivos da análise. Procede-se, na segunda parte, à descrição do método usado na construção do *corpus* que constitui a base de análise deste trabalho, isto é, à descrição do estímulo aplicado na produção textual e à descrição do *corpus* obtido. Por fim, descreve-se a forma como foi feita a escolha dos informantes e a respetiva caracterização sociolinguística.

2.1. Interesses e objetivos do estudo

Como referimos no capítulo anterior, a anáfora é considerada um aspeto relevante no processo de ensino-aprendizagem de LE/L2. A análise da anáfora direta decorre, neste estudo, do interesse em saber como os aprendentes chineses de diferentes níveis de proficiência utilizam cadeias referenciais para contar uma história, de modo a construir um texto escrito que faça sentido e, mais precisamente, em saber quais são as expressões anafóricas diretas a que recorrem para estabelecer essas cadeias nos seus textos. Portanto, no presente trabalho pretendemos:

- i) identificar e interpretar as ocorrências da anáfora direta, especificamente os casos da anáfora nominal, anáfora pronominal e anáfora zero;
- ii) identificar e analisar as ocorrências desviantes no uso destes três tipos de anáfora.

Em consequência, tentamos averiguar quais as dificuldades apresentadas no uso da anáfora direta pelos aprendentes chineses de PLE/L2 em função do nível de proficiência.

2.2. Construção do *corpus*

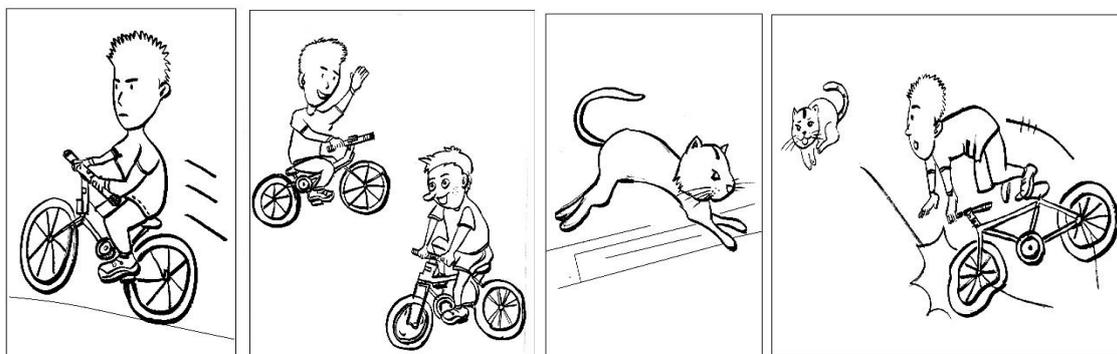
Para obtermos o *corpus* que será alvo de análise, pedimos aos informantes que escrevessem um texto narrativo a partir de uma sequência de imagens não legendadas. Porquê a escolha de uma narrativa? Por um lado, este tipo de texto apresenta personagens e essas entidades são constantes na trama, gerando a necessidade de as referir ao longo da história; nesse sentido, é necessário construir cadeias de referência que designem essas entidades ao

longo do texto, permitido assim gerar uma certa continuidade informativa (criando, por seu turno, coerência). Por outro lado, a estruturação de uma história é uma atividade complexa para aprendentes de PLE/L2. De facto, a construção de uma narrativa exige um grande esforço cognitivo, sobretudo no caso de haver entidades do mesmo sexo integradas na história, pois durante a narração, é preciso não só saber como introduzir corretamente as várias entidades no universo textual, mas sobretudo, e no caso das entidades do mesmo sexo, saber como retomá-las na sequência da história, de modo a que o leitor saiba a quem se referem e de modo a não gerar ambiguidades.

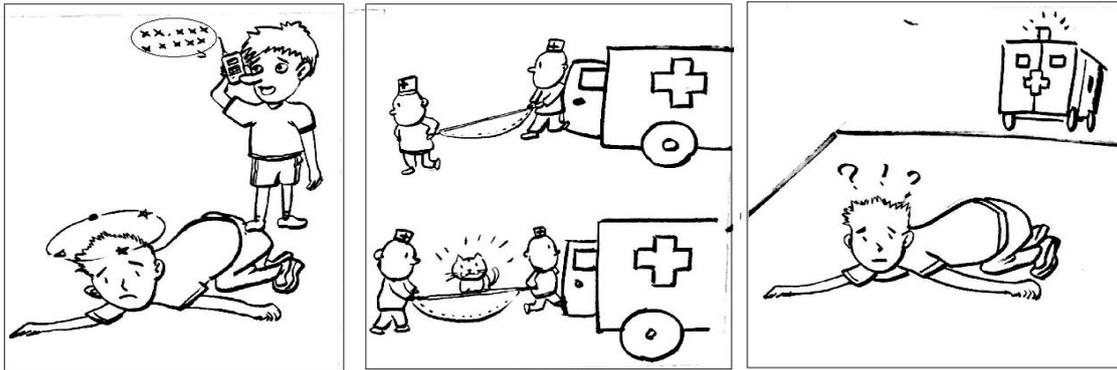
2.2.1. Descrição do estímulo

Com base nos nossos objetivos, a sequência de imagens para estruturar a história teria de obedecer a dois critérios: i) haver pelo menos duas entidades singulares (humana ou animal) do mesmo sexo, em interação na história; ii) haver entidades plurais, também do mesmo sexo, como participantes. A ideia era levar os alunos a pensar na melhor forma de as referir (retomar), tendo em consideração a quase certa ocorrência de ambiguidade. Nesse sentido, optamos por um tipo de estímulo que dispensa a intervenção direta do investigador e induz os informantes a produzir uma narrativa, a qual é considerada, por Himmelmann (1998), um “staged communicative event”, um evento comunicativo relativamente autêntico, pois não é manipulado pelo investigador e é da inteira responsabilidade do próprio informante.

Com base nestes critérios, criamos a sequência de imagens que se apresenta a seguir e que pedimos aos alunos para transformar em texto:⁴⁹



⁴⁹ Esta sequência de imagens foi inspirada em: *De quem foi a culpa?* In Helena Marques Dias & Pedro Salinas Calado (2011). *Vamos Contar Histórias*. Lisboa: Lidel, e desenhada por um amigo meu, artista, Yi Zhou.



A história é composta por sete imagens ordenadas sequencialmente nas quais há vários referentes: dois rapazes, um gato, dois enfermeiros, duas bicicletas e uma ambulância. Como se vê, as entidades masculinas são as protagonistas da história (os dois rapazes, o gato e os dois enfermeiros) e, sendo centrais, é necessário retomá-las de forma adequada.

A todos os informantes foi pedido que escrevessem um texto a partir da sequência de imagens não legendadas. A única palavra que decidimos incluir no estímulo foi a palavra 'ambulância', uma vez que alguns deles poderiam não a conhecer. Além disso, os informantes não tiveram dicionário ou outro recurso para consultar.

Os alunos participantes, a quem não foi dado limite de tempo ou de palavras para a execução da tarefa, foram instruídos no sentido de evitar a escrita de diálogos, pois essa possibilidade potencializaria sobretudo a ocorrência de referência deítica e não a anafórica e não permitiria obter os dados pretendidos.

2.2.2. Descrição do *corpus*

O *corpus* do presente trabalho é constituído por 45 textos escritos, produzidos por 45 informantes. Todos os textos foram produzidos em contexto da sala de aula. Os textos encontram-se divididos em três grupos: 15 textos foram produzidos por aprendentes de PLE de nível B1; outros 15 textos foram produzidos por aprendentes de PLE de nível C1; os últimos 15 textos foram escritos por alunos portugueses, universitários; estes alunos constituem o grupo de controlo. A produção escrita deste último grupo vai permitir avaliar os desvios efetuados pelos dois grupos de aprendentes chineses.

A Tabela 4 ilustra a distribuição dos textos, no que respeita ao número de informantes, ao

número de textos e ao número total de palavras por grupo de informantes em função dos níveis de proficiência em PLE.

Nível de proficiência	número de textos	número total de palavras	número médio de palavras
B1	15	1088	73
C1	15	1600	107
falantes nativos	15	1276	85
total	45	3964	88

Tabela 4 - Distribuição de textos por grupos de informantes em função do nível de proficiência em PLE

2.3. Informantes

Este estudo contou com a participação total de 45 informantes, que se dividiram por três grupos de 15 alunos cada: dois grupos experimentais e um grupo de controlo. O primeiro grupo consiste num grupo de 15 aprendentes chineses do nível B1 (designado doravante por Grupo B1); o segundo grupo é constituído por 15 aprendentes chineses do nível C1 (designado doravante por Grupo C1). O grupo de controlo contou com 15 falantes nativos (designado doravante por Grupo Nativo).

2.3.1. Escolha dos informantes

A escolha dos grupos experimentais referidos acima foi motivada pelo facto de os aprendentes do nível B1 terem uma competência linguística ainda limitada, permitindo-lhes “ligar uma série de elementos curtos, distintos e simples e construir uma sequência linear de informações”, de modo a desenvolver textos escritos (QECR, 2001: 178), ao passo que os aprendentes do nível C1 já seriam “capazes de produzir um discurso claro, fluido e bem estruturado, que revela um domínio de padrões organizacionais, de conectores e de mecanismos de coesão.” (*ibidem*). Levando em conta estes descritores, é bem distinta a competência linguística, no que toca aos mecanismos que asseguram coesão em B1 (Nível Limiar) e C1

(Nível de Autonomia).⁵⁰ Portanto, espera-se que, em função do nível de proficiência em PLE, seja registada uma cada vez maior variedade de recursos coesivos (expressões anafóricas) nos textos e, através destes, espera-se que possamos encontrar um padrão de desenvolvimento no que respeita ao uso de expressões anafóricas (anáfora direta) nos textos.

A escolha do grupo de controlo, por sua vez, foi determinada pela consideração de que o Nível C1 representa um nível avançado de competência linguística e pela hipótese de que os informantes de C1 conseguiriam facilmente aproximar-se do grupo de controlo no que diz respeito à utilização de recursos coesivos. Assim, o *subcorpus* produzido pelo grupo de controlo permite-nos avaliar não só a (hipotética) distância a que se encontra o Grupo C1, mas também observar a diferença entre o Grupo B1 e o Grupo Nativo, e ainda avaliar as dissemelhanças entre aprendentes de PLE e falantes nativos.

2.3.2. Caracterização sociolinguística dos informantes

Solicitamos aos 30 informantes chineses que preenchessem o *Perfil dos Informantes - Falantes Não Nativos*⁵¹, tendo em conta as seguintes variáveis: sexo; idade; LM; língua de escolarização; línguas estrangeiras aprendidas; nível de proficiência em PLE; local onde começaram a aprender português; tempo de aprendizagem do português; contextos e frequência de uso do português fora da sala de aula. Aos 15 informantes portugueses foi pedido que preenchessem o *Perfil dos Informantes - Falantes Nativos*⁵², no que respeita ao sexo, idade, LM, língua de escolarização, LE com maior proficiência, curso frequentado, habilitações literárias, e eventual formação em linguística. Depois, recolhemos os dados registados nos próprios perfis para proceder à análise do *corpus*.

Os 30 informantes chineses frequentaram, a partir de outubro de 2016,⁵³ Cursos de Português para Estrangeiros (ano letivo 2016/2017), na Faculdade de Letras da Universidade

⁵⁰ O Conselho da Europa desenvolveu uma estrutura com descritores de competências numa língua, a qual é composta por três níveis de proficiência e cada nível é subdividido em dois: A: Utilizador Elementar, incluindo A1 Nível de iniciação, A2 Nível elementar; B: Utilizador Independente, incluindo B1 Nível limiar e B2 Nível vantagem; C: Utilizador Proficiente, incluindo C1 Nível de Autonomia e C2 Nível de Mestria (QECR, 2001:48).

⁵¹ Ver Anexo II. – O Perfil dos Informantes - Falantes Não Nativos.

⁵² Ver Anexo III. – O Perfil dos Informantes - Falantes Nativos.

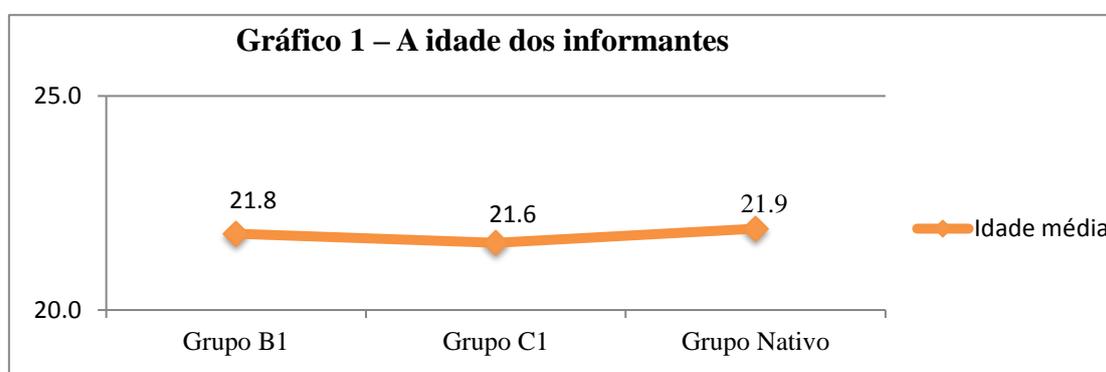
⁵³ A recolha dos textos foi realizada nos dias 23 de março de 2017 e 18 de maio de 2017.

de Coimbra. O Grupo B1 tem um total de 15 informantes: 13 do sexo masculino⁵⁴ e 12 do sexo feminino. Por fim, o Grupo C1 tem 15 informantes: 3 do sexo masculino e 12 do sexo feminino.

Relativamente ao Grupo Nativo, é composto por 15 informantes universitários portugueses: 4 do sexo masculino e 11 do sexo feminino. Desses 15 informantes, 12 frequentam o curso de Português, 2 frequentam o curso de Línguas Modernas e 1 frequenta o curso do Mestrado em Ensino de Português na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Idade

Como se pode verificar no Gráfico 1, a média de idades dos três grupos é relativamente próxima, entre os 21 e os 22 anos. Os informantes do Grupo B1 têm idades compreendidas entre os 20 e os 27 anos e 87% deles têm idade compreendida entre os 20 e os 24 anos. No Grupo C1, os informantes têm entre 20 e 28 anos e 93% deles têm idades entre os 20 e os 22 anos. Por sua vez, os informantes portugueses têm entre 20 e 26 anos e 87% deles têm idade compreendida entre os 20 e os 23 anos.



Experiência de aprendizagem de PLE/L2

No Grupo B1, todos os informantes iniciaram a aprendizagem de português na China (Macau ou China continental). Entre eles, 5 informantes são alunos de intercâmbio do 2º ano da licenciatura em Cultura e Língua Portuguesa de uma faculdade chinesa e 1 é aluno de intercâmbio do 3º ano.

⁵⁴ A questão do sexo não nos pareceu ser relevante na análise dos dados.

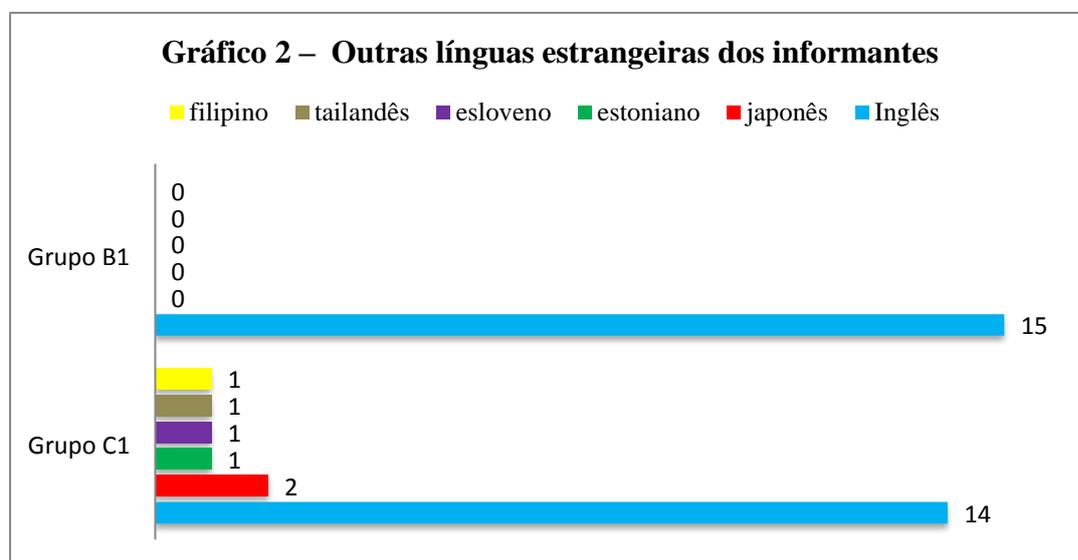
Entre os informantes de C1, 14 informantes iniciaram a aprendizagem de português na China e, mais especificamente, 13 deles são alunos do 3º ano da licenciatura em Cultura e Língua Portuguesa que iniciaram a aprendizagem nas faculdades chinesas. Antes de virem para Portugal, eles tinham aprendido português na China durante 2 anos e, no total, o tempo total da aprendizagem de português é entre 2,5 anos e 3 anos. Há apenas um informante que iniciou a aprendizagem de português num país lusófono⁵⁵.

Contextos de uso de português

No Grupo B1, os informantes declararam viver em Portugal entre 2 e 6 meses. Fora do contexto da sala de aula, 13 informantes afirmaram falar português com colegas da turma/casa ou amigos e 2 informantes disseram que não falavam português regularmente.

Para os informantes de C1, fora do contexto da sala de aula, 11 deles declararam falar português com colegas da turma/casa, amigos ou namorado e 4 deles disseram que não falavam português regularmente.

Outras Línguas Estrangeiras



Além do português, 29 informantes dos dois grupos experimentais falam inglês e consideram que o inglês é a língua estrangeira em que são mais proficientes;⁵⁶ 1 informante

⁵⁵ No perfil, o informante não indicou em que país lusófono aprendeu a falar português.

⁵⁶ O nível de proficiência em língua inglesa situa-se, de acordo com as declarações dos informantes, entre B1 e

diz que o Tailandês é a língua estrangeira em que é mais proficiente e o nível de proficiência nessa língua é A2. Além do inglês, os informantes de C1 ainda conhecem outras línguas estrangeiras, tais como japonês, filipino, tailandês, esloveno e estoniano.

Língua Materna

No Grupo de B1, 9 informantes consideram o mandarim como LM e 6 informantes⁵⁷ consideram o cantonês como LM; No Grupo C1, todos os informantes declaram que o mandarim é a sua língua materna. Além do mandarim, 2 informantes falam o dialeto wu e 1 informante fala dialeto xiang como LM. Com base nisso, consideramos que a língua materna dos dois grupos de informantes chineses é chinês. De facto, o termo 'chinês' designa uma família linguística que conta com uma variedade de dialetos que variam de região para região. O mandarim, cantonês, wu e xiang são os dialetos principais do chinês. Entre eles, o mandarim é conhecido como 'chinês padrão', a língua oficial da China. Quanto ao cantonês, é um dialeto falado principalmente na província de Cantão, Hong Kong e Macau.

C1.

⁵⁷ Todos estes 6 informantes declaram que o mandarim é a sua língua de escolarização.

Capítulo III. Análise do *corpus*

Neste capítulo, serão apresentados, em duas partes, os resultados da análise do *corpus*. A primeira parte descreve as estratégias de introdução de entidades no universo textual e apresenta as ocorrências desviantes nessa área de construção da referência. Na segunda parte, discutimos a forma como se distribuem a anáfora nominal, a anáfora pronominal e a anáfora zero nos textos e analisamos as ocorrências desviantes no uso destas estruturas.

Para iniciarmos essa análise, começamos por apresentar as relações correferenciais estabelecidas num texto do Grupo B1, e num texto do Grupo C1.

- (21) Ontem, [**o João**]₁ foi à escola n[**a bicicleta**]₂. [**Ele**]₁ encontrou [**um amigo**]₃. Neste momento [**um gato**]₄ corriu à frente d[**a [sua]** **bicicleta**]₂. [**O João**]₁ parou imediatamente e [**Ø**]₁ caiu no chão. [**O [seu]** **amigo**]₃ chamou [**a ambulância**]₅. No entanto, depois de chegar [**a ambulância**]₅, [**os empregos**]₆ trouxeram [**um gato**]₄ e [**Ø**]₆ deixaram [**o João**]₁ no chão. (B1_1⁵⁸)

Segue-se o elenco das cadeias referenciais (CR) por entidades.

CR (referentes)	antecedente	retomas
CR1: O João	o João NP.	ele → sua → o João → Ø → seu → o João Pron. → Det. Poss. → NP → Ø → Det. Poss. → NP
CR2: O amigo	um amigo SN [-def]	o seu amigo SN [+def]
CR3: O gato	um gato SN [-def]	um gato SN [-def]
CR4: a ambulância	a ambulância SN [+def]	a ambulância SN [+def]
CR5: os enfermeiros	os empregos SN [+def]	Ø Ø

Nota: sintagma nominal indefinido é apresentado como SN [-def]; sintagma nominal definido é apresentado como SN [+def]; nome próprio é representado como NP.; pronome é apresentado como Pron.; determinante possessivo é apresentado como Det. Poss.

Tabela 5 - As cadeias referenciais, por entidades, num texto de B1

⁵⁸ Este é o código que permite identificar os textos. Todos os textos do *corpus* analisado são codificados desta forma, de modo a manter o anonimato dos autores e a indicar o nível de aprendizagem e o número do texto, no *corpus*. Assim, um código como B1_1 indica que se trata de um texto produzido por um aluno do nível B1 e que esse texto é o primeiro texto do nosso *corpus*.

Com base neste texto de B1, observamos que na introdução de entidades no universo textual, o aprendente utiliza o nome próprio 'o João', os sintagmas nominais (SNs) indefinidos 'um amigo' e 'um gato' e os sintagmas nominais definidos 'a ambulância' e 'os empregos'. Entre todos eles, a introdução da entidade 'a ambulância' é feita através de um SN definido, e isso parece problemático. No entanto, é preciso ter atenção para o facto de quer os aprendentes chineses quer os nativos, usarem o SN definido 'a ambulância' nos seus textos. No caso dos nativos, a percentagem do uso desta expressão é de 60% (em 9 de 15 textos). Este facto permite uma leitura de natureza intensional, isto é, o SN 'a ambulância' não se refere a um objeto específico do mundo real, mas sim a um conjunto de traços semânticos que constituem, em certa medida, uma definição. E no caso da introdução da entidade 'os empregos' (isto é, os enfermeiros), é preciso considerar que, antes da ocorrência deste SN definido, a entidade 'a ambulância' já foi introduzida no universo textual, podendo assim haver uma relação semântica, de natureza funcional (uma ambulância transporta enfermeiros), entre 'os empregos' e 'a ambulância'. Portanto, teríamos aqui uma cadeia anafórica de outro tipo, ou seja, uma anáfora associativa. Estas interpretações podem justificar a ocorrência destes dois SNs definidos.

A respeito da retoma de entidades, são registadas 10 expressões anafóricas, formando 5 cadeias referenciais (CR) junto com os seus antecedentes: a CR1 é constituída pelo antecedente 'o João' e pelas seguintes expressões anafóricas: o nome próprio 'o João' (1 ocorrência), o pronome pessoal 'ele' (1 ocorrência), determinantes possessivos 'sua' (1 ocorrência) e 'seu' (1 ocorrência) e a anáfora zero (1 ocorrência); a CR2, a CR3 e a CR4 são todas formadas pelo seu antecedente e pela repetição do antecedente, configurando um caso de anáfora nominal por repetição. No entanto, enquanto na CR2 temos, na expressão de retoma, uma definitivização do determinante, o que indica que o antecedente já é conhecido, na CR3, notamos que, em vez de um grupo nominal definido, o informante utiliza um grupo nominal indefinido 'um gato' para retomar uma entidade já introduzida antes, o que revela mais um problema; na CR5, a anáfora zero é a única anáfora utilizada. A partir das CRs analisadas, podemos ver que a anáfora nominal (SN; NP) é o recurso coesivo mais frequente (metade das ocorrências), em comparação com a anáfora pronominal e a anáfora zero.

Passemos agora a analisar um texto do nível C1.

(22) Um dia de manhã, [o João]₁ estava a [andar de bicicleta]₂⁵⁹ na rua quando [Ø]₁ viu [o Pedro]₃ vir também duma bicicleta da outra direção e [Ø]₁ deu-[lhe]₃ cumprimentos. De repente, surgiu [um gato]₄ na rua em frente de [João]₁. Para que não [Ø]₁ bata n[o gato]₄, [ele]₁ parou bruscamente e [Ø]₁ caiu de [bicicleta]₂⁶⁰. [Ø]₁ Ficou ferido e tanto. [O Pedro]₃ chamou para [a ambulância]₅. Mas quando [a ambulância]₅ chegou, [os médicos]₆ levam [o gato]₄ e [Ø]₆ deixaram [o João]₁ na rua, confuso. (C1_10)

Seguem-se as cadeias referenciais por entidades.

CR (referentes)	antecedente	retomas
CR1: o João	o João NP	Ø → Ø → João → Ø → ele → Ø → Ø → o João Ø → Ø → NP → Ø → Pron → Ø → Ø → NP
CR2: a bicicleta	andar de bicicleta	bicicleta Nome Nu
CR3: o amigo	o Pedro NP	lhe → o Pedro Pron → NP
CR4: o gato	um gato SN [-def]	o gato → o gato SN [+def] → SN [+def]
CR5: a ambulância	a ambulância SN [+def]	a ambulância SN [+def]
CR6: os enfermeiros	os médicos SN[+def]	Ø → Ø Ø → Ø

Tabela 6 - As cadeias referenciais, por entidades, num texto de C1

⁵⁹ Considerámos, neste exemplo, o sintagma verbal ‘andar de bicicleta’ como um antecedente e, portanto, como uma forma de introdução de uma entidade no universo textual, uma vez que, mais adiante, a entidade ‘bicicleta’ vai ser retomada. Embora não constitua um caso típico de antecedente, em casos muito específicos, este tipo de sintagmas verbais pode funcionar como tal. Conforme Kleiber *et al.* (1991a: 21-22 *apud* Martins, 2001: 55-56), *apud*, o antecedente de uma expressão anafórica pode ser constituído por uma expressão não nominal; um sintagma verbal como ‘assistir a uma sessão de cinema’ ou ‘andar de bicicleta’, no nosso caso. Estes sintagmas constituem *scripts*, “a partir dos quais se constrói um esquema de acção” com determinadas entidades previstas nesse esquema e que podem ser então retomadas posteriormente no discurso. No entanto, estes casos mais atípicos não serão considerados na nossa análise pelo facto de estas expressões serem sintagmas verbais que contêm um nome de natureza genérica e que não introduzem, pelo menos à primeira vista, nenhuma nova entidade no texto.

⁶⁰ Trata-se de um caso de ausência de especificador. Este caso específico será tratado na secção 3.1.1.

No caso do texto de C1, a introdução de novas entidades é feita através dos nomes próprios, 'o João' e 'o Pedro'; do SN indefinido, 'um gato'; dos SNs definidos, 'a ambulância' e 'os médicos'. Da mesma forma que no texto anterior, consideramos que o SN 'a ambulância' se refere a uma definição, não a um objeto específico. A respeito da introdução de 'os médicos', e uma vez mais, pode ser um caso da anáfora associativa, uma vez que há uma relação semântica clara com 'a ambulância', que já tinha sido introduzida no universo textual.

No processo da retoma de entidades, o aprendente consegue fazê-lo através de várias expressões anafóricas. Na Tabela 6, encontram-se 16 retomas anafóricas, formando 6 cadeias referenciais junto com os seus antecedentes. Entre elas, a maior cadeia referencial é a CR1 – que se refere ao primeiro menino que surge na história, o grande protagonista –, é constituída pelo antecedente 'o João' e pelas retomas anafóricas 'João' (1 ocorrência), 'o João' (1 ocorrência), o pronome pessoal 'ele' (1 ocorrência) e a anáfora zero (5 ocorrências). Nota-se que 'João' é uma ocorrência desviante, a qual deveria ser precedida de um artigo definido; a CR3 é formada pelo antecedente 'o Pedro' e pelas retomas anafóricas 'o Pedro' (1 ocorrência) e o pronome 'lhe' (1 ocorrência), assim se estabelecendo uma relação correferencial que se refere ao segundo menino da nossa história; a CR4 já apresenta uma forma de retoma em que há definitivização do determinante; só a CR5 apresenta, na retoma, exatamente o mesmo SN que foi usado na introdução da entidade no universo textual. Também a CR6 usa a anáfora zero (2 ocorrências) na retoma.

Neste caso, podemos ver que a anáfora zero constitui, de longe, o recurso mais usado para retomar entidades e garantir a continuidade de sentido do texto (7 ocorrências), seguido da anáfora nominal (SN +def; NP).

Um rápido confronto entre estes resultados permite já desenhar algumas tendências no que diz respeito ao desenvolvimento de estratégias anafóricas ao longo da interlíngua dos aprendentes. Será que estes resultados (correspondentes a dois informantes) vão ser confirmados pela análise do *corpus*?

3.1. Introdução de entidades

Nesta parte do nosso estudo, concentramo-nos nas estratégias de introdução de entidades

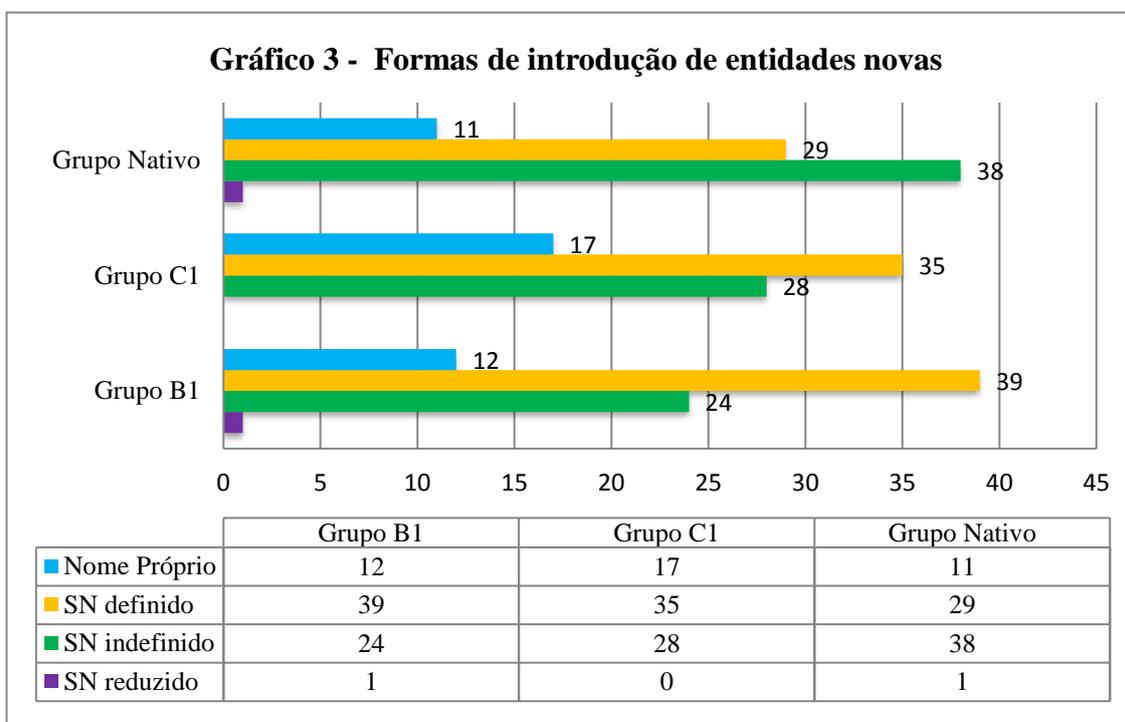
novas no universo textual, e a partir dessas estratégias, analisamos as ocorrências desviantes e quais os tipos de sintagmas cujo uso anafórico é mais problemático.

3.1.1. Estratégias de introdução de entidades⁶¹

Nos textos dos informantes, a introdução de entidades no universo textual é sempre realizada por um sintagma nominal que pode ter as seguintes formas (tal como é apresentado no Gráfico 3):

- (i) nome próprio;
- (ii) sintagma nominal indefinido;
- (iii) sintagma nominal definido;
- (iv) sintagma nominal reduzido (ex: funcionários).

Além destes quatro tipos, ainda encontramos estruturas que não estão previstas no português europeu. Referimo-nos aos sintagmas nominais com núcleo e com possessivo, mas sem especificador e aos sintagmas nominais com núcleo e modificador nominal, mas sem especificador.



⁶¹ A respeito da introdução de entidades, não vamos considerar o caso dos sintagmas verbais que podem funcionar como antecedente de retomas anafóricas, ao introduzirem um determinado *script* no universo textual. Sobre este assunto, ver, acima, nota 59.

Podemos observar uma grande diferença, entre os três grupos, nas formas de introdução de entidades novas no discurso, sobretudo no que respeita ao uso do SN definido e indefinido. Enquanto os padrões de uso dos aprendentes de B1 e de C1 andam relativamente próximos, pois em ambos é visível a preferência pelo SN definido para a introdução de entidades (seguido do SN indefinido e do NP), o Grupo Nativo inverte esta tendência ao usar sobretudo o SN indefinido.

A partir dos resultados, podemos concluir que os aprendentes chineses, quer do nível B1 quer do nível C1, preferem um SN definido para introduzir entidades novas no universo textual.¹, de modo diferente, os nativos preferem um SN indefinido, como é habitual em PE.

A seguir são apresentados exemplos destes casos nos textos dos informantes.

(i) Nome próprio

(23) Ontem, **o João** estava a andar a bicicleta na rua e encontrou **o Mark**. (B1_7)

(24) **O João** andava a bicicleta quando encontrei **o António**. (B1_10)

(25) Um dia, **o Nuno** foi para a escola de bicicleta. (C1_7)

(26) **O João** andava de bicicleta para casa, encontrou-se com **o Mário** no meio caminho.
(C1_9)

(ii) Sintagma nominal indefinido

(27) De repente, existe **um gato** e passa pela rua. (B1_2)

(28) Há **um menino** está a andar a bicicleta, ele encontra o seu amigo quem também está a andar a bicicleta. (B1_15)

(29) Andando de bicicleta na rua, o menino encontrou **um amigo dele** e cumprimentou-lhe com muita alegria. (C1_6)

(30) Logo chegou a ambulância. **2 enfermeiros** saíram, levando **uma maca** e aproximando com pressa. (C1_12)

Nesta categoria, encontra-se uma estrutura frequente [artigo indefinido/quantificador

numeral + nome]⁶² que induz uma leitura indefinida (ver os exemplos (27), (28) e (30). Além disso, em (29), ainda encontramos uma estrutura diferente [artigo indefinido + nome + modificador do nome]. Neste caso, 'um amigo dele' refere-se a um amigo do primeiro menino, designando uma relação semântica com uma outra entidade introduzida anteriormente.

(iii) Sintagma nominal definido

- (31) O menino toce o gato, o seu amigo telefonou para **o hospital**. **A ambulância** para aqui rápida, mas **os médicos** trazem o gato para o hospital. (B1_8)
- (32) Enquanto ele cumprimenta pelo **amigo dele, o José**, que também andava um bicicleta e passava, um gato corria rapidamente por eles. (B1_5)
- (33) Um dia, quando o João estava a andar de bicicleta, encontrou **o seu amigo, o Afonso**. (C1_2)
- (34) (...) o Pedro decidiu ir-se embora para andar de bicicleta como um exercício. E no caminho dum parque, ele encontrou com **o seu melhor amigo João** que também estava a andar de bicicleta. (C1_15)
- (35) Ele mandou **o seu gato “Tigre”**, arrancar para o Pedro quando este estava a atravessar a passadeira. (C1_14)

Na categoria SN definido, a estrutura mais comum nos textos dos informantes é [artigo definido/quantificador numeral + nome], como se vê como 'o hospital', 'a ambulância', 'os médicos' (exemplo (31)). Mas aparecem estruturas mais complexas. Em (32), a introdução da segunda entidade é feita, de outra forma, através do SN definido 'o amigo dele, o José', com a estrutura [artigo definido + nome + sintagma preposicional (SN)+ SN (apositivo)]. De facto, nos textos analisados, a introdução da segunda entidade é frequentemente feita através de um SN definido, cuja estrutura é [artigo definido + determinante possessivo + nome + nome próprio], tal como 'o seu amigo, o Afonso' no exemplo (33). No caso de 'o seu melhor amigo o João'⁶³ (exemplo (34)), a introdução da entidade é feita através de um SN de estrutura mais

⁶² Sobre a proximidade / diferença entre estas duas classes, para o caso do item 'um', veja-se Miguel e Raposo (2013: 853)

⁶³ Nesta estrutura, falta uma vírgula entre 'amigo' e 'o João'.

complexa, com [artigo definido + determinante possessivo + adjetivo + nome + SN (apositivo)]. Para introduzir a entidade o gato, geralmente usa-se um SN indefinido; contudo num texto de C1, existe um SN definido 'o seu gato “tigre”' (exemplo (35)), cuja estrutura é [artigo definido + determinante possessivo + nome + nome próprio].

Nos exemplos (32), (33), (34) e (35), quer os determinantes possessivos quer o pronome da forma oblíquo, estabelecem uma relação semântica de posse com uma outra entidade que foi introduzida anteriormente no universo textual. Portanto, no momento de introdução de entidades no discurso, os aprendentes tentam criar relações coesivas entre elas.

(iv) Sintagma nominal reduzido

(36) Um peão telefonei o hospital. Depois, uma ambulância chegou, e depois **funcionários** levantaram a maca com esse catinho e saiu. (B1_11)

Para introduzir uma entidade nova, em vez de um SN definido/indefinido, este aprendente de B1 utiliza um SN reduzido na forma plural (funcionários) que é um SN sem especificador. Em mandarim, tratamos o SN reduzido 'funcionários' como um Nome Nu que pode ter valor indefinido e é habitual na introdução de uma entidade nova. Nos textos de C1, já não se encontra nenhuma ocorrência de SN reduzido.⁶⁴ Portanto, consideramos que provavelmente esta ocorrência seja produzida por transferência da língua materna.

No mesmo texto de B1, encontramos também uma estrutura que não está prevista no PE, na qual falta um especificador indefinido num SN composto por um nome e um determinante possessivo, tal como é apresentado abaixo:

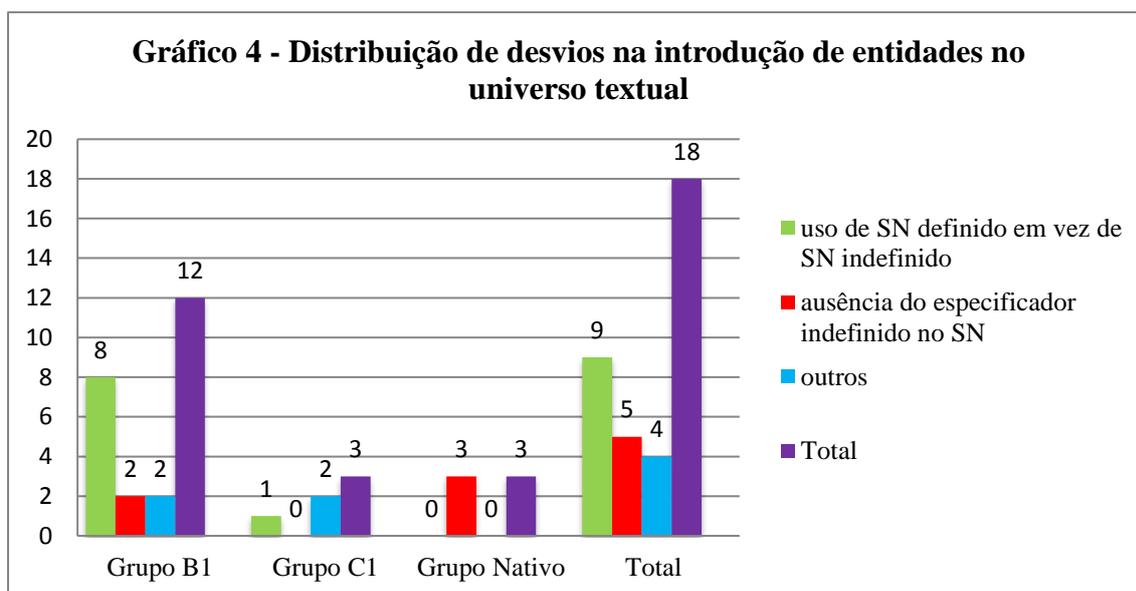
(37) O João estava na rua de bicicleta para festa logo de noite. Ele estava muito contente e disse “boa tarde” com **amigo seu** na rua. (B1_11)

3.1.2. Desvios na introdução de entidades

⁶⁴ Lembramos a ocorrência de 'bicicleta' como Nome Nu, no exemplo (22), um texto de C1. Todavia, uma vez que se trata de casos que descartamos, devido à presença do SV na posição de antecedente, não foram contabilizados.

No que concerne aos desvios encontrados nas estratégias linguísticas utilizadas na introdução de entidades no universo textual, categorizámo-los em três tipos,⁶⁵ tal como se ilustra no gráfico 4:

- (i) uso de SN definido em vez de SN indefinido;
- (ii) ausência do especificador indefinido no SN;
- (iii) outros casos.^{66/67}



Do total de 18 ocorrências desviantes, 12 são registadas no Grupo B1, representando uma percentagem de 67%, enquanto 3 ocorrem no Grupo C1 e as restantes 3 no Grupo Nativo. A respeito dos tipos de ocorrências desviantes, o maior número de desvios traduz-se no uso de SN definido em vez de SN indefinido (9 ocorrências, ou seja, metade dos desvios detetados). A ausência do especificador e 'outros casos' apresentam um número de desvios relativamente baixo.

⁶⁵ Além destes tipos de desvios, há uma ocorrência desviante na introdução da entidade 'segundo menino' por causa da redundância do especificador (artigo definido) no texto de C1_7, uma vez que o aprendiz utiliza um SN 'o seu colega o Pedro', em vez de 'o seu colega Pedro'.

⁶⁶ Incluem-se, neste grupo, dois tipos de desvio: (i) estruturas desviantes por causa da presença ou ausência de vírgula antes do aposto especificativo, como acontece, por exemplo, em: 'o seu amigo, Pedro'; 'o seu amigo o Pedro' (respetivamente); (ii) estruturas desviantes devido ao facto de o mesmo SN indefinido ser usado para a introdução de entidades diferentes. Veja-se, adiante, o exemplo (40).

⁶⁷ Neste trabalho não foram calculados os desvios de género encontrados em artigos ('a colega Tiago'; 'a rapaz') nem os problemas ortográficos que encontramos, por exemplo, em 'um cato', etc.

De acordo com estes resultados, podemos ver que os aprendentes de B1 são aqueles que têm maior dificuldade na introdução correta de entidades no universo textual. Este fenómeno é causado essencialmente pelo uso inadequado de determinantes (artigos), incluindo o uso do artigo definido em vez do indefinido, e pela omissão inadequada de artigos (SNs reduzidos). No entanto, verifica-se que este fenómeno tende a desaparecer com o desenvolvimento do nível de proficiência em português, uma vez que apenas se encontra uma ocorrência desviante do uso do artigo definido em vez do indefinido e uma ocorrência de redundância do artigo definido no Grupo C1. Lembramos que, em mandarim, não há artigos indefinidos/definidos e o Nome Nu (com valor indefinido ou definido, dependendo de contexto) é frequentemente utilizado; isso permite-nos verificar que os desvios detetados na introdução de entidades no universo textual são causados pela transferência da LM dos aprendentes chineses e que estes desvios poderão diminuir ou até desaparecer num nível avançado de português.

Vejamos agora exemplos de ocorrências desviantes:

(i) Uso de SN definido em vez de SN indefinido

(38) Um menino que monta uma bicicleta na rua. Ele disse “olá!” com **o seu amigo**, de repente, **o gato** ressaltou na rua. O menino tocou o gato, o seu amigo telefonou para o hospital. (B1_8)

(39) Quando ele viu **o seu colega** e cumprimentou ao seu colega, **o gato** apareceu e correu à frente do João. (B1_13)

(40) Andando de bicicleta na rua, **o menino** encontrou um amigo dele e cumprimentou-lhe com muita alegria. (C1_6)

Nos exemplos (38), (39) e (40), em vez do artigo indefinido 'o', dever-se-ia usar o artigo indefinido 'um' no grupo nominal, isto é, 'um amigo seu', 'um gato', 'um seu colega' e 'um menino' seriam as formas corretas de introduzir entidades.

(ii) Ausência do especificador indefinido no SN⁶⁸

(41) Um peão telefonei o hospital. Depois, uma ambulância chegou, e depois **funcionários** levantaram a maca com esse catinho e saiu. (B1_11)

(42) O João estava na rua de bicicleta para festa logo de noite. Ele estava muito contente e disse “boa tarde” com **amigo seu** na rua. (B1_11)

Na categoria relativa à ausência de especificador, temos dois exemplos no mesmo texto de B1. Um deles é um SN reduzido no qual falta um determinante definido ou indefinido e o outro é uma estrutura, não prevista no português europeu, à qual falta um determinante indefinido.

(iii) Outros casos

(43) **Um rapaz** está a andar a bicicleta com o velocidade rapidamente (...) Ele caiu no chão, não podia se levantar. À seguir, tem **um rapaz** queria ajudá-lo e chama a ambulância. (B1_2)

Neste caso, o aprendente utiliza o SN indefinido 'um rapaz' para introduzir a primeira entidade e recorre à mesma expressão para introduzir a segunda entidade na história, causando confusão ao leitor. Em vez da repetição do SN indefinido 'um rapaz', dever-se-ia usar o SN com outro determinante indefinido 'outro rapaz' ou 'um outro rapaz' na introdução da segunda entidade.

3.2. Retomada de entidades

Quando é necessário retomar posteriormente, no texto, as entidades previamente introduzidas no universo textual, surgem as expressões anafóricas. Apresentamos, nesta secção, as estratégias anafóricas utilizadas na retomada de entidades e as ocorrências desviantes no uso da anáfora direta.

⁶⁸ No texto B1_14, o aprendente utiliza um SN 'o seu amigo, Pedro' para introduzir o segundo menino. Nesse caso, não consideramos este SN como uma ocorrência desviante por causa da ausência do artigo definido que deveria preceder ao nome próprio, mas sim um SN problemático devido à introdução de uma vírgula.

Baseando-nos no número de palavras de textos e no número das expressões anafóricas, obtemos então a Tabela 7:

Grupo	número total de palavras dos textos	número total das expressões anafóricas	% média das expressões anafóricas
Grupo B1	1088	186	17.1%
Grupo C1	1600	233	14.5%
Grupo Nativo	1276	188	14.7%
Total	3964	607	15.3%

Tabela 7 - Número absoluto e percentual da anáfora direta em relação ao número total de palavras de textos

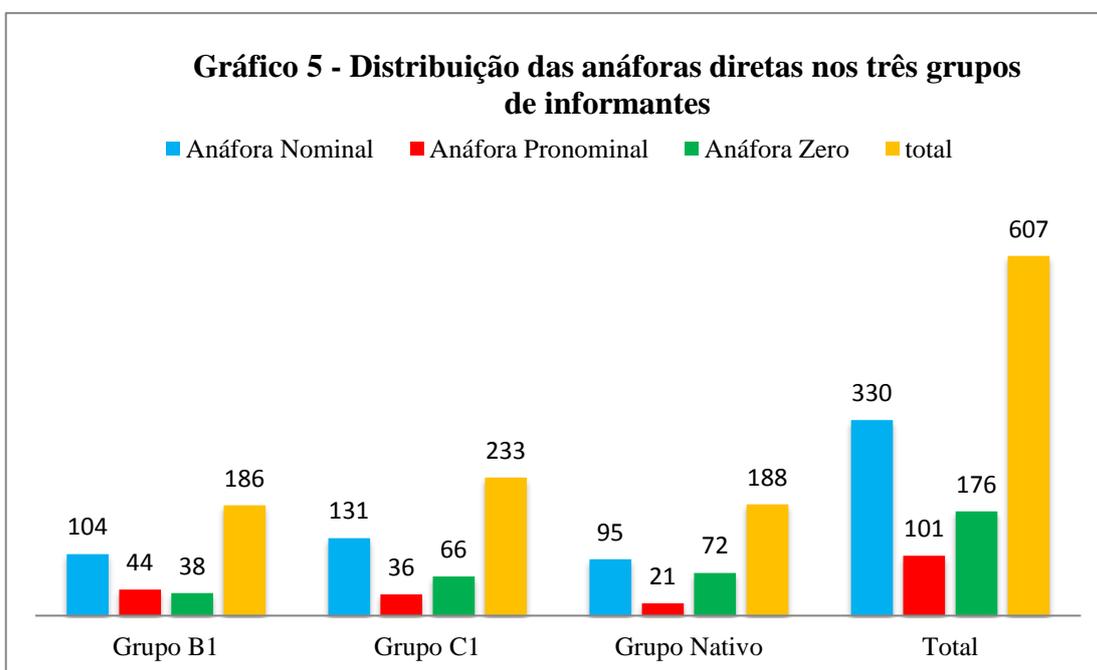
De acordo com a Tabela 7, os aprendentes de B1 escrevem menos palavras, mas registam o maior número percentual de expressões anafóricas diretas (17.1%). Por seu turno, os aprendentes de C1 escrevem mais palavras, mas apresentam uma percentagem mais baixa (14.5%) (de expressões anafóricas), muito próxima da percentagem apresentada pelo Grupo Nativo (14.7%). Este resultado permite-nos verificar que os aprendentes de C1 se aproximam, pelo menos em termos quantitativos, do Grupo Nativo enquanto os aprendentes de B1 suplantam este grupo em termos quantitativos.

Estes resultados parecem surpreendentes, pois poderíamos concluir que, para construir a coesão textual, os aprendentes de B1 (nível intermédio de proficiência de língua) utilizam um número mais elevado de expressões anafóricas de natureza correferencial do que o Grupo C1. No entanto, é pertinente lembrar que estes dados permitem outra leitura: isto não significa que os aprendentes de C1 utilizam menos estratégias anafóricas que os de B1; de facto, a anáfora direta é menos utilizada nos textos de C1, em comparação com os textos de B1, mas isto porque nos textos Grupo C1 (e também do Grupo Nativo), encontramos várias ocorrências de outros tipos de anáfora (por exemplo, a anáfora associativa). Por isso consideramos que os aprendentes de nível avançado, para além de utilizarem a anáfora direta, costumam recorrer também a outros tipos de anáforas que não sejam diretas, assim diminuindo o uso daquela.

3.2.1. Estratégias de retomada de entidades

Na retoma anafórica direta, como se mencionou no capítulo de enquadramento teórico, o antecedente pode ser retomado por um SN, por um pronome ou pelo chamado sujeito nulo. Estes processos anafóricos chamam-se, respetivamente: anáfora nominal; anáfora pronominal; e anáfora zero.

Com base na nossa análise, apresentamos a distribuição das anáforas diretas e a sua percentagem em relação ao número total das palavras nos 45 textos do *corpus*, tal como indicado no Gráfico 5 e Tabela 8.



Grupo	palavras totais	anáfora nominal	anáfora pronominal	anáfora zero	total
Grupo B1	1088	9.6%	4.0%	3.5%	17.1%
Grupo C1	1600	8.2%	2.2%	4.1%	14.5%
Grupo Nativo	1276	7.4%	1.7%	5.6%	14.7%

Tabela 8 – Percentagem das anáforas diretas em relação ao número total de palavras de textos

Como podemos observar, entre os três tipos de anáfora direta, a anáfora nominal é a predominante em todos os grupos, apresentando sempre mais de 50% de ocorrências nos três

grupos, como é visível no Gráfico 5. No entanto, a percentagem vai diminuindo do Grupo B1 ao Grupo C1, relativamente ao número total de palavras. Em comparação com os aprendentes chineses, os nativos apresentam uma percentagem ligeiramente inferior (7.4%).

Com respeito ao uso da anáfora pronominal, de forma similar à anáfora nominal, existe uma progressiva diminuição percentual à medida que se desenvolve o nível de proficiência dos alunos em português, sendo 4.0% no Grupo B1 e 2.2% no Grupo C1. Todavia, há uma diferença significativa relativamente ao Grupo Nativo, sobretudo no que diz respeito ao Grupo B1, o qual apresenta um valor que corresponde a mais do dobro do apresentado pelos nativos. No Grupo B1, a anáfora pronominal é mais frequente que a anáfora zero, mas a tendência inverte-se no Grupo C1. Com efeito, a anáfora zero apresenta um resultado contrário àquilo que ocorre com a anáfora nominal e a anáfora pronominal, pelo facto de haver um aumento percentual do seu uso ao longo do desenvolvimento da interlíngua (3.5% do Grupo B1 → 4.1% do Grupo C1). Observa-se que os Grupos de B1 e C1 apresentam uma percentagem bastante próxima, a qual fica, ainda assim, aquém da do uso que os falantes nativos lhe dão (5.6%).

Baseando-nos nos resultados obtidos acima, podemos ter as seguintes conclusões:

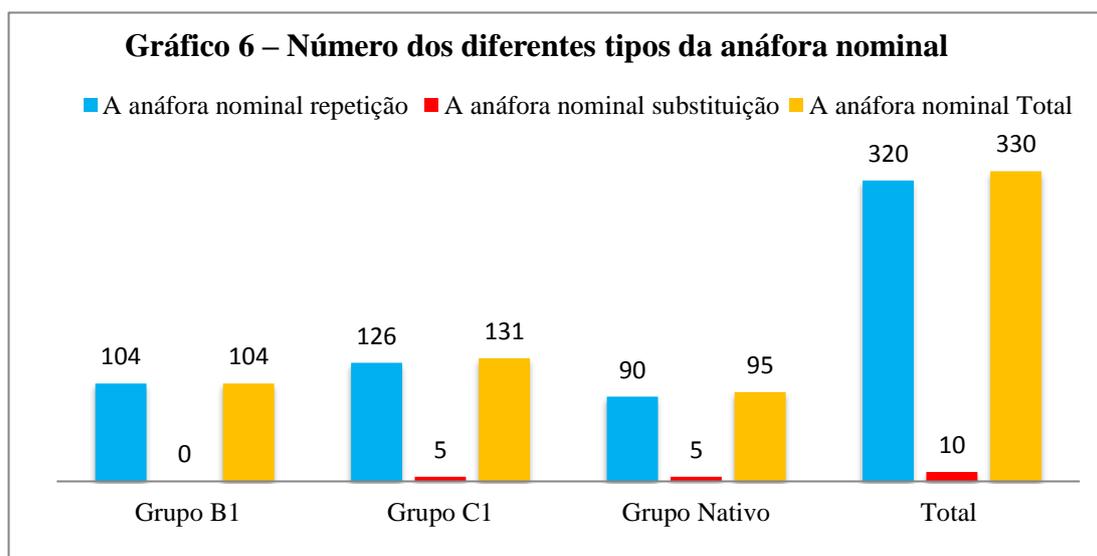
- a) A anáfora nominal é a estratégia anafórica mais usada no âmbito da anáfora direta. Sob este prisma, os aprendentes de B1 e C1 andam próximos dos falantes nativos;
- (b) A anáfora pronominal é mais frequente e mais predominante no Grupo B1 que nos Grupos C1 e Nativo. Neste aspeto, os aprendentes de B1 andam muito distanciados dos nativos, ao passo que os aprendentes de C1 já se aproximam mais dos nativos;
- (c) A anáfora zero é mais recorrente e mais predominante entre os falantes nativos que nos aprendentes de B1 e C1. Os aprendentes de B1 e C1 andam muito distanciados dos nativos; contudo, mesmo entre si, estes aprendentes apresentam uma grande diferença, pois há um grande incremento no uso deste processo anafórico no Grupo C1;
- (d) Os aprendentes de B1 andam distanciados dos nativos no que toca às três anáforas diretas, embora isso seja visível sobretudo no caso da anáfora pronominal e zero (o Grupo B1 revela sensivelmente o dobro da utilização da anáfora pronominal e cerca de metade da utilização da anáfora zero, relativamente ao Grupo Nativo). Neste nível, as estruturas em causa parecem não estar ainda dominadas e parece que a anáfora é de utilização difícil;
- (e) Os aprendentes de C1 apresentam uma percentagem de uso das expressões anafóricas

diretas já bastante próxima da dos falantes nativos; embora o uso da anáfora pronominal seja o mais próximo, é de salientar que é sobretudo a anáfora zero que fica aquém do uso dos nativos. Neste nível, parece que a anáfora zero ainda é de difícil utilização.

3.2.1.1. Anáfora nominal

No enquadramento teórico, categorizamos a anáfora nominal, um dos mecanismos cuja função é manter a continuidade referencial no texto, como podendo surgir sob a forma de nome repetido (apenas com a definitivização do determinante, como acontece, por exemplo, em: [um rapaz → o rapaz]) ou sob a forma de nome em substituição do nome próprio, por exemplo, em: [o João → o rapaz]).

Apresentamos primeiro uma análise quantitativa, por categoria, da anáfora nominal e seguidamente uma análise qualitativa da mesma.



Grupo	número total de palavras	anáfora por repetição	anáfora por substituição	Total
Grupo B1	1088	9.6%	0%	9.6%
Grupo C1	1600	7.9%	0.3%	8.2%
Grupo Nativo	1276	7.0%	0.4%	7.4%

Tabela 9 – Percentagem dos diferentes tipos da anáfora nominal em relação ao número total de palavras de textos

Tal como apresentado na tabela acima, registaram-se 330 ocorrências de anáfora nominal (320 por repetição e apenas 10 por substituição). Tanto nos Grupos B1 e C1, quanto no Grupo Nativo, existe uma grande predominância da repetição, ao passo que a substituição lexical é raramente utilizada, estando mesmo ausente no Grupo B1.

Na Tabela 9, podemos observar uma diminuição progressiva no número total e percentual da anáfora por repetição, acompanhada de um aumento progressivo dos processos substitutivos à medida que se desenvolve o nível de proficiência em língua. É importante destacar que a forma de uso da anáfora nominal (repetição e substituição) pelos aprendentes de C1 é próxima da dos nativos.

Por repetição

A repetição lexical desempenha um papel muito relevante na narração de uma história. “A repetição de expressões linguísticas, ao longo de um texto, auxilia na apreensão dos tópicos principais que o percorrem, na medida em que será nesses lexemas reiterados que – muito provavelmente – se concentrarão as ideias-chave, a informação mais importante desse texto” (Lopes & Carapinha, 2013: 35). Nos textos analisados, encontramos quatro formas de repetição:

- (i) repetição por meio da definitivização do determinante;
- (ii) repetição do mesmo SN;
- (iii) repetição do SN por meio de expansão;
- (iv) repetição por meio de redução.

(i) Repetição por meio da definitivização do determinante

(44) De repente, [**um gatinho**]₁ apaciu, correndo, atravessand a rua em frente do João, (...) Depois, uma ambulância chegou, e depois funcionários levantaram a maca com [**esse catinho**]₁⁶⁹ e saiu. (B1_11)

(45) Um dia o José estava a andar de bicicleta para a escola como habitualmente. Deparou com [**um amigo**]₁ na rua e cumprimentaram-se. De repente um gato saltou de nada para frente da bicicleta, o que faz com que o José caísse da bicicleta. [**O amigo**]₁ ligou de imediato para chamar uma ambulância. (C1_8)

⁶⁹ Neste caso, a ortografia não é relevante; assim, consideramos que os dois termos 'gatinho' e 'catinho' são repetidos.

Em (44) e (45), a definitivização do determinante ocorre com recurso a um determinante demonstrativo e a um determinante definido, respetivamente. Esta forma de definitivização é comum nos textos dos informantes.

(ii) Repetição do mesmo SN

(46) Há [**um menino**]₁ está a andar a bicicleta, ele encontra o seu amigo quem também está a andar a bicicleta. Quando [**o menino**]₁ está a falar com o seu amigo, um gato passa em frente d[**o menino**]₁ e ele não o vê o gato, por isso, [**o menino**]₁ cai pela bicicleta e o seu amigo telefona e chama a ambulância. Quando a ambulância chega, os enfermeiros levam o gato para a ambulância e saiam, [**o menino**]₁ ainda fica no chão e não compreenda porque acontece esta situação. (B1_15)

(47) Um dia [**o José**]₁ estava a andar de bicicleta para a escola como habitualmente. Deparou com um amigo na rua e cumprimentaram-se. De repente um gato saltou de nada para frente da bicicleta, o que faz com que [**o José**]₁ caísse da bicicleta. (C1_8)

Muitas vezes, as expressões anafóricas sofrem um processo de definitivização do determinante e, em seguida, um processo de repetição desse mesmo SN definido ao longo do texto, tal como ocorre em (46).

(iii) Repetição do SN por meio de expansão

(48)(...) Ao contrário do que imaginava [**o José**]₁, a ambulância veio buscar o gato para o hospital em vez de tratar d[**o pobre José**]₁ (...). (C1_8)

No exemplo (48), a entidade 'o José', é retomada quatro vezes ao longo do texto e, numa delas, o aprendente fez a retoma usando o SN 'o pobre José', com expansão adjetival de natureza avaliativa, introduzindo no texto informação suplementar.

(iv) Repetição por meio de redução

(49) Normalmente o João gosta de andar a bicicleta ao fim de semana, ontem enquanto ele andava a bicicleta, encontrou [**o amigo dele – Pedro**]₁ (...) Nesse altura, [**o Pedro**]₁ chama 112 para ajudar o João. (B1_4)

(50) Ele mandou [**o seu gato “Tigre”**]₁, arrancar para o Pedro quando este estava a atravessar a passadeira. (...) A ambulância tardou muito o seu aparecimento, mas o que fez com que o Pedro ficasse atordoado é que os enfermeiros levaram [**o Tigre**]₁, ignorando o Pedro a sangear. (C1_14)

Nestes casos (49) e (50), as expressões 'o Pedro' e 'o “Tigre”' retomam apenas os nomes próprios dos seus antecedentes 'o amigo dele – Pedro' e 'o seu gato Tigre'. Este fenómeno é habitual entre os informantes: quando introduzem uma entidade no universo textual, têm de dar mais informação sobre ela e até, nestes dois casos, estabelecer uma relação com outras entidades já presentes no universo textual, de modo a gerar coesão; quando vão fazer a retoma dessa entidade, já podem usar uma expressão mais reduzida.

Por substituição

Em todos os textos analisados, encontramos apenas uma ocorrência da anáfora nominal por substituição – um hipónimo que é substituído por um hiperónimo num texto do Grupo Nativo [o gato → o felino]. Nos textos do Grupo C1, existe a anáfora nominal por substituição, embora sob outras formas:

- (i) substituição de nome próprio por outra expressão de denotação diferente;
- (ii) substituição de antecedentes dispersos por uma só expressão anafórica;
- (iii) substituição de um nome por outro nome que tem relação de equivalência semântica.

(i) Substituição do nome próprio por outra expressão de denotação diferente⁷⁰

(51) [**O João**]₁ andava de bicicleta para casa, encontrou-se com o Mário no meio caminho.
(...) Sendo mais rápida a velocidade, não conseguiu parar imediatamente. Então [**o rapaz**]₁ caiu no chão, ficou magoado e tonto. (C1_9)

⁷⁰ Este tipo da anáfora chama-se paráfrase (Mendes, 2013: 1707).

No exemplo (51), o SN 'o João' foi retomado por uma expressão nominal de denotação diferente 'o rapaz'. Esta relação correferencial entre as duas expressões depende do nosso acesso a conhecimentos extralinguísticos.

Às vezes, este tipo de substituição lexical é acompanhado de expansão adjetival.

(52) Um dia, [**o Nuno**]₁ foi para a escola de bicicleta. (...) De repente, um gato preto saltou em frente do Nuno, fazendo [**o pobre rapaz**]₁ cair no chão. (C1_7)

Neste exemplo, a retoma anafórica introduz informação nova, de natureza avaliativa.

(ii) Substituição de antecedentes dispersos por uma só expressão anafórica

(53) Um dia das férias de verão, (...) [**o Pedro**]₁ decidiu ir-se embora para andar de bicicleta como um exercício. E no caminho dum parque, ele encontrou com [**o seu melhor amigo João**]₂ que também estava a andar de bicicleta, portanto, [**os dois meninos**]_{1|2} combinaram começar um jogo. (C1_15)

Em (53), o SN anafórico 'os dois meninos' tem dois antecedentes dispersos 'o Pedro' e 'o seu melhor amigo João'.

(iii) Substituição de um nome por outro nome que tem relação de equivalência semântica

(54) Quando estava a apreciar a beleza da primavera, encontrou [**um colega**]₁ que tinha a mesma ideia de sentir a transferência das estações. (...) No entanto, como aconteceu tão subitamente, caiu e magou-se. Vindo isso, [**o amigo**]₁ ligou com imediação ao hospital para chamar socorros. (C1_13)

No exemplo (54), o contexto permite que 'um colega' e 'o amigo' sejam correferenciais, havendo uma relação de equivalência semântica entre eles.

3.2.1.2. Anáfora pronominal

Nos 45 textos são registadas 101 ocorrências da anáfora pronominal. A anáfora pronominal é, portanto, um recurso frequentemente utilizado nas retomas anafóricas. Como se viu anteriormente (cf. Tabela 8), o uso da anáfora pronominal apresenta uma redução ao longo do desenvolvimento do nível de proficiência em português. Na tabela abaixo, apresentamos os tipos de pronomes anafóricos utilizados nos textos:

Anáfora pronominal					
	pronome pessoal		pronome demonstrativo	pronome indefinido	total
	pron. pess. sujeito	pron. pess. oblíquo			
Grupo B1	32	12	0	0	44
Grupo C1	16	19	1	0	36
Grupo Nativo	5	11	4	1	21
total	53	32	5	1	101

Tabela 10 – Tipologia da anáfora pronominal

Como se observa na Tabela 10, em todos os grupos, o pronome pessoal foi o recurso anafórico de natureza pronominal mais usado, quer como pronome sujeito quer como pronome oblíquo. No Grupo B1, encontramos apenas pronomes pessoais como termo anafórico. O Grupo C1 revela maior variabilidade, pois aparece já uma ocorrência do pronome demonstrativo, que não existe no Grupo B1.

Em comparação com os Grupos B1 e C1, o Grupo Nativo apresenta um número muito menor de anáforas pronominais; em particular, há uma diminuição acentuada do uso do pronome pessoal sujeito. No entanto, os falantes nativos recorrem a expressões anafóricas pronominais mais variadas, uma vez que, além do pronome pessoal, se regista um número considerável de pronomes demonstrativos (4 ocorrências) e 1 ocorrência do pronome indefinido, o que não existe nos textos dos alunos chineses.

A partir destes resultados, parece-nos que existe uma evolução no uso da anáfora pronominal desde o nível B1 até ao C1. O uso da anáfora pronominal diminui, na globalidade; no entanto, em C1, se o pronome pessoal sujeito diminui para metade, aumenta o uso do

pronome oblíquo, que ultrapassa o do pronome pessoal sujeito. Ao mesmo tempo, o uso de pronomes demonstrativo surge neste nível.

Vejamos alguns exemplos da anáfora pronominal:

Pronome pessoal sujeito

(55) [Um menino]₁ que monta uma bicicleta na rua. [Ele]₁ disse “olá!” com o seu amigo, de repente, o gato ressaltou na rua. (B1_8)

(56) [O João]₁ andava de bicicleta para casa, encontrou-se com [o Mário]₂ no meio caminho. [Eles]_{1|2} cumprimentaram-se mutuamente. (C1_9)

Os exemplos (55) e (56) mostram a retoma pronominal do sujeito; no segundo caso, o pronome pessoal sujeito 'eles' tem dois antecedentes dispersos 'o João' e 'o Mário' no texto anterior.

Pronome pessoal oblíquo

(57) Ontem da tarde, [o João]₁ esteve a andar um bicicleta pelo caminho no campo. Enquanto ele cumprimenta pel[o amigo dele, o José]₂, que também andava um bicicleta e passava, um gato corria rapidamente por [eles]_{1|2}. (B1_5)

(58) Um dia [o João]₁ estava andar na rua pela bicicleta. E ele encontrou [o seu amigo, o Pedro]₂. [Eles]_{1|2} conversaram-se um pouco tempo. Neste momento, o gato ocorreu pelo jardim e supresou-[os]_{1|2}. (B1_14)

Os exemplos (57) e (58) são dois casos de anáfora pronominal com antecedentes dispersos. Em (57), o pronome pessoal oblíquo tónico 'eles' (com a função de complemento oblíquo) retoma dois antecedentes introduzidos nas orações anteriores, 'o João' e 'o amigo dele, o José'. Em (58), é o pronome oblíquo tónico 'os', na função de complemento direto, a retomar as entidades 'o João' e 'o seu amigo, o Pedro'.

(59) Um dia, quando [o João]₁ estava a andar de bicicleta, encontrou [o seu amigo, o Afonso]₂. [O João]₁ acenou-[lhe]₂ a mão e [o Afonso]₂ também [lhe]₁ deu um sorriso

em troca. (C1_2)

Em (59), há duas ocorrências de anáfora pronominal. Como há dois referentes concorrentes, o aprendente escolhe usar os nomes próprios na posição de sujeito das orações (sublinhadas) e a anáfora pronominal na posição de objeto, evitando a repetição lexical.

Pronome demonstrativo

(60) O João, ficando ainda pior e sentindo uma vergonha desabalada, decidiu vingar a afronta. Ele mandou o seu gato “Tigre”, arrancar para [o Pedro]₁ quando [este]₁ estava a atravessar a passadeira. (C1_14)

Neste caso, o pronome demonstrativo 'este' ocorre numa oração subordinada temporal. Uma anáfora pronominal deste tipo, ocupando a posição de sujeito da oração subordinada, preferencialmente faz referência ao complemento 'o Pedro', a última entidade recuperável. Neste contexto, uma anáfora zero teria outra interpretação: o uso do pronome nulo geraria, preferencialmente, uma interpretação correferencial em relação ao sujeito da oração principal (subordinante). Os pronomes demonstrativos têm, como se vê a possibilidade de funcionar como elementos referencialmente disruptivos, isto é, de quebrar a continuidade tópica,⁷¹ sobretudo quando há, como é o caso, duas entidades em concorrência.

Pronome indefinido

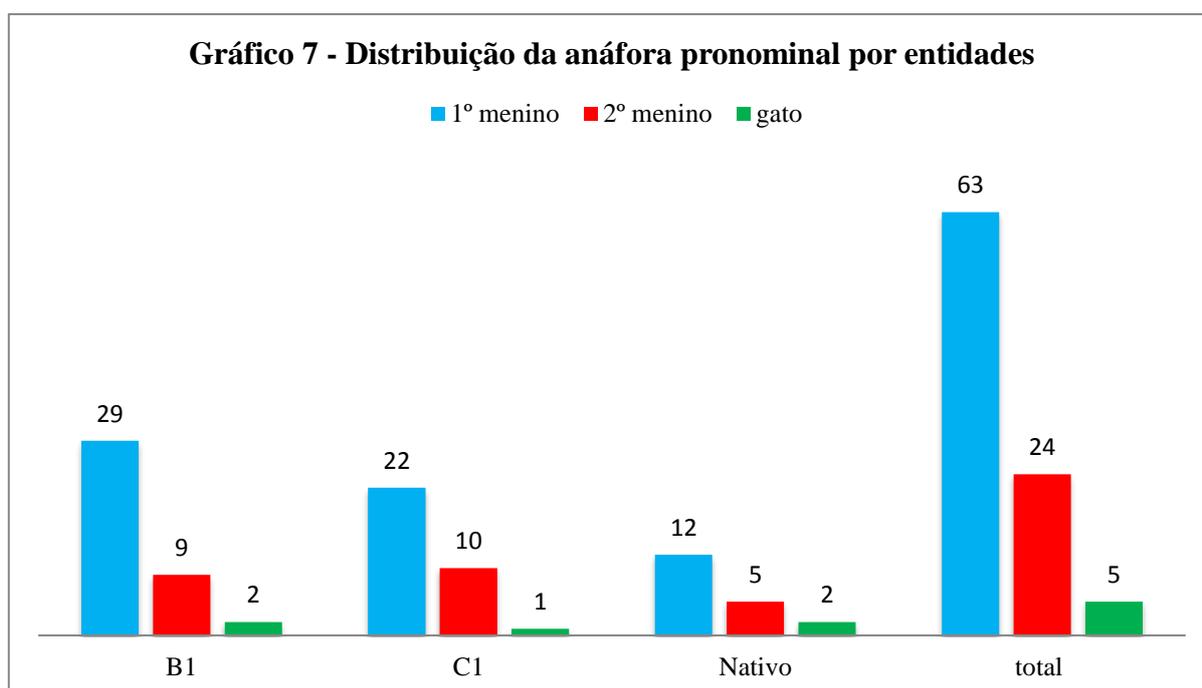
Encontramos apenas uma ocorrência, no texto de um aluno nativo.

(61) Benjamim, rapaz brincalhão e divertido, costuma andar de bicicleta pela sua rua. (...) [Manuel]₁ (o seu amigo) decide ligar à ambulância para que [Benjamim]₂ receba os cuidados de que necessita. Porém, [ambos]₁₂ ficam espantados e admirados quando percebem que quem foi receber cuidados hospitalares, na verdade, foi o gato. (N_12)

⁷¹ Sobre este tema, leia-se Pereira, 2004.

Em (61), é o pronome indefinido 'ambos' (correspondente ao uso pronominal do quantificador) a expressão anafórica de retoma das entidades 'Manuel' e 'Benjamim'.

No global, a maioria das anáforas pronominais é usada na construção de cadeias referenciais que designam as entidades humanas e animadas presentes na história (mas não as entidades não animadas) e é sobretudo usada para referir o primeiro menino, tal como apresentado no Gráfico 7:



Quando fazemos uma comparação entre as entidades presentes na história, observamos que a anáfora pronominal é bastante frequente na retomada do primeiro menino, tanto nos textos dos chineses quanto nos textos dos falantes nativos. Ao contrário, nas cadeias referenciais que designam a entidade 'o gato', a anáfora pronominal é raramente registada em todos os grupos (a anáfora nominal é a predominante nos três grupos). Nas formas de retomada do segundo menino, há também um número considerável de anáforas pronominais, mas em menor quantidade que as usadas para retomar o protagonista da história.

A partir da análise anterior, vemos que tanto os aprendentes chineses como os nativos utilizam variadas estratégias anafóricas (anáfora nominal, anáfora pronominal e anáfora zero),

para construir as cadeias referenciais que permitem referir a primeira entidade da história. Nas cadeias referenciais que designam a segunda entidade, a anáfora nominal e a anáfora pronominal são muito frequentes, ao passo que a anáfora zero é pouco utilizada. Nas cadeias referenciais que referem o gato, a entidade que surge mais tarde na história, a anáfora nominal é a anáfora predominante, ao mesmo tempo que a anáfora pronominal e a anáfora zero aparecem em escassa quantidade.

Vamos ver um texto de B1:

(62) Um dia [o João]₁ andou bicicleta na avenida e encontrou [a colega Tiago]₂ também andou bicicleta. [O João]₁ queria falou alguns com [Tiago]₂. Mas um gato estava na rua [ele⁽¹⁾] não viu. quando [ele⁽²⁾] viu, [ele⁽³⁾] parou em breve. Mas o João caiu da bicicleta. O Tiago telefonou ao hospital em breve. não porque o João estava sentir mau, [ele⁽⁴⁾]₁ telefonou do hospital porque o gato estava ter doente, quando a ambulância chegou [eles] trouxeram o gato mas o João ainda estava no chão. quando o João acordava, a ambulância já saiu. O João não sabe que aconteceu... (B1_6)

São registadas neste texto 4 ocorrências da anáfora pronominal 'ele' e 1 ocorrência da anáfora pronominal 'eles'. A sequência dos primeiros três pronomes 'ele⁽¹⁾', 'ele⁽²⁾', 'ele⁽³⁾' refere-se, talvez, à mesma entidade – 'o João', mas há uma clara ambiguidade na sua interpretação, pois a mesma sequência pode também referir 'o Tiago'. A pontuação também não ajuda a uma correta interpretação. A existência de um ponto entre 'Tiago' e 'Mas' coloca em dúvida a interpretação correferencial entre 'ele⁽¹⁾' e [O João]. Com a presença do ponto, 'ele⁽¹⁾' tem dois antecedentes possíveis: o João e o Tiago. O caso dos pronomes 'ele⁽²⁾' e 'ele⁽⁴⁾' parece ainda mais confuso. Note-se que o aluno repete parcialmente os mesmos sintagmas onde estes pronomes aparecem: “(...)ele⁽¹⁾ não viu. [Q]uando ele⁽²⁾ viu (...)”; “O Tiago telefonou ao hospital (...) ele⁽⁴⁾ telefonou do hospital (...)”. Se partirmos do princípio de que em cada um dos casos os pronomes são correferenciais, estas construções parecem redundantes. O aluno parece ter repetido a forma verbal para indicar claramente que o sujeito ('ele') é o mesmo da frase anterior. Por último, o pronome 'eles' refere-se aos enfermeiros, mas este não foi expressado no texto. Neste caso, portanto, ainda que o aprendente de B1 utilize várias anáforas pronominais no texto,

não consegue fazê-lo de forma apropriada.

(63) Andando de bicicleta na rua, [**o menino**⁽¹⁾]₁ encontrou [**um amigo d[ele]**]₁₂ e [**Ø**]₁ cumprimentou-**[lhe]**₂ com muita alegria. De repente, [**um gato**]₃ saltou diante d[**eles**]₁₂. [**O menino**⁽²⁾]₁ curioso, ao vez [**o gato**]₃, largou a apanhou-**[o]**₂. (C1_6)

Neste exemplo, o pronome pessoal 'ele' dentro da expressão 'um amigo dele' retoma o sintagma nominal 'o menino' e o pronome pessoal oblíquo '-lhe' refere-se a 'um amigo dele'. Com o desenvolvimento do texto, o aprendente utiliza um pronome de 3ª pessoa do plural 'eles' para retomar duas entidades dispersas 'o menino⁽¹⁾' e 'um amigo dele'. Em seguida, o aprendente utiliza um sintagma nominal 'O menino⁽²⁾' para retomar a primeira entidade, quando há um referente concorrente de permeio (o segundo menino), gerando, portanto, ambiguidade. A última oração tem uma estrutura sintática estranha e anômala: é difícil identificar os objetos diretos dos dois verbos usados na oração 'largou a apanhou-o', gerando-se, assim, uma anomalia semântica-referencial.

A partir dos exemplos anteriores, é possível dizer que quando as relações referenciais se estabelecem de forma adequada, ao ler um texto, o leitor não precisa de muito esforço cognitivo para compreender e interpretá-lo.

Por outro lado, no caso de as expressões anafóricas serem utilizadas no texto de forma inadequada (como se viu no exemplo (62) e na parte final do exemplo (63)), a compreensão e a interpretação do texto serão difíceis.

3.2.1.3. Anáfora zero

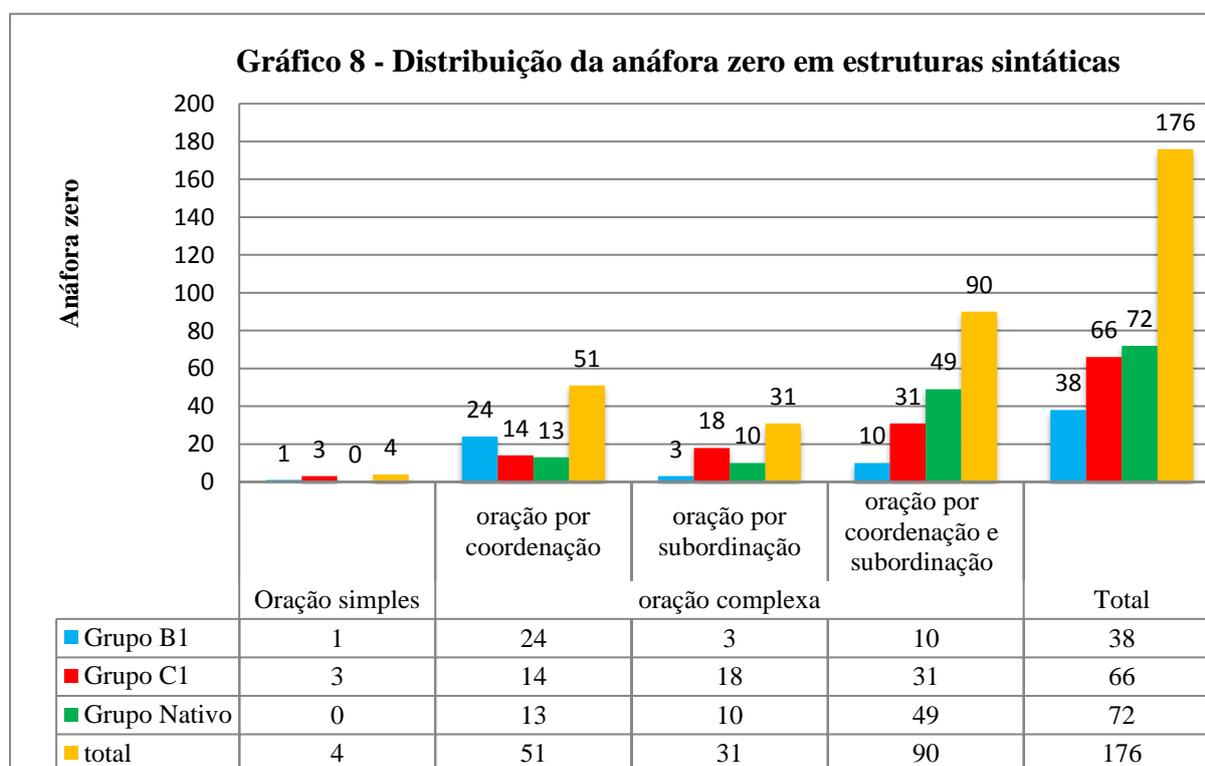
Nesta secção, concentramo-nos na anáfora zero. Encontram-se, no total, 176 ocorrências de anáfora zero e a percentagem da anáfora zero em relação ao número total de palavras de textos é a que se observa na Tabela 11.

Anáfora zero			
Grupo	número total de palavras	número total da anáfora zero	número percentual da anáfora zero
Grupo B1	1088	38	3.5%
Grupo C1	1600	66	4.1%
Grupo Nativo	1276	72	5.6%
Total	3964	176	4.4%

Tabela 11 - Número total e percentual da anáfora zero em relação ao número total de palavras de textos

Segundo a tabela, há uma subida ligeira no número percentual de ocorrências da anáfora zero do Grupo B1 para o Grupo C1 (3.5% → 4.1%). Relativamente aos Grupos B1 e C1, o Grupo Nativo representa uma percentagem muito mais alta (5.6%). Parece-nos que os aprendentes chineses vão utilizando cada vez mais esta estratégia ao longo do desenvolvimento de proficiência em língua portuguesa, mas mesmo assim, se afastam dos falantes nativos.

A partir das estruturas sintáticas, vamos apresentar a distribuição da anáfora zero nos textos dos informantes.



No que respeita às estruturas sintáticas, a anáfora zero concentra-se nas orações complexas, sobretudo por coordenação e por coordenação e subordinação. Por sua vez, nas orações simples, são registadas apenas 4 ocorrências da anáfora zero (e nenhuma delas no Grupo Nativo).

No Grupo B1, o maior número de anáforas zero é apresentado nas orações por coordenação (63.2% do total) e as 24 ocorrências registadas são todas no segundo membro coordenado das orações coordenadas copulativas. Seguidamente, a anáfora zero é apresentada nas orações por coordenação e subordinação (10 ocorrências). É interessante verificar que essas 10 estruturas são todas utilizadas em estruturas coordenadas⁷², em particular, copulativas. Nas orações simples (1 ocorrência) e orações por subordinação (3 ocorrências), a anáfora zero é pouco utilizada. Este resultado permite concluir que, relativamente a outras estruturas sintáticas, os aprendentes de B1 se sentem seguros em usar a anáfora zero nas orações coordenadas copulativas quando um sujeito já foi expresso na oração anterior dentro da mesma frase. Portanto, o uso que fazem da anáfora zero limita-se a certas estruturas sintáticas.

No Grupo C1, existe, num contexto sintático particular (orações por coordenação), uma tendência de convergência da forma de distribuição da anáfora zero com o Grupo Nativo. Neste grupo, a anáfora zero nas orações por coordenação e subordinação apresenta um número mais elevado (31 ocorrências), seguida das orações por subordinação (18 ocorrências) e das orações por coordenação (14 ocorrências)⁷³. As orações simples contribuem com apenas 3 ocorrências. Desta forma, podemos concluir que os aprendentes de C1 tentam utilizar a anáfora zero em estruturas sintáticas variadas e com uma maior frequência, relativamente aos aprendentes de B1.

A respeito do Grupo Nativo, o uso da anáfora zero é de alta frequência. As estruturas onde ocorre a anáfora zero são geralmente complexas, sendo que 49 ocorrências se registam nas orações complexas por coordenação e subordinação. Nas orações por coordenação (13 ocorrências) e por subordinação (10 ocorrências). Já não se encontra anáfora zero na oração simples. Para os falantes nativos, lembramos que a anáfora zero é um processo recorrente

⁷² A maioria dessas 10 ocorrências da anáfora zero encontra-se nas coordenadas copulativas dentro de oração subordinada ou subordinante. Vejam-se os exemplo: É interessante que **os enfermeiros** traziam o gato e \emptyset saiam. (B1_5); Quando a ambulância chega, **os enfermeiros** levam o gato para a ambulância e \emptyset saiam, **o menino** ainda fica no chão e \emptyset não compreenda porque acontece esta situação. (B1_15).

⁷³ Das 14 ocorrências da anáfora zero nas orações por coordenação, 13 delas são registadas nas coordenadas copulativas e apenas 1 na coordenada adversativa.

dentro da anáfora direta. Portanto, podemos verificar que os nativos usam bastante a anáfora zero para construir a coesão referencial e conseguem utilizá-la em estruturas complexas.

Apresentamos a seguir alguns exemplos da anáfora zero:

(i) Em orações simples

(64) Depois, uma ambulância chegou, e depois [**funcionários**]₁ levantaram a maca com esse catinho e Ø saiu. [Ø]₁ Deitou⁷⁴ o João deitar na rua..... (B1_11)⁷⁵

(65) Um dia, [**o Nuno**]₁ foi para a escola de bicicleta. No caminho, ele viu o seu colega [**o Pedro**]₂, o odeava e ele odeava em torno. Mas por causa da cortesia. [Ø]_{1,2} Comprimentaram-se com sorrisos disfarçados. (C1_7)

No exemplo (65), a anáfora zero tem dois antecedentes dispersos em orações distintas: 'o Nuno' e 'o Pedro'. Ainda assim, podemos interpretar facilmente a anáfora através da flexão verbal, uma vez que esta, apresentando um plural, não deixa dúvidas.

(ii) Em orações por coordenação

(66) Ontem, [**o João**]₁ estava a andar a bicicleta na rua e [Ø⁽¹⁾]₁ encontrou o Mark. O Mark também estava a andar a bicicleta. Eles cumprimentavam e, de repente, [**um gato**]₂ corria e [Ø⁽²⁾]₂ atravessava a rua. [**O João**]₁ foi surpreso pelo gato e [Ø⁽³⁾]₁ caía da bicicleta. [**O Mark**]₃ parou e [Ø⁽⁴⁾]₃ telefonou ao hospital. Depois, uma ambulância chegou, [**os enfermeiros**]₄ salvaram o gato e [Ø⁽⁵⁾]₄ deixaram o João no chão. (B1_7)

Como se mencionou anteriormente, nos textos de B1, a maioria das anáforas zero centra-se nas orações coordenadas copulativas, como apresentado no exemplo (66). Este exemplo contém 5 ocorrências de anáfora zero e todas elas ocorrem no segundo membro coordenado das orações coordenadas copulativas. Em português, a anáfora zero do segundo membro coordenado é normalmente interpretada como estando referencialmente

⁷⁴ Cremos que o aprendente queria dizer 'deixou'.

⁷⁵ Este exemplo é um caso desviante que tem antecedente ambíguo, o qual será explicado na secção do uso desviante da anáfora zero, no exemplo (87).

dependente do sujeito do primeiro membro coordenado (Lobo, 2013: 2334). Desta forma, ' $\emptyset^{(1)}$ ', ' $\emptyset^{(2)}$ ', ' $\emptyset^{(3)}$ ', ' $\emptyset^{(4)}$ ', ' $\emptyset^{(5)}$ ' retomam, respetivamente, 'o João', 'um gato', 'o João', 'o Mark' e 'os enfermeiros', sendo adequadamente usadas pelo aprendente.

(67) Um dia [**o José**]₁ estava a andar de bicicleta para a escola como habitualmente. [$\emptyset^{(1)}$]₁ Deparou com [**um amigo**]₂ na rua e [$\emptyset^{(2)}$]₁₂ cumprimentaram-se. (...) No final, [**o José**]₁ ficava até mais confuso e [$\emptyset^{(3)}$]₁ sentia mais tonto. (C1_8)

Em (67) há três anáforas zero que ocorrem em orações coordenadas copulativas. Na frase ' $\emptyset^{(1)}$ Deparou com um amigo na rua e ' $\emptyset^{(2)}$ cumprimentaram-se', a primeira anáfora ' $\emptyset^{(1)}$ ' ocorre no primeiro membro coordenado da frase e recupera, forçosamente, a entidade 'o João', sujeito da oração anterior. A segunda anáfora zero, ' $\emptyset^{(2)}$ ', ocorre no segundo membro coordenado e refere-se a dois antecedentes dispersos em orações distintas, 'o João' e 'um amigo'. No caso de ' $\emptyset^{(3)}$ ', a anáfora zero retoma o sujeito do primeiro membro coordenado 'o José'.

(iii) Em orações por subordinação

(68) [**O rapaz**]₁ não o vê porque [\emptyset]₁ está com o velocidade rapidamente. (B1_2)

No exemplo (68), é a oração subordinada causal, com uma relação de dependência relativamente à oração principal, que contém uma anáfora zero que faz referência ao sujeito da oração principal.

(69) Um dia de sol, [**o João**]₁ dava um passeio de bicicleta pela cidade. Quando [$\emptyset^{(1)}$]₁ estava a apreciar a beleza da primavera, [$\emptyset^{(2)}$]₁ encontrou um colega que tinha a mesma ideia de sentir a transferência das estações. (C1_13)

Em (69), há duas ocorrências da anáfora zero: uma na oração subordinada temporal e a outra na oração subordinante (principal). A interpretação preferencial é aquela em que o sujeito de oração principal e da oração subordinada têm o mesmo referente, ou seja, ' $\emptyset^{(1)}$ ' e ' $\emptyset^{(2)}$ ' são correferentes, embora não tendo, ao contrário do exemplo anterior, o antecedente dentro da

mesma frase; este encontra-se na posição de sujeito da frase anterior 'o João'.

(iv) Em orações (complexas) por coordenação e subordinação

(70) Quando a ambulância chega, [os enfermeiros]₁ levam o gato para a ambulância e [Ø⁽¹⁾]₁ saiam, [o menino]₂ ainda fica no chão e [Ø⁽²⁾]₂ não compreenda porque acontece esta situação. (B1_15)⁷⁶

Quanto ao exemplo (70), no período composto por coordenação e subordinação, há duas anáforas zero que ocorrem nas orações coordenadas. Em estruturas coordenadas, 'Ø⁽¹⁾' e 'Ø⁽²⁾' têm uma interpretação correferente com o sujeito da oração anterior: 'os enfermeiros' e 'o menino'.

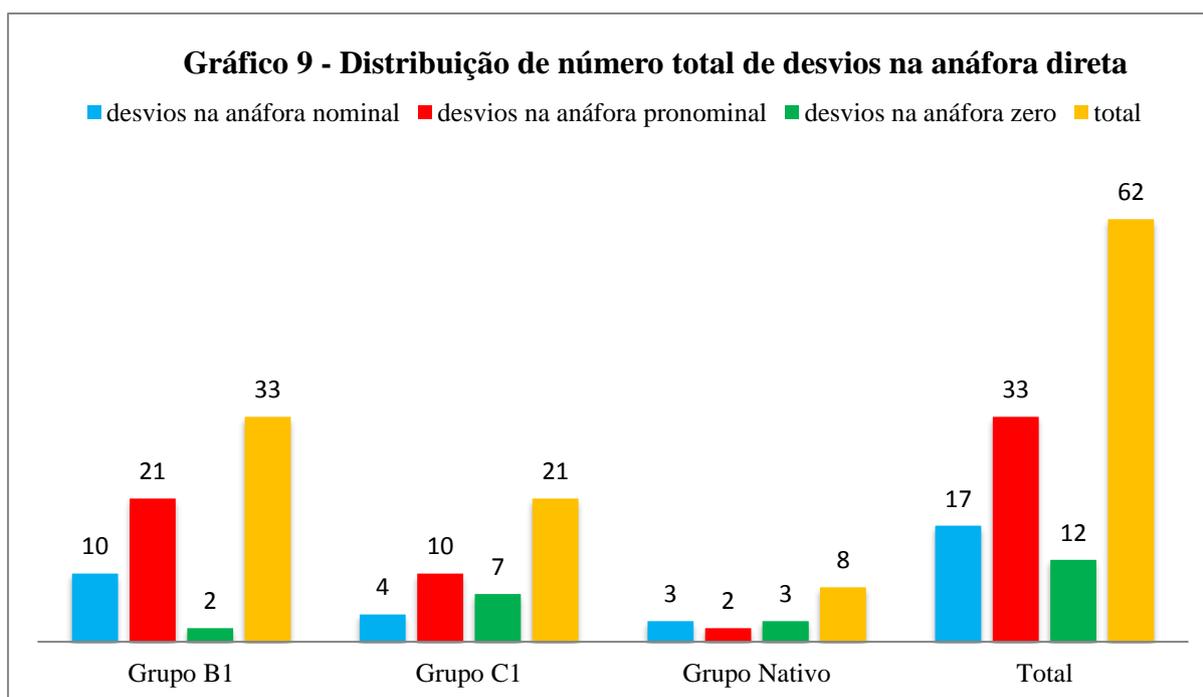
(71) Um dia de manhã, [o João]₁ estava a andar de bicicleta na rua quando [Ø⁽¹⁾]₁ viu o Pedro vir também duma bicicleta da outra direção e [Ø⁽²⁾]₁ deu-lhe cumprimentos. (C1_10)

Neste exemplo, temos uma oração subordinada adverbial temporal 'quando viu o Pedro vir também duma bicicleta da outra direção' e uma oração coordenada 'e deu-lhe cumprimentos'; em cada uma delas ocorre uma anáfora zero 'Ø⁽¹⁾' e 'Ø⁽²⁾'. Na interpretação preferencial, estas anáforas têm uma interpretação correferente com o sujeito da oração principal 'o João'.

3.2.2. Desvios na retomada de entidades

Nas secções anteriores, identificamos e categorizamos as expressões anafóricas. A partir destas expressões anafóricas, procede-se agora à identificação e categorização de ocorrências desviantes no uso da anáfora direta, em função do nível de proficiência em língua portuguesa. Realizamos, assim, uma comparação de carácter quantitativo e qualitativo entre os dois grupos de aprendentes chineses e o grupo dos falantes nativos.

⁷⁶ Esta frase tem uma estrutura estranha. O aprendente deveria utilizar um 'ponto' antes da oração 'o menino ainda fica no chão e não compreenda porque acontece esta situação', assim separando uma frase em duas.



Grupo	anáfora nominal	anáfora pronominal	anáfora zero	total
Grupo B1	9.9%	47.7%	5.3%	17.7%
Grupo C1	3.1%	27.8%	9.0%	9.0%
Grupo Nativo	3.1%	9.5%	4.2%	4.3%

Tabela 12 - Percentagem de desvios em relação ao número total de respetivas anáforas

Baseando-nos no Gráfico 9, o Grupo B1 é aquele que apresenta mais desvios entre os três grupos, representando uma percentagem de desvios mais elevada (17.7%). Entre três tipos de anáfora, o uso da anáfora pronominal e o da anáfora nominal revelam-se muito problemáticos; por outro lado, e talvez surpreendentemente, o uso da anáfora zero parece não motivar grandes problemas, pois o índice de desvios é baixo. No entanto, convém lembrar que os alunos de B1 usam poucas anáforas zero e usam-nas sobretudo em estruturas coordenadas; este é o uso que eles melhor dominam e não arriscam outras utilizações. Por isso há poucos desvios neste tipo de estrutura anafórica. Estes resultados permitem verificar que os aprendentes chineses de B1 têm muita dificuldade na utilização da anáfora pronominal e da anáfora nominal.

Do Grupo B1 ao Grupo C1, há uma redução acentuada no número percentual de desvios

verificados no uso da anáfora direta (17.7% → 9.0%). Por outro lado, o Grupo C1 regista uma maior percentagem de desvios na anáfora zero. No Grupo C1, os aprendentes chineses ainda mostram muita dificuldade na utilização da anáfora pronominal, mas já menor que no Grupo B1. Também se revela um menor número de desvios no uso da anáfora nominal em C1, ao passo que o uso da anáfora zero parece ser cada vez mais problemático. Concluimos, portanto, que os aprendentes chineses são cada vez mais proficientes no uso da anáfora nominal e da anáfora pronominal ao longo do desenvolvimento de proficiência em língua, mas que uma maior frequência de uso da anáfora zero (cf. 3.2.1.3.) acarreta maiores riscos e lhes traz mais problemas no uso da anáfora zero.

Relativamente ao Grupo B1, o Grupo Nativo apresenta uma percentagem menor de desvios no uso dos três tipos de anáfora. A respeito do Grupo C1, o Grupo Nativo releva uma percentagem menor no uso da anáfora pronominal e da anáfora zero e uma percentagem igual no uso da anáfora nominal. No Grupo Nativo, o maior número de desvios recai na anáfora pronominal. Portanto, consideramos que os nativos são proficientes no uso da anáfora nominal e da anáfora zero.

3.2.2.1. Desvios no uso da anáfora nominal

Esta secção dedica-se à avaliação do uso inadequado da anáfora nominal. Para tal, categorizamos as ocorrências inadequadas em três tipos:

- (i) ausência de especificador;
- (ii) uso de SN definido em vez de SN indefinido;
- (iii) repetição redundante.⁷⁷

A partir desta categorização, encontramos, no total, 26 ocorrências, das quais, 11 no Grupo B1, 4 no Grupo C1 e 3 no Grupo Nativo, tal como é apresentada na Tabela 13:

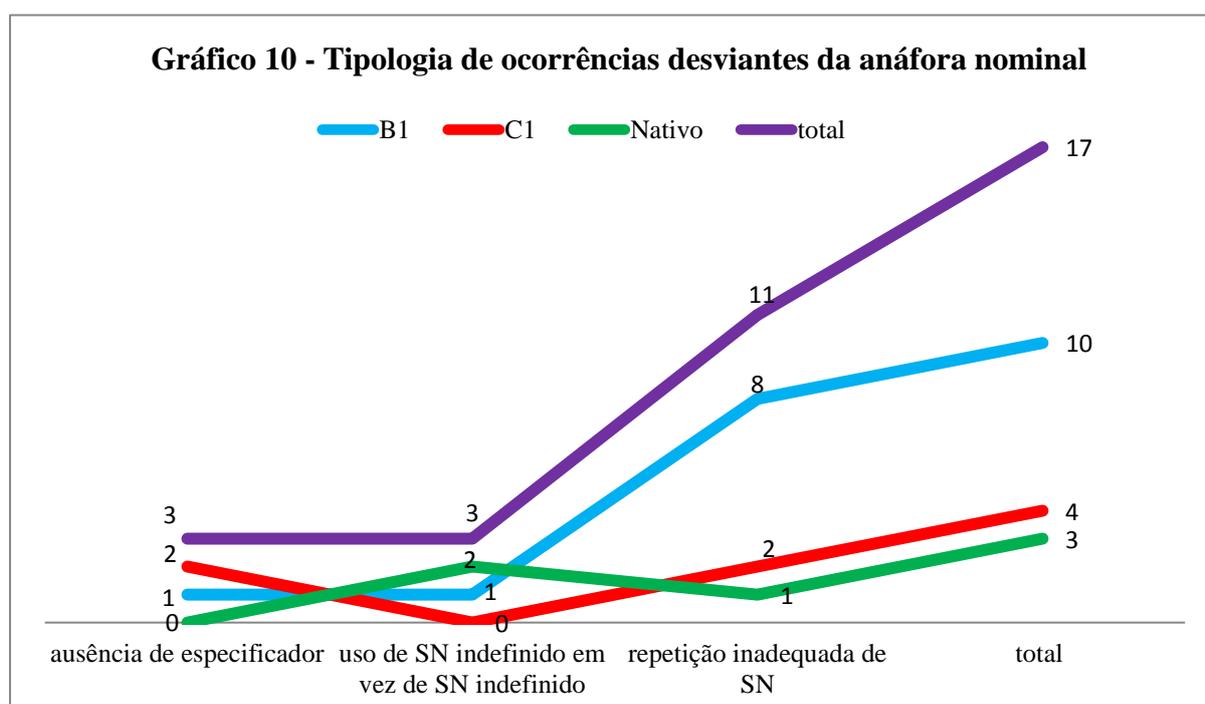
⁷⁷ A redundância foi por nós considerada um desvio, embora essa classificação possa ser discutível.

Grupo	número total de anáforas nominais	número de ocorrências inadequadas	% de ocorrências inadequadas
Grupo B1	104	11	9.9%
Grupo C1	131	4	3.1%
Grupo Nativo	96	3	3.1%
Total	331	18	5.1%

Tabela 13 - Número total e percentual do uso inadequado da anáfora nominal

Como se mostra na tabela acima, o Grupo B1 apresenta uma percentagem elevada de ocorrências inadequadas da anáfora nominal, ao passo que o Grupo C1 e o Grupo Nativo apresentam uma percentagem relativamente baixa. Do Grupo B1 ao Grupo C1, vê-se uma diminuição acentuada no número percentual de ocorrências inadequadas (9.9% → 3.1%). Isto mostra-nos que os aprendentes chineses são cada vez mais proficientes na utilização da anáfora nominal com o desenvolvimento de proficiência em língua.

Para mostrar em que contextos ocorrem as ocorrências inadequadas, apresentamos a seguir a distribuição dos usos inadequados da anáfora nominal em cada grupo, de acordo com a tipologia referida. Veja-se o Gráfico 10:



Baseando-nos no Gráfico 10, são registados 3 desvios no caso de ausência de especificador. O Grupo B1 e o Grupo C1 contribuem com 1 e 2 ocorrências desviantes de nome comum sem determinante definido, bem como [um amigo dele → amigo dele], [um gato → gato]⁷⁸. No Grupo Nativo, não existe este tipo de desvios.

Um outro tipo de desvio diz respeito aos processos de definitivização. Em português, um SN indefinido pode/deve ser retomado por um SN contendo um determinante definido ou um determinante demonstrativo. No entanto, nos textos dos informantes, encontram-se 3 ocorrências desviantes devidas ao facto de um SN indefinido ser retomado anaforicamente pelo mesmo SN indefinido que já tinha introduzido a entidade no universo textual, por exemplo, [um gato → um gato]. Há 1 ocorrência no Grupo B1 e 2 no Grupo Nativo. No Grupo C1, não existe este tipo de desvios.

Com base nos resultados apresentados relativamente aos dois usos inadequados acima, concluímos que os aprendentes de B1 e os aprendentes de C1 têm alguma dificuldade na utilização do especificador.

Comparativamente, a repetição redundante apresenta mais ocorrências inadequadas. Como se mencionou anteriormente, no âmbito da anáfora nominal, a anáfora nominal por repetição é o recurso predominante. Diferentemente dos dois usos desviantes da anáfora nominal que vimos anteriormente, a anáfora nominal por repetição inadequada constitui um 'desvio' de natureza diferente, uma vez que, neste tipo de casos, ela poderia ser substituída por outros tipos da anáfora, por exemplo, a anáfora pronominal ou a anáfora zero. No item 'repetição inadequada', são apresentadas 11 ocorrências. Entre elas, o maior número recai no Grupo B1 - 8 ocorrências, apresentando 80% do total de ocorrências desviantes por si mesmo; do Grupo B1 ao Grupo C1 existe uma nítida redução (8 → 2); o Grupo Nativo apresenta apenas 1 ocorrência. A partir deste resultado, verificamos que os aprendentes de B1 tendem a utilizar a anáfora nominal por repetição de forma redundante, mas esta inadequação vem diminuindo ao longo do desenvolvimento de proficiência em língua.

Vejamos alguns exemplos de ocorrências inadequadas da anáfora nominal:

⁷⁸ Estes dois exemplos serão explicados logo depois nos exemplos (72) e (73).

(i) Ausência de especificador

(72) Um dia, um rapaz estava a andar a bicicleta para a escola na rua. E encontrou [**um amigo dele**]₁, quando ele falou com [**amigo dele**]₁, de repente, um gato correu enfrente dele. (B1_9)

Em (72), a estrutura de retoma 'amigo dele' não está prevista no português europeu, precisamente porque lhe falta um determinante definido. Mas a estrutura é também problemática porque a repetição da expressão 'dele' parece redundante, tendo em conta que 'amigo' precedido de artigo definido seria o mais adequado no contexto.

(73) Mas de repente, [**um gato**]₁ surgiu, para evitar de [**gato**]₁, o João caiu no chão e sentia tonto, um peão chamou a ambulância por ele. (C1_4)

No exemplo (73), temos uma cadeia anafórica em que um SN indefinido é retomado anaforicamente por um SN reduzido (ao qual falta um determinante definido). Neste caso, uma anáfora pronominal com pronome pessoal oblíquo [- o] poderia ser uma boa solução, uma vez que, quando o antecedente ainda está próximo, como neste caso, uma forma mais curta e mais leve, como um pronome, seria o mais adequado (Cap. I, secção 1.3.1.).

(ii) Uso de SN indefinido em vez de SN definido

(74) Ele encontrou um amigo. Neste momento [**um gato**]₁ correu à frente da sua bicicleta. (...) E encontrou um amigo dele, quando ele falou com amigo dele, de repente, [**um gato**]₁ correu enfrente dele. (B1_1)

(75) Numa tarde, em que se chateou com a mãe, foi andar de bicicleta e durante o seu passeio encontrou um amigo, o que levou a que Pedro se distraísse e atropelasse [**um gato**]₁. Ao atropelar [**um gato**]₁, Pedro cai da bicicleta e magoa-se bastante, sendo que o seu amigo sentiu-se na obrigação de chamar uma ambulância. (N_4)

Quanto aos exemplos (74) e (75), os aprendentes introduzem, no universo textual, as entidades através do SN indefinido 'um gato'. No entanto, em vez de um SN definido, os

aprendentes continuam a utilizar o mesmo SN indefinido para retomá-las. Como o artigo indefinido 'um', presente no segundo SN indefinido, não tem valor anafórico para retomar o referente 'um gato' que já é acessível ao leitor e já está presente na sua memória (cf. secção 1.3.1.), uma vez que já foi introduzido no universo textual, a interpretação preferencial é a de referência disjunta, isto é, interpreta-se o segundo SN indefinido como designando um outro felino.

(iii) Repetição inadequada de SN

(76) quando a ambulância chegou eles trouxeram o gato mas [o João⁽¹⁾]₁ ainda estava no chão. quando [o João⁽²⁾]₁ acordava, a ambulância já saiu. [O João⁽³⁾]₁ não sabe que aconteceu... (B1_6)

Neste exemplo, retoma-se a mesma entidade duas vezes consecutivas, em orações distintas, através do SN 'o João'. No caso do SN 'o João⁽²⁾', em vez da repetição, seria melhor uma anáfora zero para retomar o último sujeito recuperável da oração anterior, uma vez que não havendo nenhum referente concorrente de permeio, optamos por uma anáfora zero (ou uma expressão anafórica reduzida) que são as formas preferenciais para designar um referente que está a curta distância e que se mantém ativo na memória do interlocutor (cf. 1.3.1).

(77) Um dia, [o João]₁ estava a andar o bicicleta na rua. Quando [ele]₁ viu [o seu colega]₂ e cumprimentou a[o seu colega]₂, o gato apareceu e correu à frente d[o João]₁ (B1_13)

Em (77), há duas cadeias referenciais em que ocorrem anáforas nominais por repetição, [o João → o João] e [o seu colega → o seu colega]. No primeiro caso, o aprendente utiliza primeiro uma anáfora pronominal 'ele'; em seguida, usa uma anáfora nominal por repetição, para evitar a ambiguidade, porque entretanto já há um referente concorrente de permeio 'o seu colega'. No segundo caso, este sim problemático, temos uma oração complexa em que a anáfora na posição de objeto direto do termo coordenado retoma a entidade na posição de objeto direto da oração coordenada anterior. A repetição do SN 'o seu colega' parece, pois, muito redundante, uma vez que, mantendo-se o sujeito e o objeto direto em ambas as orações, uma expressão

anafórica reduzida, como um pronome oblíquo [o], que exerce a mesma função sintática, era mais apropriado. Um caso similar ocorre no exemplo (78), em que é redundante a repetição do SN:

(78) O Jorge gosta muito de fazer desporto, nomeadamente, andar de bicicleta. Um dia, ele anda de bicicleta para a casa depois de sair do trabalho como habitual. No caminho, depara com [o seu amigo Rui]₁. O Jorge levanta a mão para cumprimentar [o Rui]₁, sorrindo. (C1_1)

3.2.2.2. Desvios no uso da anáfora pronominal

A respeito de desvios no uso da anáfora pronominal, apresentamos a seguir uma tabela relativamente ao número total e número percentual de desvios:

Grupo	número total de anáforas pronominais	número de desvios	Percentagem de desvios
Grupo B1	44	21	47.7%
Grupo C1	36	10	27.8%
Grupo Nativo	21	2	9.5%
Total	101	33	32.7%

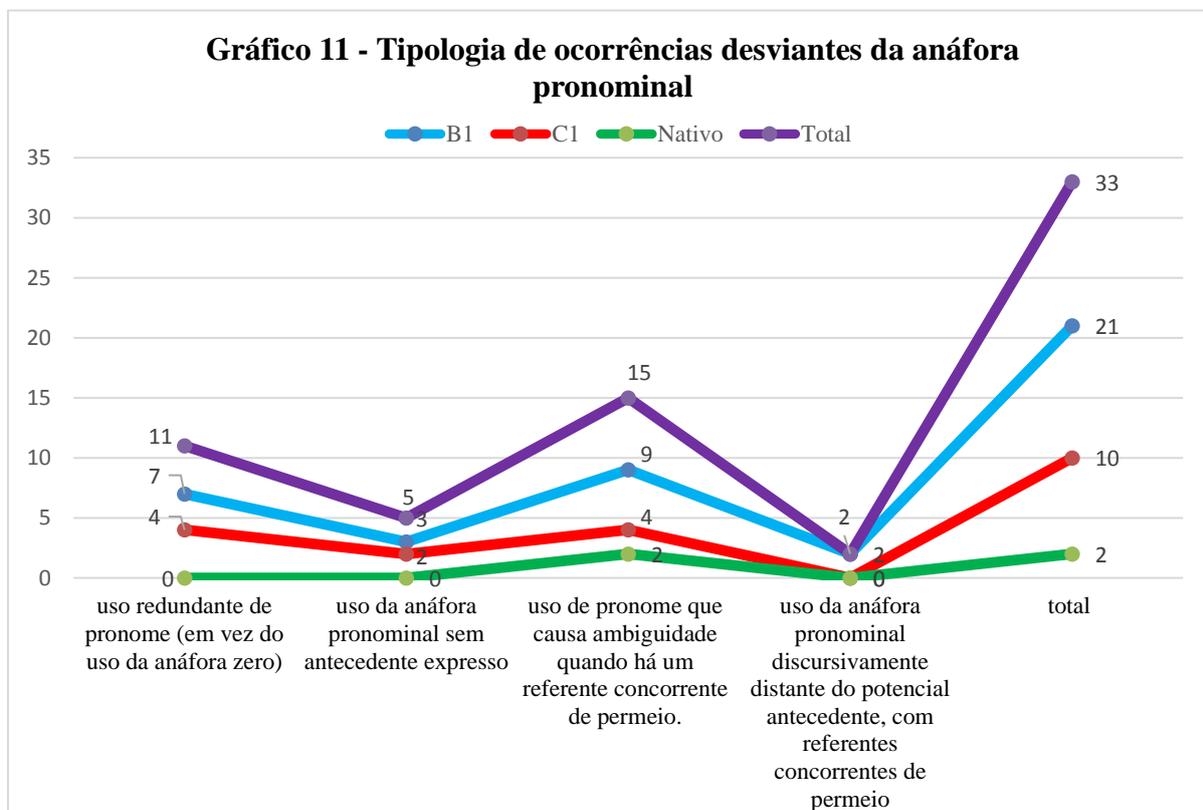
Tabela 14 – Número total e número percentual de desvios no uso da anáfora pronominal

De acordo com a tabela, registam-se no total 33 ocorrências desviantes no uso da anáfora pronominal. Os aprendentes de B1 e C1 apresentam um elevado número total de desvios; pelo contrário, os falantes nativos apresentam apenas duas ocorrências desviantes. Do Grupo B1 ao Grupo C1, há uma redução acentuada do número percentual de desvios (47.7% → 27.8%). Mesmo assim, estes dois grupos afastam-se do Grupo Nativo em termos quantitativos. Portanto, concluímos que os aprendentes chineses têm dificuldades na utilização da anáfora pronominal, mesmo nos níveis mais avançados.

A seguir, categorizamos os desvios em quatro tipos⁷⁹:

- (i) uso redundante de pronome (em vez do uso da anáfora zero);
- (ii) uso da anáfora pronominal sem antecedente expreso;
- (iii) uso de pronome que causa ambiguidade quando há um referente concorrente de permeio;
- (iv) uso da anáfora pronominal discursivamente distante do potencial antecedente, com referentes concorrentes de permeio.

Veja-se o Gráfico 11:



Com base no Gráfico 11, o maior número de desvios (15 ocorrências) encontra-se no caso (iii) – uso de pronome que causa ambiguidade quando há referente concorrente de permeio. No que diz respeito a este tipo de desvio, o Grupo B1 apresenta um número elevado (9 ocorrências

⁷⁹ Além destes quatro tipos de desvio no uso da anáfora pronominal aqui mencionados, existe uma ocorrência desviante no uso do pronome pessoal sujeito em vez do pronome oblíquo - “Como o João não o viu, **ele** aconteceu a acidente” (B1_13). Esta ocorrência desviante não foi incluída na totalidade de desvios.

desviantes) e o Grupo C1 apresenta um número relativamente baixo mas considerável (4 ocorrências desviantes). No Grupo Nativo, são registadas apenas 2 ocorrências. Como se sabe, no estímulo dado aos informantes, a sequência de imagens apresenta sucessivamente três entidades, o primeiro menino, o segundo menino e o gato, que são entidades singulares e do mesmo sexo; a referenciação destas entidades torna-se complicada quando todas elas foram introduzidas no texto. Portanto, encontramos, nos textos dos chineses, pronomes com antecedente ambíguo e isso torna difícil a interpretação da anáfora pronominal para o leitor. Em termos deste tipo de desvio, os aprendentes de C1 cometem os desvios que os aprendentes de B1 fazem.

No caso do uso redundante de pronome (em vez do uso da anáfora zero), há 7 desvios no Grupo B1 e 4 no Grupo C1. O uso redundante do pronome deve-se à ausência de conhecimento linguístico de português; de facto, em português, e após a menção de um sujeito numa oração, não é preciso repeti-lo na oração seguinte (se ele se mantém), usando-se, nestes casos, a anáfora zero. No entanto, os alunos chineses repetem esse sujeito (em orações coordenadas e subordinadas, em que não seria preciso fazê-lo) através de um pronome. Mesmo que haja uma diminuição óbvia destes casos no Grupo C1, mantém-se ainda um número considerável de desvios no nível avançado.

A respeito da anáfora pronominal sem antecedente expresso, os Grupos B1 e C1 apresentam um número próximo, respetivamente 3 e 2. No Grupo Nativo não há ocorrência desviante. Na verdade, todas as ocorrências desviantes se relacionam com a entidade 'os enfermeiros'. Este tipo de desvios é causado porque no momento de referir os enfermeiros no texto, já foram introduzidas várias entidades anteriormente (os dois meninos, o gato, a ambulância), e isso dificulta a gestão de entidades aos aprendentes. Sendo assim, eles utilizam um pronome sem introduzir a entidade no texto. Mesmo no nível avançado, este fenómeno não desaparece.

No caso relativo ao uso de anáfora pronominal discursivamente distante do potencial antecedente, com referentes concorrentes de permeio, o Grupo B1 é o único grupo que apresenta ocorrências desviantes e o número de desvios é pequeno (2 ocorrências). Encontramos, nos textos de B1, um pronome que é utilizado quando já está longe do seu antecedente e quando há outros referentes de permeio. Isso causa dificuldades interpretativas

e, às vezes, a anáfora pronominal pode ter mais do que um antecedente. É importante mencionar que no Grupo C1 já não existe este tipo de desvio. Isso significa que entre os quatro tipos de desvios, este é o único que vem desaparecendo ao longo do desenvolvimento de proficiência em língua.

Vejamos alguns exemplos de ocorrências desviantes da anáfora pronominal:

(i) Uso redundante de pronome (em vez do uso da anáfora zero).

(79) [o João]₁ quis afastar o gato, por isso [ele]₁ caiu na chão. (B1_4)

(80) Um dia, quando [o pequeno João]₁ andava a bicicleta para a escola, [ele]₁ apanhava a encosta e viu o seu amigo prestado José. (C1_4)

Em (79) e (80), o pronome pessoal sujeito 'ele' da segunda oração (conclusiva e subordinante, respetivamente) é uma expressão anafórica que retoma o sujeito da oração anterior 'o João'. Em português, nestes contextos, e uma vez que o sujeito é o mesmo, é preferencialmente usada uma anáfora zero, em vez de um sujeito com pronome realizado. Normalmente, utiliza-se um sujeito realizado quando o sujeito é distinto do da oração anterior. Portanto, nestes dois casos, as duas ocorrências do pronome 'ele' parecem redundantes.

(ii) Uso da anáfora pronominal sem antecedente exposto.

(81) Não há muito tempo, a ambulância chegou. [Eles]₁ levaram o gato e deixaram o rapaz. Que estranho! (B1_9)

(82) O Pedro estava preocupado com ele e ligou de imediato para o hospital. Em breve, a ambulância chegou, mas [eles]₁ levaram o gato para o hospital. O João estava confuso e não sabia o que aconteceu. (C1_3)

Nos exemplos (81) e (82), as duas ocorrências de 'eles' referem os enfermeiros, entidades que não foram previamente referidas no texto, a não ser indiretamente, através da anáfora associativa. Só conseguimos interpretar esta anáfora pronominal considerando o acesso dos informantes ao estímulo.

(iii) Uso de pronome que causa ambiguidade quando há um referente concorrente de permeio.

(83) De repente, [o gato]₁ correu e [o João]₂ caiu a fora da bicicleta. [Ele⁽¹⁾]_? estava doente e [um pessoa]₃ ia a ajudar. [Ele⁽²⁾]_? chamou a ambulância, mas, as pessoas na ambulância levaram o gato para o hospital. O João ainda ficou aí sem ajuda. Foi um dia mal. (B1_12)

Neste exemplo, as frases sublinhadas são potencialmente ambíguas. A quem se referem as anáforas 'Ele⁽¹⁾' e 'Ele⁽²⁾'? Para 'Ele⁽¹⁾', a informação contextual (o predicado 'estava doente') é pouco clara e duvidosa, pois permite que o seu antecedente seja 'o gato' ou 'o João', uma vez que 'o João' é a última entidade recuperável e 'o gato' é o sujeito (e o tópico) da frase anterior. No caso de 'Ele⁽²⁾', a quem se refere o pronome? A 'um pessoa' ou a 'o João'? A interpretação de 'Ele⁽¹⁾' já é ambígua; agora a introdução de uma entidade masculina singular e a repetição da anáfora pronominal complexificam ainda mais a interpretação de 'Ele⁽²⁾'. Um problema similar ocorre no exemplo seguinte:

(84) Um dia, [o Nuno]₁ foi para a escola de bicicleta. No caminho, [ele⁽¹⁾]₁ viu [o seu colega o Pedro]₂, que [o⁽¹⁾]_? odeava e [ele⁽²⁾]_? [o⁽²⁾]_? odeava em torno. Mas por causa da cortesia. (C1_7)

Nesse caso, o aprendente tenta fazer uma avaliação subjetiva para definir o comportamento dos meninos. Mas a repetição do sintagma 'o odeava', dentro da segunda frase, causa confusão na identificação dos antecedentes dos pronomes 'o⁽¹⁾', 'ele⁽²⁾' e 'o⁽²⁾'. Além da repetição, esta frase é sintaticamente estranha por causa da 'vírgula' na estrutura 'o Pedro, que'. Com a vírgula, o sujeito da oração subordinada adjetiva relativa explicativa 'que o⁽¹⁾ odeava' parece fazer referência a 'o Nuno', mas não é certo que assim seja e isso provoca ambiguidade na interpretação do sentido do texto.

(iv) Uso da anáfora pronominal discursivamente distante do potencial antecedente, com referentes concorrentes de permeio.

(85) Um rapaz está a andar a bicicleta com o velocidade rapidamente, fica muito divertido. De repente, existe um gato e passa pela rua. [**O rapaz**]₁ não o vê porque está com o velocidade rapidamente. [**Ele**]₁ caiu no chão, não podia se levantar. À seguir, tem [**um rapaz**]₂ queria ajudá-l[**o**⁽¹⁾]₁ e chama a ambulância. Quando a ambulância chegue, eles salvia [**o gato**]₃ mas não [**o**⁽²⁾]₂ salvia. (B1_2)

No final do texto, o aprendente utiliza um pronome pessoal oblíquo 'o⁽²⁾' para retomar a entidade 'o rapaz' que já se encontra bastante distante, quando, ainda por cima, há dois referentes concorrentes de permeio 'um rapaz' e 'o gato'. Neste caso, é conveniente fazer uso de um sintagma nominal, para evitar ambiguidades.

(86) Como [**o João**]₁ não o viu, ele aconteceu a acidente. Depois, [**o seu colega**]₁ ajudou-lhe para chamar a ambulância. Mas a ambulância não via para salvar [**ele**]₁, o gato era salvado e a ambulância saiu. (B1_13)

Neste caso, também o pronome 'ele' é potencialmente ambíguo, pois há duas interpretações. Uma interpretação é a de que 'ele' retoma o SN 'o João'; mas assim, o pronome fica muito longe do seu antecedente e há outro referente de permeio que pode assumir o lugar de antecedente - 'o seu colega'. A construção sintática e a informação contextual permitem que o antecedente possa ser 'o seu colega', o sujeito da oração anterior. Assim, no caso de o antecedente ficar longe quando há um referente concorrente de permeio, é preciso usar um sintagma nominal.

3.2.2.3. Desvios no uso da anáfora zero

No que respeita a desvios no uso da anáfora zero, apresentamos uma tabela relativamente ao número total e percentual de desvios:

Grupo	Número total da anáfora zero	número de desvios	percentagem de desvios
Grupo B1	38	2	5.3%
Grupo C1	66	7	9.0%
Grupo Nativo	72	3	4.2%
total	176	12	6.8%

Tabela 15 – Número total e percentual de desvios no uso da anáfora zero

Com base na Tabela 14, a totalidade de ocorrências desviantes de anáfora zero é de 12, das quais, 2 no Grupo B1 e 7 no Grupo C1, representando respetivamente a percentagem de desvios: 5.3%, 9.0%. Assim, do Grupo B1 ao Grupo C1, há um aumento no número percentual de desvios, à medida que se desenvolve o nível de proficiência em português. É interessante verificar que este resultado é totalmente contrário àquele apresentado aquando da análise da anáfora pronominal, uma vez que, neste caso, existe uma redução acentuada no número percentual de desvios ao longo do desenvolvimento de proficiência em língua. Por sua vez, há 3 ocorrências desviantes no Grupo Nativo, representando uma percentagem relativamente baixa (4.2%), como o que acontece no uso de anáfora pronominal.

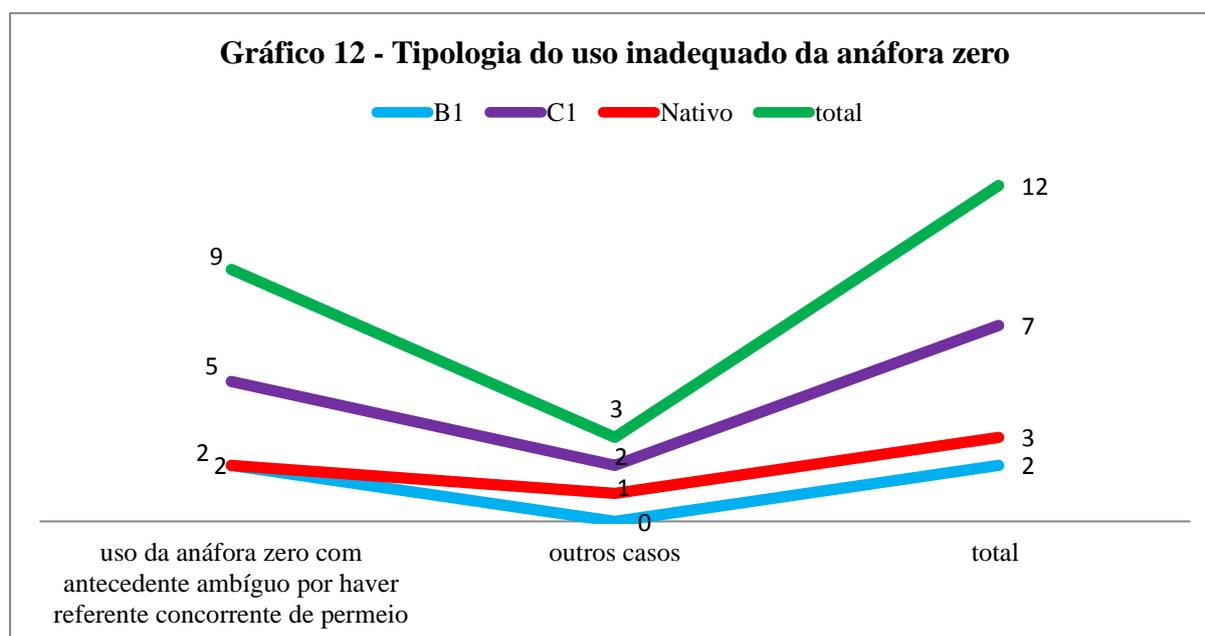
Como o mandarim é uma língua de tópico proeminente, espera-se que os aprendentes chineses cometam mais desvios – do que os nativos – no que toca ao uso da anáfora zero. Também se espera que, dentro do grupo dos alunos chineses, os aprendentes do nível intermédio cometam mais desvios que os do nível avançado. Mas o segundo cenário não acontece. Para explicar este fenómeno, não se pode deixar de mencionar novamente que os aprendentes de B1 se limitam ao uso da anáfora zero em certas estruturas sintáticas, particularmente nas orações coordenadas copulativas, quando um sujeito já foi expresso na oração anterior dentro da mesma frase.⁸⁰ Desta forma, os aprendentes de B1 não arriscam e apenas utilizam a anáfora zero em estruturas que tenham dominado e lhes sejam familiares, resultando em poucas anáforas zero utilizadas nos textos e ao mesmo tempo poucas ocorrências desviantes relativamente aos outros chineses (C1), que cometem mais desvios. Para discutirmos estes resultados, é importante apresentarmos uma tipologia de ocorrências

⁸⁰ Ver a secção 3.2.1.3.

desviantes da anáfora zero. Na tipologia, categorizamos os desvios em dois tipos⁸¹:

- (i) uso da anáfora zero com antecedente ambíguo por haver referente concorrente de permeio;
- (ii) outros casos⁸².

Veja-se o Gráfico 12:



A respeito da anáfora zero com antecedente ambíguo por haver referente concorrente de permeio, são registadas 9 ocorrências, 2 no Grupo B1, 5 no Grupo C1 e 2 no Grupo Nativo. Neste tipo de desvios, o Grupo B1 e o Grupo Nativo fazem poucos desvios e andam próximos, ao passo que o Grupo C1 apresenta um número elevado. Os aprendentes de B1 apresentam poucos desvios porque utilizam sempre a anáfora zero no segundo membro coordenado das orações copulativas em que se retoma o sujeito da oração anterior, já expresso, podendo, desta forma, evitar a ambiguidade. Portanto, se eles fazem poucos desvios, isso não significa necessariamente, como vimos, que são proficientes no uso da anáfora zero. Vemos que o Grupo C1 é aquele que comete mais desvios. Lembramos que os aprendentes de C1 utilizam a anáfora

⁸¹ Além destes três tipos da anáfora zero mencionados, existe uma ocorrência de pronome pessoal sujeito em vez do oblíquo - 'Como o João não o viu, ele aconteceu a acidente' (B1_13)

⁸² Agrupámos, sob esta designação, os restantes e distintos casos que não se enquadram nos grupos anteriores.

zero em estruturas sintáticas complexas e variadas, similares àquelas que os nativos constroem. No entanto, não conseguem usar a anáfora zero com proficiência quando há várias entidades para gerir ao mesmo tempo. Este fenómeno também acontece aos nativos; todavia, e como se compreende, estes são mais proficientes.

Quanto aos outros casos, há 1 ocorrência no Grupo C1 e 2 ocorrências no Grupo Nativo. Explicamo-las mais tarde através de exemplos.

Vejamos agora alguns exemplos de ocorrências desviantes da anáfora zero:

(i) Uso da anáfora zero com antecedente ambíguo por haver referente concorrente de permeio

(87) Depois, [uma ambulância]₁ chegou, e depois funcionários levantaram [a maca]₂ com esse catinho e [Ø⁽¹⁾]_? saiu. [Ø⁽²⁾]_? Deitou o João deitar na rua..... (B1_11)

Trata-se de um caso de anáfora zero com antecedente ambíguo em estruturas coordenadas. Neste exemplo, há duas ocorrências da anáfora zero Ø⁽¹⁾ e Ø⁽²⁾. No caso de Ø⁽¹⁾, o sujeito do verbo 'saiu' tem de ser uma entidade singular; então, já não é possível a correferência com o sujeito do membro coordenado anterior ('funcionários'). Desta maneira, temos dois antecedentes possíveis que foram introduzidos no contexto linguístico anterior: a ambulância e a maca. Para a anáfora zero seguinte Ø⁽²⁾, temos de encontrar um antecedente que também tem de ser singular, conforme à flexão verbal 'deitou'. Esta anáfora zero pode designar a mesma entidade que a primeira anáfora ou não. Como a primeira anáfora zero já é ambígua, a utilização de outra anáfora zero resulta em mais ambiguidade e na complexidade da interpretação.

Vejamos outro caso semelhante:

(88) Era um vez, [o João]₁ estava a andar de bicicleta. [Ø⁽¹⁾]₁ Viu [um amigo]₂ que não [Ø⁽²⁾]_? o tinha visto há muito tempo, por isso [Ø⁽³⁾]_? cumprimentou-o e [Ø⁽⁴⁾]_? acenou-lhe enquanto ainda [Ø⁽⁵⁾]_? estava a avançar. (C1_12)

Em (88), o aprendente introduz no início do texto uma entidade 'o João'. Logo na frase seguinte, utiliza uma anáfora zero (Ø⁽¹⁾) para retomar o sujeito da oração anterior 'o João', o

que não causa problema. No entanto, o uso de uma sequência de anáforas zero ($\emptyset^{(2)}$, $\emptyset^{(3)}$, $\emptyset^{(4)}$ e $\emptyset^{(5)}$) complexifica a interpretação, pois há um referente concorrente de permeio - 'um amigo' - que poderia ser o sujeito dos verbos 'tinha visto', 'cumprimentou', 'acenou' e 'estava a avançar'. No final, não sabemos a quem estas anáforas zero se referem.

(ii) Outros casos

(89) Enquanto o Pedro estava numa velocidade muito alta, de repente, um gato saltou no caminho de bicicleta, o que assustou [o menino]₁ e [\emptyset]₁ caiu na rua, ao mesmo tempo, o gato estava seguro. (C1_15)

Trata-se de um caso em que a anáfora zero ocorre numa estrutura sintática estranha, causando a complexidade de interpretação. Em (89), a anáfora zero ocorre numa oração relativa apositiva formada pela locução pronominal 'o que'. A locução 'o que' exerce função de sujeito na oração relativa, ou seja, ela é o sujeito dos sintagmas verbais 'assustou o menino' e 'caiu na rua'. No entanto, o sujeito do sintagma 'caiu na rua' é a outra entidade: 'o menino'. Como se verifica, temos dois sujeitos em concorrência para uma só frase, pelo que não é possível sabermos que entidade a anáfora zero retoma.

Considerações finais

O presente trabalho pretendeu, por um lado, apurar a forma como os aprendentes chineses de PLE/L2 introduzem entidades novas no universo textual e utilizam expressões anafóricas correferenciais para estabelecerem cadeias referenciais ao longo do desenvolvimento do texto; por outro lado, analisar as ocorrências desviantes no uso da anáfora direta e descrever quais os tipos de sintagmas cujo uso anafórico é problemático. Com base na nossa análise do *corpus* de 45 textos escritos, apresentamos os resultados mais relevantes.

A respeito da introdução de entidades novas no universo textual, os aprendentes chineses, quer do nível B1 quer do nível C1, preferem um SN definido, ao passo que os nativos preferem um SN indefinido, como é habitual em PE. Os aprendentes de B1 apresentam problemas no uso de artigos (indefinidos e definidos), tendo nós detetado o uso inadequado de artigos definidos em vez de indefinidos e a omissão inadequada de artigos. Como em mandarim não há artigos indefinido/definido e o nome nu (sintagmas nominais reduzidos) é frequentemente utilizado com valor indefinido ou definido, consideramos que os desvios na introdução de entidades pelos aprendentes chineses são principalmente causados pela transferência da sua LM e que estes desvios poderão desaparecer num nível mais avançado de proficiência em português.

Na retoma anafórica, a anáfora nominal é a mais predominante no âmbito da anáfora direta entre os aprendentes chineses e os falantes nativos. Um valor superior a 50% das ocorrências da anáfora direta recai nesta categoria, ao passo que a substituição lexical é raramente utilizada. À medida em que se desenvolve o nível de proficiência em português, o uso deste tipo de anáfora vai diminuindo, acompanhado da diminuição do uso da repetição e do aumento progressivo do uso da substituição.

No uso da anáfora nominal, os aprendentes de B1 têm a tendência de utilizar, de forma redundante, a anáfora nominal por repetição e mostram problemas na utilização do especificador, mas estes fenómenos diminuem ao longo do desenvolvimento de proficiência em língua. Portanto, concluímos que os aprendentes chineses utilizam a anáfora nominal de forma cada vez mais variada e adequada.

A anáfora pronominal é mais frequente e mais predominante entre os aprendentes de B1

que entre os aprendentes de C1 e os nativos, mas os aprendentes de B1 recorrem apenas aos pronomes pessoais (sujeito e oblíquo) para estabelecerem relações anafóricas. Por sua vez, a forma de uso da anáfora pronominal pelos aprendentes de C1 é próxima da dos nativos, em termos quantitativos. No entanto, os aprendentes de C1 não estão familiarizados com o uso, que já vimos ser complexo, dos pronomes demonstrativos e também parecem não fazer uso dos pronomes indefinidos que os nativos, obviamente, dominam.

No estímulo fornecido aos informantes, a primeira entidade (o primeiro rapaz), a segunda entidade (o segundo rapaz) e a terceira entidade (o gato), que surgem na história, são entidades singulares e do mesmo sexo; assim, a referência destas entidades torna-se complicada quando todas elas já foram introduzidas no texto. Portanto, é de esperar que nos textos dos aprendentes chineses de B1 e C1 haja um número elevado de ocorrências desviantes da anáfora pronominal, motivadas pela existência de antecedentes potencialmente ambíguos, e haja um uso redundante de pronome (em vez do uso da anáfora zero). Estes tipos de desvio são causados pela ausência de conhecimentos relativos à forma como estas expressões anafóricas são usadas em português. A partir destes resultados, conclui-se que os aprendentes chineses usam a anáfora pronominal de forma cada vez mais variada, mas ao mesmo tempo têm muita dificuldade na utilização da anáfora pronominal, mesmo aqueles do nível avançado.

Desde os aprendentes de B1 aos de nível C1, acontece um aumento percentual do uso da anáfora zero acompanhado da diminuição percentual do uso da anáfora nominal e da anáfora pronominal. Os aprendentes de C1 começam, aliás, a aproximar-se do uso que os nativos dão à anáfora zero, embora ainda fiquem aquém. De facto, a anáfora zero é mais recorrente e mais predominante entre os falantes nativos que nos aprendentes de B1 e C1. É interessante descobrir que os aprendentes de B1 se sentem seguros em usar a anáfora zero nas orações coordenadas copulativas quando um sujeito já foi expresso na oração anterior dentro da mesma frase; quer isto dizer que o uso que fazem da anáfora zero se limita a certas estruturas sintáticas, as que eles dominam e lhes são familiares. Isto tem como resultado a pouca utilização da anáfora zero e, ao mesmo tempo, o pequeno número de ocorrências desviantes relativamente aos aprendentes de C1 e aos nativos. Já os aprendentes de C1 tentam utilizar a anáfora zero com uma frequência ligeiramente alta em estruturas sintáticas mais variadas/complexas, de formas semelhantes àquelas que os nativos constroem. No entanto, não conseguem usá-la com

proficiência como os falantes nativos; portanto, consideramos que a anáfora zero é de utilização difícil, tanto para os aprendentes de B1 como para os de C1 e consideramos que esta é, de facto, para os alunos chineses, uma área crítica na aprendizagem de PLE.

Em conclusão, em termos quantitativos, os aprendentes de B1 andam distanciados dos nativos no que toca às três anáforas diretas. Neste nível, as estruturas em causa parecem ainda não estar dominadas e a anáfora direta parece ser de difícil utilização. Quanto aos aprendentes de C1, o uso da anáfora nominal e da anáfora pronominal é próximo do dos nativos, mas o uso do último é problemático. Por sua vez, o uso da anáfora zero encontra-se distanciada do dos nativos e revela-se problemático. Portanto, neste nível, o uso adequado da anáfora pronominal e da anáfora zero ainda não está consolidado.

No entanto, devido ao reduzido tamanho do *corpus* e a outros aspetos que não conseguimos aprofundar, não pudemos chegar a uma conclusão clara relativamente à possível influência da LM dos aprendentes sobre estes processos de aquisição de relações correferenciais: até que ponto, o mandarim, uma língua de tópico proeminente, pode desempenhar um papel facilitador ou dificultador na aquisição dos padrões de uso da anáfora pronominal e da anáfora zero de uma língua de sujeito proeminente como esta LE/L2?

Por um lado, a ausência de artigos (definidos e indefinidos) em mandarim parece constituir uma justificação para a ocorrência dos desvios encontrados no *corpus*: a troca de artigos (definido pelo indefinido), a omissão de artigos e a ocorrência de nomes reduzidos em contextos inadequados. Por outro lado, a diferente utilização da anáfora pronominal, em mandarim, também pode influenciar (e explicar) a ocorrência de alguns problemas na sua utilização textual em língua portuguesa; de facto, os desvios verificados no *corpus*, tais como o uso redundante do pronome anafórico (com antecedente muito próximo) e, portanto, desnecessário, o seu uso sem antecedente expresso, e ainda a sua utilização com o antecedente longínquo e com referentes novos de permeio parecem indicar que os alunos não sabem usá-la. Por seu turno, a anáfora zero, em mandarim, é um fenómeno pragmático, como vimos, que pode ocorrer de forma bastante livre, com um antecedente próximo ou longínquo e até sem antecedente no texto. Ao mesmo tempo, tratando-se de uma língua de tópico proeminente, é natural e espera-se que as anáforas zero sejam sobretudo orientadas para o tópico discursivo e não necessariamente para o sujeito. Esta característica pode ajudar a explicar alguns dos

desvios detetados na análise do *corpus*.

As nossas conclusões sobre a proximidade do uso da anáfora direta entre os aprendentes chineses e os falantes nativos são, portanto, escassas, estando completamente dependentes dos textos analisados, e foram obtidas principalmente em termos quantitativos. Precisamos, portanto, de mais análises e de *corpora* mais alargados, por exemplo com textos de diferentes tipologias, que nos permitam tirar conclusões mais robustas e fundamentadas.

Esperamos que o presente estudo tenha contribuído para esclarecer um pouco mais esta área de investigação e possa constituir uma base para futuros trabalhos em torno da anáfora direta no ensino de LE/L2.

Bibliografia

- Akinci, Mehmet Ali & Decool-Mercier, Nathalie (2010). Aspects of language acquisition and disorders in Turkish-French bilingual children. In S. Topbaş & M. Yavaş (Eds.), *Communication disorders in Turkish in monolingual and multilingual settings* (pp. 314-353). Clevedon: Multilingual Matters.
- Apothéloz, Denis (2003). Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In M. M. Cavalcante, B. B. Rodrigues & A. Ciulla (Org.), *Referenciação* (pp. 53-84). São Paulo: Contexto.
- Ariel, Mira (2001). Accessibility theory: An overview. In T. Sanders, J. Schilperoord & W. Spooren, *Text representation: Linguistics and psycholinguistics aspects* (pp. 29-89). Amsterdam/Philadelphia: Benjamins.
- Beaugrande, Robert De & Dressler, Wolfgang (1981). *Introduction to text linguistics*. London: Longman.
- Brito, Ana Maria (1991). Ligação, co-referência e o princípio evitar pronome. In *Encontro de homenagem a Óscar Lopes*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, pp. 101-121.
- Carneiro, Benedita M. T. (1999). *Aspectos da organização temporal em discursos narrativos orais e escritos. de alunos do 7* (Dissertação de mestrado). Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.
- Casteleiro, J. M., Oliveira, C. & Coelho, L. (2007). *Caderno de exercício aprender português 3*. Lisboa: Texto Editores.
- Castilho, Ataliba T. de (1995). A língua falada e sua descrição. In *Para Segismundo Spina: Língua, filologia, literatura* (pp. 69-90). São Paulo: Edusp/Iluminuras.
- Chen, Ping (1987). Hanyu lingxing huizhi de huayu fenxi. *Zhongguo Yuwen*, 5, 363-378.
- Chen, Xuefan (2007). Lexical cohesion in Chinese college EFL writing. *CELEA Journal*, 30 (5), 46-57.
- Chuong, Vo Van (2003). Procédés anaphoriques et lecture en FLE. *Le Français dans le Monde*, 327, p.29.
- Conte, M. E. (1977). *La linguistica testuale*. Milão: Feltrinelli Economica.
- Conte, M. E. (2003). Encapsulamento anafórico. In M. M. Cavalcante, B. B. Rodrigues & A.

- Ciulla (Org.), *Referenciação* (pp.177-190). São Paulo: Contexto.
- Contemori, C. & Dussias P. E. (2015). The processing of pronouns and the production of referring expressions in L2 English. In E. Grillo, K. Jepson & M. LaMendola (Eds.), *BUCLD 39 online proceedings supplement*. Disponível em <http://www.bu.edu/buclid/supplementvol39/>. Acedido a 20 de Maio de 2017.
- Coseriu, Eugenio (1977). Introducció n al estudio estructural del léxico. In E. Coseriu, *Principios de semántica estructural* (pp. 87-142). Madrid: Gredos.
- Costa, Armanda & Matos, Gabriela (2012). Processamento da correferência e sujeitos anafóricos - Dados sobre o português europeu e brasileiro. *Revista Lingüística/Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, 8 (2), 196-220.
- De Carvalho, Maria J. (2015). *George e seta despedida*. Porto: Porto Editora.
- De Weck, Geneviève (1991). *La cohésion dans les narrations d'enfants: Etude du développement des processus anaphoriques*. Lausanne-Paris: Delachaux et Niestlé.
- De Weck, Geneviève (2005). Introduction et maintien des référents chez les enfants: Rôle de la connaissance partagée. *Travaux Neuchâtelois de Linguistique*, 41, 33-48.
- Dijk, Teun A. van (1972). *Text and context: Explorations in the semantics and pragmatics of discourse*. London and New York: Longman.
- Du, Jinbang (2001). Cong xuesheng yingyu xiezuo cuowu kan yingyu jiaoxue. *Wai Yu Jiao Xue*, 22(2), 43-47.
- Duarte, Inês (2003). Aspectos linguísticos da organização textual. In M. H. M. Mateus, A. M. Brito, I. Duarte & I. H. Faria, *Gramática da língua portuguesa* (5ª ed. revista e aumentada) (pp. 85-123). Lisboa: Editorial Caminho.
- Enkvist, N. E. (1990). Seven problems in the study of coherence and interpretability. In U. Connor & A. M. Johns (Eds.), *Coherence in writing: Research and pedagogical perspectives* (pp. 9-28). Alexandria: TESOL.
- Fávero, L. L. & Koch, I. G. V. (1998). *Lingüística textual: Introdução* (4ª ed.). São Paulo: Cortez Editora.
- Figueiredo, O. M. (2001). A anáfora nominal em textos de alunos. *Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas*. Porto, XVIII, p. 395-410.

- Fonseca, F. I. (1994a). A urgência de uma pedagogia da escrita. In *Gramática e pragmática: Estudos de linguística geral e de linguística aplicada ao ensino do português* (pp. 147-176). Porto: Porto Editora.
- Fonseca, Joaquim (1981). *Coesão em português. Semântica-pragmática-sintaxe* (Tese de doutoramento). Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.
- Fonseca, Joaquim (1992). *Linguística e texto/discurso: teoria, descrição, aplicação*. Lisboa: Ministério da Educação/ Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- Fonseca, Manuel da (1975). *Aldeia Nova* (4ª ed.). Lisboa: Forja.
- Fox, B. A. (1987). *Discourse structure and anaphora: written and conversational English*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Gernsbacher, M. A. (1996). Coherence cues mapping during comprehension. In Costermans, Jean & Fayol, Michel (Eds.), *Processing interclausal relationships: Study in the production and comprehension of text* (pp. 3-21). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Givón, Talmy (Ed.) (1983). Topic continuity in discourse: A quantitative cross language study. *Typological Studies in Language, Vol.3*. Amsterdam: John Benjamins.
- González, N. T. M. (1994). - *Cade o pronome? - o gato comeu. Os pronomes pessoais na aquisição/aprendizagem do espanhol por brasileiros adultos* (Tese de doutoramento). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Gorlée, Dinda L. (2004). *On translating signs: Exploring text and semio-translation*. Amsterdam: Rodopi.
- Grosz, B. J., Joshi, A. K & Weinstein, S. (1995). Centering: A framework for modelling the local coherence of discourse. *Computational Linguistics*, 21(2), 203-225.
- Guimarães, Elisa (2005). *A articulação do texto* (9ª ed.). São Paulo: Editora Ática.
- Guimarães, Elisa (2009). *Texto, discurso e ensino*. São Paulo: Contexto.
- Halliday, M. & Hasan, R. (1976). *Cohesion in English*. London: Longman.
- Hasan, R. (1984). Coherence and cohesive harmony. In J. Flood (Ed.), *Understanding reading comprehension: Cognition, language, and the structure of prose* (pp. 181-219). Newark, DE: International Reading Association.

- Harweg, R. (1968). *Pronomina und textkonstitution*. München: Fink.
- Himmelman, Nikolaus P. (1998). Documentary and descriptive linguistics. *Linguistics* 36, 161-195.
- Hoey, Michael (1991). *Patterns of lexis in text*. Oxford: Oxford University Press.
- Huang, C.-T. J. (1984). *On the distribution and reference of empty pronouns*. *Linguistic Inquiry*, 15(4), 531-574.
- Huang, C.-T. J. & Li, Y.-H. A. & Li, Yafei (2009). *The syntax of Chinese*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Huang, Yan (1994). *The syntax and pragmatics of anaphora: A study with special reference to Chinese*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Huang, Yan (2000). Discourse anaphora: Four theoretical models. *Journal of Pragmatics*, 32, 151-176.
- Kenedy, Eduardo & Mota, Carla (2012). Orientação de anáforas nulas e pronominais para sujeitos e tópicos no PB. *Revista Lingüística/Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, 8(2), 159-172.
- Kleiber, Georges (2001). *L'anaphore associative* (1ª ed.). Paris: PUF.
- Koch, I. G. V. (2012). *A coesão textual*. São Paulo: Contexto.
- Koch, I.V. & Marcuschi, L. A (2002). Progressão referencial na língua falada. In M. B. Abaurre & A. C. S. Rodrigues (Orgs.), *Gramática do português falado, Vol. VIII* (pp. 31-56). Campinas: Editora da Unicamp.
- Levine, W., Guzmán, A. & Klin, C. (2000). When anaphora resolution fail. *Journal of Memory and Language*, 43(4), 594-617.
- Li, Charles N. & Thompson Sandra A. (1976). *Subject and topic: A new typology of language*. New York: Academic Press.
- Li, Charles N. & Thompson Sandra A. (1979). Third-person pronouns and zero-anaphora in Chinese discourse. In T. Givón (Ed.), *Syntax and semantics: Discourse and syntax, Vol. 12* (pp. 311-335). London: Academic Press.
- Li, Charles N. & Thompson, Sandra A. (1989). *Mandarin Chinese: A functional reference grammar*. California: University of California Press.
- Li, Wendan. (2005). *Topic chains in Chinese: A discourse analysis and application in language*

- teaching*. Muenchen: Lincom Europa Academic Publications.
- Lima, M. L. C. (2003). Artigo indefinido e anáfora. In E. M. Morato, A. C. Bentes & M. L. C. Lima, *Cadernos de estudos linguísticos, Vol. 44* (pp. 133-141). Campinas: Unicamp/IEL.
- Lobo, Maria (2013). Dependências referenciais. In E. B. P. Raposo *et al.* (Orgs.), *Gramática do português, Vol. II* (pp. 2177-2227). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lobo, Maria (2013). Sujeito nulo: Sintaxe e interpretação. In E. B. P. Raposo *et al.* (Orgs.), *Gramática do Português, Vol. II* (pp. 2309-2334). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Longacre, R. E. (1979). The paragraph as a grammatical unit. In T. Givón (Ed.), *Discourse and syntax, Vol. 12* (pp. 115-34). New York: Academic Press.
- Lopes, A. C. M. (2005). Texto e coerência. *Revista Portuguesa de Humanidades*, 9(1/2), 13-33.
- Lopes, A. C. M. & Carapinha. C. (2013). *Texto, coesão e coerência*. Coimbra: Edições Almedina, S.A.
- Martins, M. C. C. E. (2001). *Anáfora associativa – Algumas questões* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.
- Mendes, Amália (2013). Organização textual e articulação de orações. In E. B. P. Raposo *et al.* (Orgs.), *Gramática do português, Vol. II* (pp. 1691-1817). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Milner, Jean-Claude (2003). Reflexões sobre a referência e a correferência. In M. M. Cavalcante, B. B. Rodrigues & A. Ciulla (Orgs.), *Referenciação* (pp. 85-130). São Paulo: Contexto.
- Mondada, Lorenza & Dubois, Daniele (2003). Construção de objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação. In M. M. Cavalcante, B. B. Rodrigues & A. Ciulla (Orgs.), *Referenciação* (pp. 17-52). São Paulo: Contexto.
- Nasufi, Eldina (2008). La lecture en le et le rôle de l'anaphore: Exemple de lecture d'un texte en français. *Les Cahiers de L'Acedle*, 3, 115-125.
- Pereira, I. S. P. (2004). A referência anafórica discursiva: Um processo cognitivo linguisticamente (pré)configurado. In I. Duarte & I. Leiria (Orgs.), *Actas do XX*

- Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 267-278.
- Raposo, Eduardo & Miguel, Matilde (2013). Introdução ao sintagma nominal. In E. B. P. Raposo *et al.* (Orgs.), *Gramática do português, Vol. I* (pp. 703-731). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Riegel, M., Pellat, J. C. & Rioul, R. (1994). *Grammaire méthodique du français*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Rozendaal, Margot & Baker, Anne (2010). The acquisition of reference: Pragmatic aspects and the influence of language input. *Journal of Pragmatics*, 42(7), 1866-1879.
- Schiffirin, D. (1987). *Discourse markers*. London: Cambridge University Press.
- Serratrice, L. (2007). Cross-linguistic influence in the interpretation of anaphoric and cataphoric pronouns in English-Italian bilingual children. *Bilingualism: Language and Cognition* 10(3), 225-238.
- Siepmann, D. (2005). *Discourse markers across languages: A contrastive study of second-level discourse markers in native and non-native text with implications for general and pedagogic lexicography*. London e NY: Taylor & Francis Routledge.
- Silva, Tony (1990). Second language composition instruction: Developments, issue, and direction in ESL. In Barbara Kroll (Ed.), *Second language writing-research insights for the classroom* (pp. 11-23). Cambridge: Cambridge University Press.
- Tanskanen, S.-K. (2006). *Collaborating towards coherence: Textual cohesion in English discourse*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins.
- Tao, Liang, & Healy, A. F. (2005). Zero anaphora: Transfer of reference tracking strategies from Chinese to English. *Journal of Psycholinguistic Research*, 34(2), 99-131.
- Tedesco, M. T. V. A. (2014). Referenciação e níveis de letramento na escrita de estudantes das séries finais do ensino básico brasileiro: uma amostra do Rio de Janeiro. In Ángel Marcos de Dios (Ed.), *La lengua portuguesa: Vol. II: Estudios lingüísticos* (pp. 23-36). Ediciones Universidad de Salamanca.
- Tien, A. (2010). The semantics of human interaction in Chinese e-communication. In Rotimi Taiwo (Ed.), *Handbook of research on discourse behavior and digital communication: Language structures and social interaction* (pp. 437-467). New York: Hershey.

- Toldo, Claudia & Rocha, Neusa (2009). O comportamento dos demonstrativos na organização dos enunciados. In Carmem Luci da Costa Silva *et al.* (Orgs.), *Teorias do discurso e ensino* (pp. 153-173). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Veenstra, Alma (2010). *Subject anaphora in the L2 Dutch of native Italian speakers* (Dissertação de mestrado). University of Groningen, Groningen.
- Weinrich, H. (1973). *Le temps*. Paris: Seuil.
- Wubs, E., Hendriks, P., Hoeks, J., & Koster, C. (2009). Tell me a story! Children's capacity for topic shift. In J. Crawford, K. Otaki & M. Takahashi (Eds.), *Proceedings of the 3rd conference on generative approaches to language acquisition north America* (GALANA, 2008) (pp. 313-324). Cascadilla Proceedings Project, Somerville, MA.
- Xiong Xueliang (1998). First person zero anaphor as a cognitive unit in Chinese. *Word*, 49(3), 383-401.
- Xu, Jiujiu (2003). *Anaphora in Chinese texts*. Beijing: China Social Sciences Press.
- Zhang Jianbo (2008). *Nomes nus e classificadores do chinês mandarim: Uma análise a partir da tipologia linguística sobre os sintagmas nominais* (Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Zhao, Shanheng & Ng, Hwee Tou (2007). Identification and resolution of Chinese zero pronouns: A machine learning approach. In *Proceedings of the 2007 Joint Conference on Empirical Methods in Natural Language Processing and Computational Natural Language Learning* (pp. 541-550). Prague: Association for Computational Linguistics.
- Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas: Aprendizagem, ensino, avaliação* (2001). Porto: Edições Asa.
- A Princesa Carlota*. Disponível em <http://lendasecalendas.omeuforum.net/t352-a-princesa-carlota-conto-tradicional>. Acedido a 4 de maio de 2017.
- Homem atropelado na passadeira fica ferido com gravidade*. Disponível em <http://www.jn.pt/local/noticias/aveiro/espinho/interior/homem-atropelado-fica-ferido-com-gravidade-7201857.html>. Acedido a 4 de maio de 2017.
- Lenda da Cova Encantada ou da casa da Moura Zaida*. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$lenda-da-cova-encantada-ou-da-casa-da-portugues-](https://www.infopedia.pt/$lenda-da-cova-encantada-ou-da-casa-da-portugues-)

ingles/bilha. Acedido a 13 de novembro de 2016.

Mulher atirou-se de ponte com filho ao colo. Disponível em <http://www.jn.pt/local/noticias/braga/barcelos/interior/mulher-atirou-se-da-ponte-com-filho-ao-colo-5233550.html>. Acedido a 4 de maio de 2017.

Sismo no centro de Itália fez mais de 200 mortos. Disponível em <http://www.jn.pt/mundo/interior/sismo-de-62-no-centro-de-italia-fez-tres-mortos-5353456.html#ixzz4Oh4JKHhQ>. Acedido a 31 de outubro de 2016.

Anexos

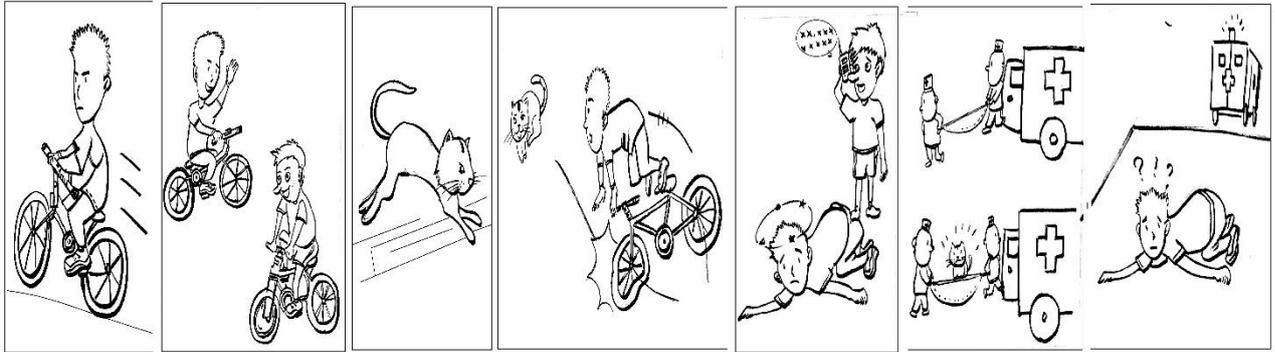
Anexo I. – Contar uma história	110
Anexo II. – Perfil dos Informantes – Falantes Não Nativos	111
Anexo III. – Perfil dos Informantes – Falantes Nativos	113
Anexo IV. – Declaração	114
Anexo V. – Textos dos aprendentes chineses de B1	115
Anexo VI. – Textos dos aprendentes chineses de C1	118
Anexo VII. – Textos dos alunos portugueses	123

Anexo I.

Nome:

Nível:

Conta uma história de acordo com as imagens abaixo.



vocabulário: ambulância (救护车)

Anexo II.

Perfil dos Informantes – Falantes Não Nativos

Nome: _____

Data de preenchimento:

Data de nascimento: _____

Sexo: masculino

Nacionalidade: _____

feminino

Língua materna: mandarim cantonês wu sichuanês Outro dialeto: _____

Língua de escolarização: _____

País em que nasceste: _____

Outros países em que viveste:

Quanto tempo?

São intercambistas do curso de cultura e língua portuguesa nas faculdades chinesas?

Sim. Em que ano do curso? _____

Não

Outra(s) língua(s) que conheças/estudas para além do português

Excepto ao português, indica a língua estrangeira que tens a maior proficiência (que falas melhor).

A1 A2 B1 B2 C1 C2

Onde aprendeste a falar português?

Na China

Nos países lusófonos (Portugal, Brasil, Moçambique, Angola,

etc.)

A) em casa

A) na escola

B) na escola

B) na empresa

Os outros: _____

Quanto tempo começaste a aprender português?

Fora das aulas, falas regularmente com alguém em português? Com quem? Familiares, amigos, colegas e os outros?

Anexo III.

Perfil dos Informantes – Falantes Nativos

Nome: _____ Data de preenchimento: _____

Data de nascimento: _____ Sexo: masculino

Nacionalidade: _____ feminino

Curso que frequentas: _____

Habilitações literárias: _____

Tinha formação/estás formado(a) em linguística? sim não

Língua(s) materna(s): _____

Língua de escolarização: _____

As língua(s) estrangeiras que conheças/estudas.

Depois da(s) sua(s) língua(s) materna(s), indica a língua estrangeira que tens a maior proficiência.

_____ A1 A2 B1 B2 C1 C2

Anexo IV.

Declaração

Eu, _____, autorizo que os materiais produzidos por mim no âmbito da recolha do corpus para tese de mestrado de “Português como Língua Estrangeira e Língua Segunda (PLELS)”, desenvolvido na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sejam utilizados para estudos na área do português como Língua estrangeira e Língua segunda.

Data: _____

Assinatura: _____

Anexo V.

Ontem, o João foi à escola na bicicleta. Ele encontrou um amigo. Neste momento um gato corriu à frente da sua bicicleta. O João parou imediatamente e caiu no chão. O seu amigo chamou a ambulância. No entanto, depois de chegar a ambulância, os empregos trouxeram um gato e deixaram o João no chão. (B1_1)

Um rapaz está a andar a bicicleta com o velocidade rapidamente, fica muito divertido. De repente, existe um gato e passa pela rua. O rapaz não o vê porque está com o velocidade rapidamente. Ele caiu no chão, não podia se levantar. À seguir, tem um rapaz queria ajudá-lo e chama a ambulância. Quando a ambulância chegou, eles salvam o gato mas não o salvam. (B1_2)

Um dia, o Miguel estava a andar o bicicleta no jardim. O Miguel viu um amigo e conversava com ele. Neste momento, um gato correu ao lado do Miguel. Porque o Miguel não viu o gato, ele caiu na rua. O Miguel ficava muito mal e estava a fanicar. O amigo telefonou à ambulância. Mas a ambulância não salvou o Miguel. (B1_3)

Normalmente o João gosta de andar a bicicleta ao fim de semana, ontem enquanto ele andava a bicicleta, encontrou o amigo dele – Pedro. O João fez um cumprimento ao Pedro. De repente, um gato apareceu na Rua e, travessando a rua, o João quis afastar o gato, por isso ele caiu no chão. Nesse altura, o Pedro chama 112 para ajudar o João. Passou um pouco tempo, a ambulância chegou. Mesmo que os enfermeiros cheguem, eles salvam o gato, e depois saíram dessa rua. O João ainda apanhava na rua. Actualmente, o Pedro chamou veterinário. (B1_4)

Ontem da tarde, o João esteve a andar um bicicleta pelo caminho no campo. Enquanto ele cumprimenta pelo amigo dele, o José, que também andava um bicicleta e passava, um gato corria rapidamente por eles. O João cortava imediatamente, por isso, o gato ficava bem próprio. Mas o João caiu no chão e teve dor com cabeça. E depois, o José telefonava para o hospital e chamava uma ambulância. É interessante que os enfermeiros trouxeram o gato e saíram. Ninguém teve cuidado pelo João. (B1_5)

Um dia o João andou bicicleta na avenida e encontrou a colega Tiago também andou bicicleta. O João queria falar alguns com Tiago. Mas um gato estava na rua ele não viu. quando ele viu, ele parou em breve. Mas o João caiu da bicicleta. O Tiago telefonou ao hospital em breve. não porque o João estava sentir mau. ele telefonou do hospital porque o gato estava ter doente, quando a ambulância chegou eles trouxeram o gato mas o João ainda estava no chão. quando o João acordava, a ambulância já saiu. O João não sabe que aconteceu... (B1_6)

Ontem, o João estava a andar a bicicleta na rua e encontrou o Mark. O Mark também estava a andar a bicicleta. Eles cumprimentavam e, de repente, um gato corria e atravessava a rua. O João foi surpreendido pelo gato e caiu da bicicleta. O Mark parou e telefonou ao hospital. Depois, uma ambulância chegou, os enfermeiros salvaram o gato e deixaram o João no chão. (B1_7)

Um menino que monta uma bicicleta na rua. Ele disse “olá!” com o seu amigo, de repente, o gato ressaltou na rua. O menino tocou o gato, o seu amigo telefonou para o hospital. A ambulância para aqui rápida, mas os médicos trazem o gato para o hospital. O menino desmaiou, e estava confuso. (B1_8)

Um dia, um rapaz estava a andar a bicicleta para a escola na rua. E encontrou um amigo dele, quando ele falou com amigo dele, de repente, um gato correu enfrente dele. A rapaz estava a cair. Felizmente, uma pessoa que viu chamou a ambulância. Não há muito tempo, a ambulância chegou. Eles levaram o gato e deixaram o rapaz. Que estranho! (B1_9)

O João andava a bicicleta quando encontrei o António. O António disse que: “Olá, amigo, tudo bem?” O João respondeu: “Tudo bem. Antonio. ” neste momento, o gato pareceu, de repente, o João caiu. O João não pôde levantar-se. O António chamou a polícia imediatamente. Depois de 5 minutos, a ambulância chegou. Mas os enfermeiras trouxe o gato à hospital. O João não soube o que é que aconteceu, e ele estava no chão. (B1_10)

O João estava na rua de bicicleta para festa logo de noite. Ele estava muito contente e disse

“boa tarde” com amigo seu na rua. De repente, um gatinho apareceu, correndo, atravessando a rua em frente do João, ele não pôde parar e caiu da bicicleta. Um peão telefonou o hospital. Depois, uma ambulância chegou, e depois funcionários levantaram a maca com esse catinho e saiu. Deitou o João deitar na rua..... (B1_11)

Um dia, o menino chamou-se o João e ele estava a andar a bicicleta. Depois, ele encontrou-se o amigo dele que chamava-se Paulo. Eles falavam um pouco e depois, despediram. De repente, o gato correu e o João caiu a fora da bicicleta. Ele estava doente e um pessoa ia a ajudar. Ele chamou a ambulância, mas, as pessoas na ambulância levaram o gato para o hospital. O João ainda ficou aí sem ajuda. Foi um dia mal. (B1_12)

Um dia, o João estava a andar a bicicleta na rua. Quando ele viu o seu colega e cumprimentou ao seu colega, o gato apareceu e correu à frente do João. Como o João não o viu, ele aconteceu a acidente. Depois, o seu colega ajudou-lhe para chamar a ambulância. Mas a ambulância não via para salvar ele, o gato era salvo e a ambulância saiu. (B1_13)

Um dia o João estava andar na rua pela bicicleta. E ele encontrou o seu amigo, o Pedro. Eles conversaram-se um pouco tempo. Neste momento, o gato ocorreu pelo jardim e supresou-os. O João caiu pela sua bicicleta e, por isso, estava doendo-lhe a sua cabeça. O Pedro chamou a ambulância para ajuda-lo. Quando a ambulância chegou, o João ainda ficava na terra. Mas os empregados não o viram e tomaram o gato para a ambulância. O João estava confuso por isso. (B1_14)

Há um menino está a andar a bicicleta, ele encontra o seu amigo quem também está a andar a bicicleta. Quando o menino está a falar com o seu amigo, um gato passa em frente do menino e ele não o vê o gato, por isso, o menino cai pela bicicleta e o seu amigo telefona e chama a ambulância. Quando a ambulância chega, os enfermeiros levam o gato para a ambulância e saiam, o menino ainda fica no chão e não compreenda porque acontece esta situação. (B1_15)

Anexo VI.

O Jorge gosta muito de fazer desporto, nomeadamente, andar de bicicleta. Um dia, ele anda de bicicleta para a casa depois de sair do trabalho como habitual. No caminho, depara com o seu amigo Rui. O Jorge levanta a mão para cumprimentar o Rui, sorrindo. De repente, um gato salta da relva ao lado da rua, dando um grande susto ao Jorge. Devido ao espanto, ele não controla bem a bicicleta e acaba por embater no gato. Ele cai no chão, ficando muito atordoado. Vendo este acidente, o Rui fica muito preocupado e telefona para o hospital de imediato. Rapidamente, a ambulância chega ao lugar onde aconteceu. Contudo, em vez de levar o Jorge, os enfermeiros levam o gato para dentro da ambulância. Tendo saído a ambulância, o Jorge volta à consciência e sente-se muito desorientado, deitado no chão. (C1_1)

Um dia, quando o João estava a andar de bicicleta, encontrou o seu amigo, o Afonso. O João acenou-lhe a mão e o Afonso também lhe deu um sorriso em troca. Dando dois dedos de conversa, de súbito, um gato surgiu no caminho. Para não embater no gato, com precipitação de mudar de direção, o João caiu da bicicleta. O Afonso telefonou imediatamente para chamar a ambulância. A ambulância chegou em breve, mas, surpreendentemente, o que foi transportado ao hospital foi o gato, em vez do João. Em fim, o João deitava-se no chão solitária e perplexamente. (C1_2)

Um dia, o João andou de bicicleta para o parque, o vento era suave. Ele sentia-se bem. No caminho, Ele encontrou o seu amigo, o Pedro. O João estava e cumprimentou-o. No entanto, de repente, surgiu um gato. De facto, o João, tinha medo do gato, ele perdeu a balança e caiu ao chão. O Pedro estava preocupado com ele e ligou de imediato para o hospital. Em breve, a ambulância chegou, mas eles levaram o gato para o hospital. O João estava confuso e não sabia o que aconteceu. O ferido era ele, não era o gato. Ele pensava que talvez o Pedro ligasse para o hospital do animal. (C1_3)

Um dia, quando o pequeno João andava a bicicleta para a escola, ele apanhava a encosta e viu o seu amigo prestado José, o João gesticulou ao José, falou “Bom dia!” Mas de repente, um

gato surgiu, para evitar de gato, o João caiu no chão e sentia tonto, um peão chamou a ambulância por ele. Uns minutos depois, a ambulância chegou, os salvadores achavam que o gato foi chocado pelo João, então tiravam-no rapidamente. A ambulância saiu, e o pobre João ainda estava no chão, não sabia o que se aconteceu. (C1_4)

Um dia, o Nuno anda de bicicleta na rua. Encontrou-se com um colega que se chama Pedro. Quando o Nuno cumprimenta o colega, um gato por acaso surge. Então, o Nuno caí de bicicleta. Nesta situação, o Pedro liga com o hospital com depressa para chamar uma ambulância. O que mais engraçado é que quando a ambulância chega, leva o gato para hospital e deixa o Nuno lá rua. (C1_5)

Andando de bicicleta na rua, o menino encontrou um amigo dele e cumprimentou-lhe com muita alegria. De repente, um gato saltou diante deles. O menino curioso, ao vez o gato, largou a apanhou-o. Como se esqueceu de estar andar de bicicleta, caiu ao chão com o gato debaixo dele. O seu amigo de chamou a ambulância imediatamente com preocupação. Só que o menino acabou por se deitar no chão sem ajuda enquanto o gato foi transportado ao hospital de ambulância. (C1_6)

Um dia, o Nuno foi para a escola de bicicleta. No caminho, ele viu o seu colega o Pedro, que o odeava e ele o odeava em torno. Mas por causa da cortesia. Comprimentaram-se com sorrisos disfarçados. De repente, um gato preto saltou em frente do Nuno, fazendo o pobre rapaz cair no chão. O Nuno pediu socorro ao Pedro. porque não havia mais ninguém. O Pedro telefonou ao hospital dos animais estimados e saiu. Quando a ambulância chegou, os médicos pegaram no gato ferido e saíram, sem reparar o pobre Nuno no chão. O Nuno ficou com muitas dúvidas e com muito sofrimento no corpo. O Pedro andava de bicicleta no caminho, cantando e sorrindo. Que crianças! (C1_7)

Um dia o José estava a andar de bicicleta para a escola como habitualmente. Deparou com um amigo na rua e cumprimentaram-se. De repente um gato saltou de nada para frente da bicicleta, o que faz com que o José caísse da bicicleta. O amigo ligou de imediato para chamar uma

ambulância. Ao contrário do que imaginava o José, a ambulância veio buscar o gato para o hospital em vez de tratar do pobre José. No final, o José ficava até mais confuso e sentia mais tonto. (C1_8)

O João andava de bicicleta para casa, encontrou-se com o Mário no meio caminho. Eles cumprimentaram-se mutuamente. De repente, um gato apareceu em frente do João. Sendo mais rápida a velocidade, não conseguiu parar imediatamente. Então o rapaz caiu no chão, ficou magoado e tonto. O Mário chamou a ambulância depois de ver a situação. Quando os médicos chegaram, trouxeram uma maca. Em vez de levar o João, eles desapareceram com o gato são e salvo. Só restava o João muito surpreendido. (C1_9)

Um dia de manhã, o João estava a andar de bicicleta na rua quando viu o Pedro vir também duma bicicleta da outra direção e deu-lhe cumprimentos. De repente, surgiu um gato na rua em frente de João. Para que não bata no gato, ele parou bruscamente e caiu de bicicleta. Ficou ferido e tonto. O Pedro chamou para a ambulância. Mas quando a ambulância chegou, os médicos levam o gato e deixaram o João na rua, confuso. (C1_10)

Hoje é um dia maravilhoso, faz muito sol. O João passeia de bicicleta, e encontra o seu amigo Pedro que está no caminho de emprego. Quando fala com Pedro, de repente, desaparece com um gato na sua frente. Infelizmente, o João caiu da bicicleta. O Pedro chamou a ambulância. Mas quando eles chegaram, levam o gato que só apanhou susto, e o João deita-se no chão com dúvida. (C1_11)

Era um vez, o João estava a andar de bicicleta. Viu um amigo que não o tinha visto há muito tempo, por isso cumprimentou-o e acenou-lhe enquanto ainda estava a avançar. De repente, um gato apareceu e entrou na via de bicicleta. O João foi assustado e tentou parar imediatamente. Mas, foi tão rápido o que tinha acontecido. Foi impossível que parasse. A bicicleta bateu no gato, e o João caiu ao chão. Estando muito preocupado, o amigo do João telefonou ao hospital pediu-lhe para mandar uma ambulância ao sítio. Deitando-se no chão à espera da ambulância, o João estava mal-disposto demasiado. Logo chegou a ambulância. 2 enfermeiros saíram,

levando uma maca e aproximando com pressa. O João ficou um pouco descansado, porque tudo ia correr bem depois de chegar ao hospital. Porém, os enfermeiros seguraram o gato, que também foi ferido, na maca, e entraram na ambulância. Visto a ambulância ir-se embora, o João ficou no chão, não tendo ideia nenhuma do que se tinha passado. (C1_12)

Um dia de sol, o João dava um passeio de bicicleta pela cidade. Quando estava a apreciar a beleza da primavera, encontrou um colega que tinha a mesma ideia de sentir a transferência das estações. Naquele momento, apareceu, de repente, um galo do arbusto no lado da rua. Para o evitar atropelar, o João travou a bicicleta com grande esforço. No entanto, como aconteceu tão subitamente, caiu e magou-se. Vindo isso, o amigo ligou com imediação ao hospital para chamar socorros. Uns tempos depois, veio a ambulância. O que era engraçado é que os enfermeiros estavam tão rápidos que puseram o galo na maca, deixando o João no chão com a cara perplexa. (C1_13)

Um dia de sol, o Pedro foi dar uma voltinha pela cidade de Coimbra como costumava. Ao subir uma rua muito inclinada, encontrou o João que andava mal-humorado. O Pedro cumprimentou-o e perguntou porque é que o seu rosto estava cheio de borbulhas. O João, ficando ainda pior e sentindo uma vergonha desabalada, decidiu vingar a afronta. Ele mandou o seu gato “Tigre”, arrancar para o Pedro quando este estava a atravessar a passadeira. Por conseguinte, a bicicleta desviou-se e o seu dono caiu no chão. O pobrezinho desmaiou-se de enção e só uns minutos depois é que um passageiro ligou para o hospital mais perto do local. A ambulância tardou muito o seu aparecimento, mas o que fez com que o Pedro ficasse atordoado é que os enfermeiros levaram o Tigre, ignorando o Pedro a sanguear. Afinal, o João é filho do dono deste hospital. (C1_14)

Um dia das férias de verão, depois de acabar o trabalho para casa, o Pedro decidiu ir-se embora para andar de bicicleta como um exercício. E no caminho dum parque, ele encontrou com o seu melhor amigo João que também estava a andar de bicicleta, portanto, os dois meninos combinaram começar um jogo. O Pedro andou muito rápido e ganhou o primeiro lugar em breve, no entanto, uma acidente aconteceu. Enquanto o Pedro estava numa velocidade muito

alta, de repente, um gato saltou no caminho de bicicleta, o que assustou o menino e caiu na rua, ao mesmo tempo, o gato estava seguro. Mal visse esta situação, o João chamou ao hospital e uma ambulância chegou mais tarde. No entanto, o fim da história não se correu o Pedro tinha pensado, os médicos só trouxeram o gato e deixaram o Pedro no mesmo lugar. Se calhar, o cérebro deste menino esteve cheia de interrogação. (C1_15)

Anexo VII.

Num dia ensolarado, um rapaz saiu para passear de bicicleta na sua vizinhança. Durante o passeio o rapaz encontrou um amigo e por segundos de distração, estes não se aperceberam que um gato estava a atravessar a rua. Como estava com muita velocidade, um dos rapazes atropelou o pequeno gato. O outro rapaz chamou a ambulância, e quando esta chegou, levaram o gato e deixaram o outro rapaz para atrás. (N_1)

Um certo dia o menino Pedrito e o seu amigo Golias foram dar uma volta de bicicleta. Esteve a correr muito bem o passeio de bicicleta, até que, um gato atravessou a estrada à frente da bicicleta do Pedrito.

Pedrito não conseguindo reagir embateu contra um passeio o que fez com que cai-se e batesse com a cabeça no chão. O amigo Golias viu o seu amigo no chão e foi ao encontro dele, no entanto reparou que tinha perdido os sentidos, e ligou para o 112. Chegando a ambulância ao invés de levarem o Pedrito para o hospital levaram o gato que não apresentava qualquer ferimento. Contudo passado algum tempo Pedrito já consciente mas um pouco tonto acordou completamente confuso, sem saber o que se passava. (N_2)

O Miguel estava a andar de bicicleta na rua. Ele adorava andar de bicicleta e andava muito rápido e bem. Muitas vezes encontrava os seus amigos que também andavam de bicicleta. Certo dia, num dos seus passeios encontrou o seu amigo António e falaram um bocadinho. Depois continuou o seu passeio, no entanto ia um bocadinho distraído e rápido demais, quando de repente atravessou um gato à sua frente. O Miguel travou e foi projetado da bicicleta caindo ao chão. Um menino que estava a ver o acidente, chamou a ambulância que levou o gatinho para o veterinário deixando o Miguel confuso. (N_3)

O Pedro é um rapaz que gosta muito de andar de bicicleta, principalmente quando está zangado. Numa tarde, em que se chateou com a mãe, foi andar de bicicleta e durante o seu passeio encontrou um amigo, o que levou a que Pedro se distraísse e atropelasse um gato. Ao atropelar um gato, Pedro cai da bicicleta e magoa-se bastante, sendo que o seu amigo sentiu-se na

obrigação de chamar uma ambulância. Quando os bombeiros chegam vão buscar o gato e levam-no para dentro da ambulância, que, deste modo, será direcionado para um hospital veterinário. Pedro fica indignado, apesar de ficar contente pelas pessoas cuidarem do gato, fica triste por ser ignorado e, ninguém querer saber como ele está. Pedro vai para casa, e é cuidado pela sua mãe e, desta forma, fizeram as pazes. (N_4)

Um dia, um menino andava de bicicleta, como fazia todas as quartas-feiras à tarde. Como de costume, encontrou-se com um amigo. Distraído bate num muro onde estava um gato a descansar. Seguido ao acidente, que magoou o menino, o amigo liga para o número de ajuda. As ambulâncias chegam com dois voluntários, que em vez de socorrerem o menino, socorrem o gato que estava em cima do muro, deixando o menino incredulo no chão. (N_5)

Certo dia, o Luís tendo combinado ir ter com o seu amigo de infância, e como infelizmente ele teve de ir embora mais cedo, um gato atravessa-se no seu caminho e devido a essa surpresa, o Luís encontra um muro em que bate e acaba por cair no chão magoado. Um peão que ia a passar na rua vê o sucedido e decide ligar a uma ambulância para assim prestarem ajuda. Quando a ambulância chega vê apenas o gato traumatizado e decide prestar auxílio apenas ao felino deixando assim o Luís no chão magoado e confuso. (N_6)

Um dia, o João foi dar uma volta de bicicleta e pelo caminho encontrou um amigo e cumprimentou-o acenando-lhe. Continuando o seu caminho, de repente atravessou um gato à sua frente, fazendo com que ele travasse, levando-o a cair da bicicleta contra o chão. O seu amigo ligou para 112 e entretanto a ambulância chegou, só que em vez de socorrer o pobre rapaz, socorreram o gato e levaram-no para o hospital. Ficando o rapaz caído no chão sem entender a situação. (N_7)

O João foi andar de bicicleta para o parque perto de sua casa, e pelo caminho encontrou o seu amigo Miguel. Ao cumprimentar o seu amigo, distraiu-se e não viu o gato que se colocou à sua frente, acabando por cair da bicicleta. O seu amigo Miguel ficou preocupado e ligou para o hospital a pedir uma ambulância. Mas para espanto do João, quando a ambulância chegou

com os paramédicos, estes foram ajudar o gato em vez do João. A ambulância partiu, deixando o João confuso e dorido no chão. (N_8)

Um rapaz foi um dia andou de bicicleta, enquanto um amigo pelo caminho. Mais à frente, um gato atravessou-se-lhe à frente, o que levou o rapaz a perder o controlo e caiu da bicicleta. Um amigo que por ali passava chamou uma ambulância. Quando a ambulância chegou, os paramédicos levaram o gato, em vez do rapaz que ficou caído no chão, interrogando-se acerca da situação. (N_9)

O Diogo decidiu andar de bicicleta e encontrou o seu amigo João. Após se encontrarem, um gato atravessou-se à frente deles e o Diogo caiu. O João decidiu que deveria telefonar para a ambulância, mas para surpresa de todos, os socorristas levaram o gato em vez do Diogo. O “pobre” do Diogo ficou estendido no chão e estava muito confuso com a situação. (N_10)

Era uma vez um menino que estava muito bem a andar de bicicleta, encontrou um amigo e estiveram a conversar. Entretanto passa um gato **o menino** como estava distraído a falar com o seu amigo, **atropela** o gato e cai no chão, o amigo ficou preocupado e chamou a ambulância. Quando a ambulância chegou, quem levaram para o hospital foi o gato. O menino ficou muito surpreendido. (N_11)

Benjamim, rapaz brincalhão e divertido, costuma andar de bicicleta pela sua rua. Certo dia, ao passar-lhe um gato à frente, cai e magoa-se, Manuel (o seu amigo) decide ligar à ambulância para que Benjamim receba os cuidados de que necessita. Porém, ambos ficam espantados e admirados quando percebem que quem foi receber cuidados hospitalares, na verdade, foi o gato. Moral da história os animais deviam ter tantos direitos quanto nós. (N_12)

Certo dia, estava um rapaz a passear de bicicleta pela vizinhança e enquanto o fazia surgiu-lhe um gato no caminho fazendo com que o rapaz caísse aleijando-se. O amigo que ele encontrou, também de bicicleta assistiu ao sucedido chamando uma ambulância. O curioso da situação é que no momento em que a ambulância chegou o paciente tratado foi o gato deixando o rapaz

bastante confuso. (N_13)

Era uma vez um menino que gostava de andar de bicicleta. O menino arranhou um amigo que também gosta de andar de bicicleta e passavam tardes a brincar. Um dia, enquanto o menino estava a andar de bicicleta, um gato atravessou-se à sua frente e o menino caiu. O seu amigo então telefona para a ambulância e quando esta chega leva o gato em vez do menino, deixando-o confuso. (N_14)

O João andava feliz a passear com a sua nova bicicleta quando, por sorte, viu o Pedro também a passear no fim daquela tarde de verão. O Doraemon, gato irrequieto de vizinho, pulou para o meio da estrada e fez o João travar a fundo. Que travagem tão grande! Que fez com que o João caísse ao chão e se aleijasse. O Pedro imediatamente chamou uma ambulância para o gato que ficou amedrontado com o susto que apanhou. Felizmente tudo estava bom com o Doraemon! O João é que não estava bem mas isso não interessa para nada. (N_15)